

GIANE MARIA GIACON

O PARAGUAI DE ROA BASTOS: HISTÓRIA E CRÍTICA SOCIAL

Assis

2013

GIANE MARIA GIACON

O PARAGUAI DE ROA BASTOS: HISTÓRIA E CRÍTICA SOCIAL

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a
obtenção do título de Mestre em História
(Área de Conhecimento: História e
Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto
Sampaio Barbosa

Assis

2013

G429p Giacon, Giane Maria

O Paraguai de Roa Bastos: crítica social e história / Giane Maria Giacon. – 2013.

141 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2013.

Orientação: Prof^a. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa.

1. Augusto Roa Bastos. 2. Ditadura Stroessner. 2. História Paraguiaia. I. Título.

CDD: 900

*Não me peças que me
cale*

*Naquilo que mais eu
canto*

*Das lembranças que me
valem*

Alegrias e espantos

AGRADECIMENTOS

Agradecer às pessoas ao final de uma jornada é sempre honroso e ao mesmo tempo doloroso. Honroso, pois reconhecer o papel das pessoas em nossa jornada significa oferecer o trabalho a todos que contribuíram e dizer: - Essa conquista também é de vocês. E ao mesmo tempo é admitir que nenhum de nós fosse tão bom quanto nós todos juntos. Agradecer também é doloroso, pois fica a sensação de que estamos esquecendo alguém. Se navegar, como diz o poeta é preciso, também agradecer, o é. Portanto, demos honra a quem é de direito.

Agradecemos:

a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita pela formação teórico-metodológica nos cursos de Graduação e Pós Graduação;

ao meu orientador Professor Doutor Carlos Alberto Sampaio Barbosa, que ao longo desses nove anos de orientação teve muita paciência e crença em meu potencial, pois ele sempre me incentivou a não desistir. Que viu algo de muito grande naquela menina de 17 anos que frequentava sua disciplina optativa;

a minha mãe Eliane Maria de Oliveira Giacon por me acompanhar na caminhada do conhecimento desde as primeiras letras até a realização desse trabalho. Por acreditar em mim sempre com uma força sobre humana e ser meu apoio incondicional em toda vez, que eu desacreditava de tudo;

ao meu pai Claudemir Giacon por me ensinar que a vida lá fora seria sempre dura e que a coragem é arte de vencer ao próprio medo,

a minha irmã Graziane Maria Giacon, por provar, que, na vida podemos tudo, mesmo quando não há saída. E a vida para ela sempre é um possível ressurgir das cinzas em meio ao caos. E ao final ela pode gritar e cantar: Valeu a pena, eh, eh!

ao meu avô Carmelindo Luiz de Oliveira, que tinha apreço pelo estudo e teria maior orgulho de me ver agora neste lugar. Infelizmente a sua jornada terminou antes que eu pudesse dizer tudo que sentia por ele;

aos amigos de Nova Andradina, agradeço pela compreensão da minha ausência justificada nos churrascos, nos tererés e na convivência cotidiana e que abnegaram de me chamar para sair, pois sabiam que eu precisava da solidão para atingir meus objetivos;

ao Professor Doutor Carlos Eduardo Jordão Machado, que elucidou meu trabalho com as ideias de Antonio Candido na relação texto e contexto;

ao Professor Doutor Milton Carlos Costa, que deu uma guinada em meu trabalho, na banca de qualificação, quando me sugeriu que Augusto Roa Bastos era muito mais do que eu pensava e as preocupações do escritor estavam além da ditadura Stroessner;

ao bibliotecário Auro Sakuraba da UNESP de Assis, que com sua paciência e eficiência tornaram possível esse trabalho, pois sem as fichas amarelas (fichas de Intercâmbio) nada disso seria realizado;

aos amigos da pós-graduação: Talita Sauer, Guilherme Queiroz, André Matos, Rafael Antunes, Alexandre Andrade, Bruno Sanches, Danilo Ferrari, Heraldo Galvão, Leonardo Bruno, Igor Ramos Guedes (especialista em Thompson) e Gabriel Boscariol, que fizeram o período de disciplinas algo proveitoso com as discussões acadêmicas e fortalecimento dos laços de amizade;

aos meus diretores Edvaldes Dias Tavares e Fábio Zanata, que flexibilizaram meu horário para que eu pudesse fazer o mestrado;

aos acima citados e aos ausentes o meu muito obrigado de coração.

GIACON, Giane Maria. **O Paraguai de Roa Bastos: crítica social e história.** Dissertação de Mestrado em História. 2013.141p. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. UNESP. Campus de Assis.

RESUMO

A literatura robastiana sai da estante dos clássicos literários e vem a público, a fim de demonstrar sua face historiográfica e intelectual, quando expõe os vícios políticos, os medos, a cultura da sociedade paraguaia em seus “anos de chumbo”. Este trabalho visa entender a visão da ditadura estronista e da história paraguaia construída pelo escritor, roteirista e crítico literário Antonio Augusto Roa Bastos, que ganhou o mundo das letras com sua obra prima *Yo, el Supremo* (1974) que se constituiu uma mordaz crítica ao autoritarismo paraguaio. Este intelectual se tornou ícone da literatura paraguaia e latino-americana pela sua qualidade técnica, mas também, pela escrita compromissada desenvolvida ao longo de sua carreira literária. O exílio forçado de 1947 até 1994 tornou este escritor um cidadão do mundo e permitiu que sua visão da realidade se tornasse ampla, pois as fronteiras territoriais se apagaram. O ponto de partida de sua escrita compromissada é sua terra natal: o Paraguai, do qual, discute seus problemas políticos e sociais por meio dos fatos históricos. Por fim, em seus textos representa situações comuns ao continente americano como sendo traços de uma sociedade autoritária e violenta, na qual o sofrimento humano e a resistência política estão enraizados. Além das propostas citadas há a intenção de compreender a posição do intelectual Roa Bastos frente ao regime estronista por meio da crítica social empreendida pelo autor nos romances *Yo, el Supremo* (1974) e *El Fiscal* (1993). Ler-se-á o contexto político que produziu essas obras. Para tanto é preciso compreender a realidade política paraguaia retratada pelo romancista, pois, a nosso ver é preciso conhecer o cenário político paraguaio, no qual a obra foi gestada. Cabe ressaltar que essa realidade política foi marcada pelo autoritarismo ao longo do século XX. Para efeito desta pesquisa, que originou o texto, que se segue, foi preciso contextualizar um período entre 1917 e 1994, a fim de que fosse possível entender a trajetória pessoal e intelectual de Roa Bastos e ao mesmo tempo, ler o contexto ditatorial que predominou no Paraguai do período citado. Como referencial teórico metodológico para este trabalho valer-se-á dos estudos: de Roger Chartier (1998), Noé Jitrik (1995); das abordagens sobre a relação entre história e literatura de Antonio Candido (2000); e por fim do conceito de Exílio de Eduard Said (2003).

Palavras chaves: Augusto Roa Bastos, Ditadura Stroessner, história paraguaia.

Giacon, Giane Maria. Paraguay Roa Bastos: social criticism and history.2013.141p. Dissertation in History. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". UNESP. Campus of Assis,

ABSTRACT

The literature robastiana out the shelf of literary classics and goes public in order to demonstrate their intellectual and historiographical face when exposes the political vices, fears, culture of Paraguayan society in his "years of lead". This work aims to understand the vision of the dictatorship stronista and history built by Paraguayan writer, screenwriter and literary critic Antonio Augusto Roa Bastos, who won the world of letters with his masterpiece *I, the Suprem* (1974) which was a scathing critique of authoritarianism in Paraguay. This intellectual became an icon of Paraguayan literature and Latin American for its technical quality, but also committed for writing developed throughout his literary career. The forced exile from 1947 until 1994 this writer became a citizen of the world and allowed his vision of reality became wide as territorial boundaries faded. The starting point of your writing committed is their homeland: Paraguay, which discusses his political and social problems through the facts history. And finally writer in his texts, represents situations common to the American continent as traces of a violent and authoritarian society in which human suffering and political resistance are rooted. Besides the above mentioned proposals is the intention of understanding the intellectual Roa Bastos opposite regime stronist through social criticism undertaken by the author in the novels *I, the Suprem* (1974) and *El fiscal* (1993). Reading will be the political context that produced these works. For this it is necessary to understand the political reality portrayed by Paraguayan novelist because, in our view it is necessary to know the scenario Paraguayan politician, in which the work was gestated. Note that this political reality was marked by authoritarianism throughout the twentieth century. For purposes of this research, which originated the text that follows, it read a period between 1917 and 1994 in order to make it possible to understand the personal and intellectual trajectory of Roa Bastos and while reading the context of dictatorship that prevailed Paraguay at the mentioned period. As a theoretical framework for this work will be worth of studies: Roger Chartier (1998), Noé Jitrik (1995); approaches on the relationship between history and literature of Antonio Candido (2000); and finally the concept of Exile Eduard Said (2003).

Keywords: Augusto Roa Bastos, Dictatorship Stroessner, Paraguayan history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I AUGUSTO ROA BASTOS: O EXILADO DE VÁRIAS PÁTRIAS.....	35
1. Augusto Roa Bastos: o cidadão paraguaio.....	35
1.2. Augusto Roa Bastos: o escritor.....	40
1.3 O Contexto Histórico e os Primeiros Escritos de Roa Bastos (1930-1960).....	43
1.4 O Regime Stronista e suas características.....	55
1.5 A Resistência e a Escrita do Poder de Roa Bastos (1960-1990).....	60
1.6 Resistência e sistema de repressão.....	62
1.7 Augusto Roa Bastos e a Releitura da Ditadura em Período Democrático (1993- 2002)....	67
CAPÍTULO II <i>YO, EL SUPREMO</i> "MANIFESTO POLÍTICO, CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA HISTÓRIA.....	73
1. O romance como espaço político.....	73
1.1 A estrutura narrativa de <i>Yo, El Supremo</i> e seus labirintos.....	77
1.1.1 A história feita nas margens.....	83
1.1.2 Francia e a geração de 900.....	89
1.1.3 Francia e o Revisionismo Histórico.....	90
2. A história feita pelas margens.....	91
2.1 História feita pelos marginais.....	101
3. Crítica ao poder: muito além do ontem.....	107

CAPÍTULO III EL FISCAL: UM ROMANCE PARA NÃO FECHAR FERIDAS.....	113
1.Estudo do romance.	115
2.Abrindo Feridas: efeitos ditadura.....	116
3.Adentrando o covil do estronismo.....	120
4.Resistir ou perecer: apontamentos de uma crítica social.....	125
5.A história por Roa Bastos.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
FONTES.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	136

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende analisar os romances *Yo, el Supremo* ¹ (1974), e *El Fiscal* ² (1993) do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos sob as duas perspectivas: a intelectual que consiste em compreender a posição do autor sobre a realidade paraguaia por meio da análise da crítica social presente nas obras; e na segunda perspectiva no que tange a essas fontes, que serão entendidas pela perspectiva historiográfica, pois se buscará verificar o diálogo que os romances citados travam com a produção historiográfica paraguaia e a memória coletiva.

Para que esses pressupostos possam ser realizados, este estudo apresentará a seguinte organização: discussão dos conceitos de exílio, intelectuais e representação; justificativa, hipóteses, objetivos, periodização, balanço historiográfico referente ao regime de Alfredo Stroessner e o mapeamento dos estudos da obra de Roa Bastos no campo historiográfico e no literário.

Após essas discussões preliminares o trabalho se desenvolverá em três capítulos: o primeiro capítulo intitulado “Augusto Roa Bastos: o exilado de várias pátrias” visa apresentar a biografia do autor e sua produção literária atrelada ao contexto em que se produziram, para que seja possível entender a trajetória do intelectual, a fim de que esse conhecimento possa auxiliar as análises da crítica social presente nas fontes. O segundo capítulo intitulado “Yo, El Supremo: Manifesto social e construção de uma nova história” será discutida a relação do romance com a historiografia paraguaia e a posição do escritor frente ao autoritarismo. No terceiro capítulo intitulado “El Fiscal: romance para não fechar ferida” discutir-se-á a relação do romance e a construção da memória do regime estronista e a posição do escritor em relação à ditadura estronista.

A proposta do primeiro capítulo se dividiu em cinco partes: a primeira consiste em apresentar a biografia do autor referente aos anos de 1917 a 1931 que compreende ao período

¹ ROA Bastos, Augusto. **Yo, El Supremo**. Buenos Aires: Siglo XXI. Colección La Creación Literaria, 1974.

² ROA BASTOS. AUGUSTO. **El Fiscal**. Assunção: El Lector, 1993.

de seu nascimento até a escritura do primeiro trabalho Fulgêncio Miranda³ atrelado ao contexto político paraguaio. Em seguida serão discutidas as características da escrita compromissada de Roa Bastos

Na segunda será discutida a escrita literária de Augusto Roa Bastos a partir da organização em três fases intituladas: “Contexto histórico e os primeiros escritos de Roa Bastos”; “Resistência e a Escrita do Poder e Augusto Roa Bastos” e por fim “A Releitura da Ditadura em período democrático”.

A primeira fase “Contexto histórico e primeiros escritos” foi situada entre os anos de 1930 a 1960, quando a obra do escritor é caracterizada pela produção de contos, romances, crônicas e peças de teatro. Pelo seu contato com a geração de 1940 da Literatura Paraguaia, há um impulso na sua produção poética e sua escrita compromissada. Essa fase da escrita relaciona com o contexto histórico da Guerra do Chaco, durante o governo de Higinio Morínigo (1940 a 1948), quando o governante promove o exílio de grande parte da intelectualidade paraguaia dando fim a geração de 1940 e o início da ditadura de Alfredo Stroessner em 1954.

A segunda fase “Resistência e Escrita do Poder” iniciou em 1960 com a publicação do romance “Hijo de Hombre”⁴, durante essa fase a temática do poder estatal e seus excessos de se tornaram elementos de forte reflexão na prática do romancista. A reflexão do poder terá continuidade no romance *Yo, el Supremo* publicado em 1974 e um dos temas centrais de minha pesquisa. A crítica ao poder presente, nesta fase, foi fomentada pelo projeto intelectual latino-americano de pensar a realidade e aliado ao período de forte repressão do governo de Alfredo Stroessner ocorrida entre as décadas de 1960 e 1970.

A terceira fase “Augusto Roa Bastos e a Releitura da ditadura em período democrático” situada entre os anos de 1993 a 2000 caracteriza-se pela produção de romances utilizando a ditadura de Alfredo Stroessner como elemento histórico para compor a crítica social. Nesta fase, a relação entre história e memória se coloca como aspecto de reflexão. É importante observar, que o trato da memória nos romances dessa fase dialoga com o

³ Esta obra não foi publicada, seus originais se extraviaram após a apresentação no concurso literário realizado pelo Ateneo Paraguayo.

⁴ ROA BASTOS. Augusto. **Hijo de un Hombre**. Buenos Aires: Losada, Colección de Novelistas de Nuestra Época, 1960.

movimento dos direitos humanos em torno da política da memória, ao buscar expor um passado violento do Paraguai, a fim de que não venha a se repetir.

Nessa fase, se destacam os romances *El Fiscal*, segundo núcleo deste trabalho, *Contravida*⁵ e *Madama Sui*⁶ que trazem em seu enredo a memória do exílio e a mulher como personagem histórico, a fim de expor grupos marginalizados pela história oficial a exemplo de mulheres e imigrantes. E também para demonstrar a resistência ao regime e a violência do mesmo.

“No segundo capítulo intitulado *Yo, el Supremo*: manifesto social, construção de uma nova história” se dividirá em quatro partes: a primeira consiste em discutir a presença do elemento político na literatura latino-americana que se intensifica em três grandes momentos: em 1920, 1940 e 1960. O estudo desses anos nos permitirá compreender o contexto histórico que a produziu, bem como as características da literatura de cunho político para que seja possível entender a posição intelectual Augusto Roa Bastos em relação ao contexto político e social paraguaio.

Na segunda, analisar-se-á a fonte *Yo, EL Supremo* (1974) sob a perspectiva da organização do romance para que seja possível entender o enredo, pois a narrativa não apresenta uma ordenação linear, aumentando a complexidade de sua leitura. A falta de linearidade dessa narrativa segundo nossa hipótese leva a um questionamento: a não linearidade do enredo é apenas um recurso linguístico presente nas mudanças literárias dos anos 60 ou indica uma construção simbólica do poder paraguaio?

A terceira parte: “A história escrita nas margens” discutirá a historiografia paraguaia produzida em torno do personagem histórico e protagonista deste romance, José Gaspar Rodríguez de Francia para compreender o discurso oficial da história paraguaia, que o romancista Augusto Roa Bastos irá questionar. As informações vinculadas aos manuais de história paraguaios apresenta uma história política de grandes homens. Essa crítica realizada pelo escritor reside na forma que os fatos históricos são apresentados pela historiografia. Nas falas do personagem ficcional Francia, há o questionamento se realmente o evento aconteceu. Esse aspecto referente ao questionamento da verdade presente na história é demonstrado no trabalho do compilador que aparece nas margens do romance

A crítica a essa forma de história permitiu que ao longo do romance se construísse outra história do Paraguai, contada por personagens até então anônimos para a história estatal.

⁵ ROA BASTOS, Augusto **Contravida**. Assunção: El Lector, 1994.

⁶ ————. **Madame Sui**. Assunção: Alfaguara.1996.

Esse aspecto é demonstrado nas vozes anônimas, nos escritos anônimos e no caderno Privado existentes neste romance.

No terceiro capítulo intitulado El fiscal: um romance para não fechar feridas se dividirá em cinco partes: a primeira consiste num estudo da organização do romance, a segunda compreenderá os efeitos do regime sobre o exilado, a terceira consistirá em compreender o mapeamento que o romancista faz do estronismo, a quarta será estudada à crítica social ao regime e na última entender-se-á a visão de história desenvolvida pelo romancista.

Para a realização dessa análise, no último capítulo, serão utilizados como aporte teórico os seguintes textos: o trabalho de Roger Chartier⁷ intitulado *História Cultural entre Práticas e representações* para que se possa compreender a construção da visão de mundo presente na obra literária; neste sentido o artigo de Adriane Vidal Costa⁸ intitulado “Os intelectuais, o boom da literatura latino-americana e a revolução Cubana” foi de extrema importância para pensarmos o projeto intelectual no qual o escritor está inserido.

As relações entre história e literatura serão pensadas a partir dos conceitos de romance funcional formulada por Noé Jitrik⁹ e texto e contexto formulado por Antonio Candido¹⁰. Para Jitrik a criação de um romance funcional sugere compreender um conhecimento que se supõe incompleto ou deficiente. Ao longo da pesquisa pode-se perceber que tanto o personagem histórico José Gaspar Rodriguez de Francia quanto Alfredo Stroessner possuíam falta de estudos históricos críticos. Assim os romances de Roa Bastos se enquadram dentro desta perspectiva.

Candido argumenta que contexto histórico desempenha um papel relevante, na constituição da obra literária, pois o escritor está inserido num tempo e dele não se desvincula para escrever o texto literário, pode-se dizer que a escrita literária robastiana tem possibilidade de ser lida pelas alterações temáticas em relação à escrita do poder. Essa constatação poderá ser percebida porque em determinados momentos da produção de sua obra, o intelectual dirige sua

⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998

⁸ COSTA, Adriane Vidal. *Os intelectuais e o boom da literatura latino-americana e a revolução Cubana*. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*. v. 01 São Paulo, 2011.

⁹ JITRIK, Noé. *Historia e Imaginación literaria: las posibilidades de un género*. Buenos Aires: Biblos, 1995 p.70

¹⁰ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8 ed. -São Paulo: T.A Queiroz, 2000.

crítica ao poder institucional e em outros momentos a crítica social se insere na representação da resistência em confronto com o poder institucional.

O romance inicia com a descoberta de um pasquim na porta da Catedral de Encarnação que supostamente estava assinado pelo Ditador Perpétuo. Este documento um suposto testamento seria falso e conteria sua última vontade. Segundo esse panfleto o ditador Francia ordenou o que deveria ser feito com seu corpo após a sua morte. Neste panfleto dizia em primeiro lugar que o seu cadáver será decapitado e seus restos fossem jogados no rio e seus aliados devem ser punidos com enforcamento e seus corpos seriam jogados em terrenos baldios e que não haja nenhuma marca que rememore seus nomes.

Quem foi Francia, afinal? Ao longo dessa pesquisa percebeu-se que o personagem histórico José Gaspar Rodríguez de Francia possui interpretações historiográficas divergentes em torno de sua biografia. Essa situação pode ser explicada por dois fatores: o primeiro está na sua origem que ainda é controversa entre os historiadores paraguaios, pois a história desse governante é contada a partir de sua entrada na vida política paraguaia. Informações sobre Francia anterior ao seu governo são lacunares¹¹.

O segundo fator para o desencontro de informações sobre sua biografia está apenas no uso de relatos de estrangeiros como fonte nos primeiros trabalhos sobre o assunto gerando uma visão de história polarizada entre contrários e partidários à figura de Francia. No século XX esse tema passou a ser estudado de forma metódica com o recurso do uso de fontes documentais e por historiadores paraguaios.

O ditador, no romance, considera uma afronta o pasquim da porta da Catedral e passa a buscar o culpado. Ele ordena Patiño seu auxiliar que analise todos os documentos do Estado para achar o meliante pela comparação da letra. A partir deste fato, o enredo se ramifica em quatro direções¹²:

A primeira direção reside na trajetória política de Francia, que começa a ter visibilidade com a participação na junta governativa de 1811, cuja função é orientar o

¹¹ O debate sobre a produção historiográfica paraguaia sobre Francia será realizada neste trabalho com maior ênfase no capítulo dois.

¹² Esses fatos apresentados no enredo aparecem de forma não linear, essa divisão exposta acima servirá de baliza para melhor entendimento.

processo de independência paraguaia e os atritos entre esta Junta e governo Buenos Aires que desejava manter a hegemonia sobre este país independente.

A segunda direção da história consiste em descrever as relações entre Francia e os estrangeiros no país como é o caso dos irmãos Robertson, comerciantes, que ficaram um período, no Paraguai, e logo foram expulsos por Francia. Outro aspecto apresentado pelo romancista se refere às relações entre Francia e os países vizinhos (Brasil e Argentina), nas quais se percebe sua voraz defesa da soberania paraguaia, pois a todo o momento tenta livrar-se da dominação desses países levando o isolamento da pátria guarani.

A terceira direção consiste na descrição da estrutura autoritária da política paraguaia, com suas prisões e perseguições políticas a intelectuais, opositores e padres e as reflexões do personagem sobre o poder.

Na quarta direção está o debate historiográfico sobre as interpretações do personagem Francia que foi realizado pelos viajantes e pelo historiador Julio Cesar Chaves. Ao final do romance há um conjunto de versões de historiadores paraguaios sobre qual o fim dos ossos de Francia.

A abordagem proposta por Roa Bastos de demonstrar o personagem histórico em várias dimensões: política, pessoal, sendo que na historiografia seria uma forma de fazer análise sobre como o momento presente do autor em que aparece a representação do poder. Entendemos assim que com a obra houve a criação de uma nova versão de história, que contribuiu para ampliar o conhecimento incompleto sobre esse personagem.

Nessa situação de incompletude em relação à história paraguaia, o romance *Yo El Supremo* (1974) é uma fonte valiosa, pois é publicada no momento em que o conhecimento histórico ainda é falho, e a literatura coloca sua posição frente à realidade e ao mesmo tempo em que cobra que a história paraguaia precisa ser revista. Pois até então a produção historiográfica estava a favor dos grandes homens e do Estado, ainda mais durante o governo Stroessner que vinculou um discurso oficial e laudatório em torno dos chamados “Pais da Pátria” formada por José Gaspar Francia (1811-1840) e Os Lopez – Carlos e Solano (1840 a 1870). Cabe ressaltar que a década de 1970 é fundamental para o país guarani, pois é momento de comemorar o centenário da Guerra do Paraguai. Neste período, a história passou a ser revisitada ora pelo poder que faz uso dela para incutir o sentimento de nacionalismo, ora pelos intelectuais pensarem seu presente a partir do passado.

Ao longo da pesquisa sobre o período stronista, percebeu-se a dificuldade de encontrar estudos históricos referente a esse momento histórico, umas das justificativas para esse fato, está na duração da ditadura de trinta e cinco anos que impedia a construção de uma história que não fosse laudatória a esse governo. A elite intelectual contrária à ditadura fora duramente perseguida e encontrava-se no exílio. A interpretação sobre este período inicia-se com a abertura dos arquivos do Terror em 1992 que em primeira instância foi utilizado pelas vítimas da ditadura para mover processos contra o regime, em seguida surgiram os trabalhos de cunho historiográfico tem se avolumado a partir do século XXI.

Por seu turno o romance “El Fiscal (1993)” é publicado no contexto dos arquivos da ditadura, neste momento a sociedade paraguaia está preocupada em enterrar seus mortos, punir perpetradores de crimes políticos e discutir sobre a sua memória. Este livro é a primeira discussão sobre o personagem histórico Alfredo Stroessner no período após ditadura e tem como ponto de partida a vida do exilado Felix Moral na França que trama junto ao seu amigo Clóvis matar o ditador com um anel envenenado. O plano se realizará no encontro de escritores promovido pelo governo paraguaio, no qual, o personagem Felix se encontrará com o ditador e ao apertar a sua mão o veneno seria aplicado. No entanto Felix é descoberto e vai preso pela repressão e sofre tortura, sua companheira tenta resgatá-lo da polícia repressiva chamada *La Técnica* e trama uma fuga no dia da procissão à Cerro Corá em primeiro de março, mas é capturado e morto.

No terceiro capítulo intitulado “El fiscal: um romance para não fechar feridas” será analisado justamente o romance *El Fiscal* (1993) sob a perspectiva dos seguintes elementos: os efeitos da ditadura e do exílio sobre o homem e a crítica social ao regime stronista. A leitura desse passado recente realizado pelo romancista nos permite pensar na relação história e memória, pois ao longo do romance, o escritor desnuda o aparato repressivo do regime, em especial, as torturas. Nesse quesito uma questão se coloca: Por que se lembrar de algo doloroso e sombrio? Em minha opinião esse romance se coloca como trabalho de memória do trauma, que tem o intuito não deixar que o horror stronista caísse no esquecimento e que a novas gerações tenham consciência dos efeitos de Stroessner sobre a sociedade paraguaia.

Para promover essa análise da obra será utilizado o seguinte trabalho: *Memória, Esquecimento, Silêncio* de Michel Pollack¹³, que discute os mecanismos de seleção da

¹³ POLLACK, Michael, *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

memória coletiva e a luta das memórias marginais para serem reconhecida. Este estudo permite a compreensão sobre os elementos que envolvem a memória que são o esquecimento e o silêncio. Para a discussão sobre o exílio serão utilizadas as reflexões de Edward Said¹⁴ para compreender a influência do exílio e a visão de mundo de Roa Bastos.

A discussão em torno do conceito do exílio se desenvolverá, a fim de compreender como o ato do exílio interfere na vida do indivíduo Roa Bastos, e como esta condição modifica sua relação com o espaço, sua visão de mundo, fazendo com que haja uma busca incessante para se religar as suas origens, seja na forma de manter sua cultura, de contar sua história ou até mesmo fazer uso da literatura para se relacionar com a Pátria distante.

Para Edward Said¹⁵ o exílio se constitui para o ser humano um estado de ser descontínuo que estão separados de suas raízes, do passado e de sua terra natal. Diante dessa definição o autor analisa a condição dos exilados como sendo aqueles que “sentem uma necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmo como parte de uma ideologia ou de um povo restaurado”.¹⁶

Essa necessidade de reconstrução presente na condição do exílio motiva a chamada literatura de exílio. No continente latino-americano, a literatura de exílio, se fez muito presente durante os anos 1960 e 1970, devido à instalação de governos autoritários que provocou fraturas na intelectualidade de cada país, pois se formam dois grupos o primeiro formado pelos pensadores residentes no país e o segundo foi formado pelos exilados que irão discutir a realidade paraguaia a partir de diferentes prismas. A literatura, nesse período, se dividiu em dois grupos: os exilados de dentro¹⁷, formado pelos escritores que ficaram em sua pátria e desenvolveram uma literatura de resistência, que buscava “burlar” a censura instituída pelas ditaduras; e o segundo foi formado pelos exilados de fora, que representava a literatura de exílio propriamente dita e esse tipo de escrita funcionava com o religar-se ao território perdido e engajar-se com as questões de seu tempo.

¹⁴ SAID, Edward. **Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Cabe ressaltar que este conceito de exílio formulado por Edward Said deve ser relativizado, pois para nosso objeto de estudo, o referido conceitos se adéqua ao intelectual, pois este tenta se religar ao país em vários momentos na sua escrita compromissada por meio da representação da história. No entanto, este conceito não poderá ser aplicado em todas as situações de exílio.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Ibidem, p. 50

¹⁷ Conceito utilizado por Ana Brancher em BRANCHER, Ana; SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. Políticas na exterioridade - notas sobre o exílio de escritores latino-americanos. Revista Esboço, n. 20, 2008..

Como representantes da literatura de exílio há um número expressivo de escritores importantes da intelectualidade latina americana, tais como: Júlio Cortázar, Mario Benedetti, Angel Rama, Tununa Mercado, Herib Campos Cervera, Mario Vargas Llosa, Augustos Roa Bastos e tantos outros. O exílio que fomentou essa literatura se fez por diversas formas: exílio voluntário, o exílio derivado da perseguição política institucional, o exílio como fuga do que lhe foi vetado e busca da liberdade.

A literatura produzida pelo grupo dos que ficaram (exílio de dentro) apresentou-se em escala menor, pois a instauração das ditaduras teve como ações o silenciar do debate intelectual como forma de censura, repressão política na forma de terror e tortura. No entanto podemos citar como representante dessa literatura de resistência: a escritora argentina Beatriz Sarlo e a poetisa Josefina Plá, que viveram o chamado “insílio”¹⁸, que consiste no exílio dentro próprio país, onde a pessoa é desclassificada como cidadão.

O exílio para a intelectualidade latino-americana funcionou como “uma faca de dois gumes” como afirma Ana Brancher e Fabio Souza¹⁹ se por um lado o exílio significou para alguns escritores uma experiência positiva como enriquecimento cultural a descoberta de novos mundos, novas pessoas, outros países e também uma forma de divulgar suas obras. Por outro lado, muitos intelectuais fracassaram, desistiram de lutar pelo país e provaram o gosto amargo de ser estrangeiro.

O exílio possibilitou mudanças, na produção literária, como forma de luta política para o fim das ditaduras. Pode-se dizer que o exílio também se tornou um espaço, na literatura, de discussão intelectual, pois além de transformar posições e atuações políticas, ele passou a interferir na vida privada desses escritores.

A década de 1960 para a literatura latino-americana foi marcada por mudanças significativas em relação à estética, pois o escritor faz uso da experimentação da palavra ao criar neologismos, inserir palavras indígenas, africanas e inglesas para demarcar a presença dessas culturas na América, insere recursos como quebra da linearidade da narrativa, usa mitos americanos, faz uso do realismo mágico e dá visibilidade a personagens fictícios para contar uma história desenvolvida a margem da história oficial. Além dessa experimentação da palavra, a literatura latino-americana ganhou maior visibilidade internacional em

¹⁸ Termo de língua espanhol utilizado para designar o exílio dentro do próprio país. Ver: VIDAL, Paloma. **A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul**. São Paulo: Annablume, 2004. p.17.

¹⁹ BRANCHER, Ana; SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. **Políticas na exterioridade - notas sobre o exílio de escritores latino-americanos**. Revista Esboço, n. 20, 2008. p.206.

decorrência da Revolução Cubana, pois a América Latina passou a estar em evidência no cenário político e cultural.²⁰

Adriane Vidal Costa²¹ argumenta que o interesse editorial dos países europeus e dos Estados Unidos pela literatura promoveu o fenômeno denominado *boom* latino-americano, o qual significou projeção internacional dos romances latinos americanos que chegavam a tiragem de 20 mil exemplares. Esse movimento funcionou como um ímã que concentrou a atenção sobre alguns autores novos e sobre seus mestres e antecessores, criando assim um desenho ou um mapa que possibilitava ler e compreender a literatura latino-americana, especificamente do gênero romance. Para muitos, o que motivou o *boom*, a nível comercial, além da qualidade literária das obras, foi o impulso das editoras (sobretudo europeias) e a irrupção da Revolução Cubana, que motivou inúmeros leitores, pelo mundo afora, a conhecer a literatura, a cultura e a história latino-americanas.

A literatura latino-americana da segunda metade do século XX foi marcada pelas inovações estilística. A visibilidade internacional dos romances também apresentou modificações ao se enveredar para a cena política do continente fazendo os intelectuais assumir posições políticas frente a sua realidade. O elemento político na literatura desse momento não deve ser entendido apenas uma escrita panfletária ou mesmo partidária, mas como instrumento de reflexão. É importante considerar que todo esse olhar intelectual a situação latino-americana parte de dois focos: o primeiro interno que consiste nos intelectuais que residem em seus países de origem e o segundo é externo tendo o exílio como propulsor desse pensamento voltado à realidade latino-americana.

A preocupação desses intelectuais latino-americanos com a sua realidade e o contexto político é demonstrada a partir de manifestos literários em prol de uma escrita engajada. Entre os intelectuais engajados pode-se destacar o escritor Alejo Carpentier²² que elabora reflexões sobre o papel do escritor na América Latina e uso da política na escrita literária. Além disso, essa preocupação com a realidade se manifesta a partir da aproximação da literatura com o discurso histórico ligado ao Estado de cada país, como forma de reelaborar a história do poder, contestando a concepção de história que atribui os fatos uma veracidade incontestável.

²⁰ Embora possamos encontrar algumas destas estratégias na produção do começo do século XX será a nosso ver neste período que tais escolhas se tornam mais utilizadas.

²¹ COSTA, Adriane Vidal. **Os intelectuais e o boom da literatura latino-americana e a revolução Cubana.** In: Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. v. 01 São Paulo, 2011.

²² CARPENTIER, Alejo. **Literatura & Consciencia Política en la América Latina.** Madrid: Alberto Corazon, 1969.

Esse questionamento tem por objetivo subverter os fatos consolidados pela historiografia oficial como forma de resistência simbólica ao poder instituído. Esta resistência pode se materializar em uma crítica política podendo ser velada ou não no decorrer do texto literário.

Os trabalhos de Augusto Roa Bastos, Gabriel Garcia Marquez e Alejo Carpentier vão trazer à cena literária fatos históricos muitas vezes distantes do tempo do autor entrelaçando-os aos elementos do presente. Os textos desses autores permitem ao historiador perceber a crítica política aos sistemas autoritários implantados no continente originados no caudilhismo; os abusos de poder e as desigualdades sociais latino-americanas.

O conceito de intelectual que será utilizado para este estudo parte da concepção explanada por Carlos Altamirano que define o intelectual como:

*Personas, por lo general conectadas entre sí en instituciones, círculos, revista, movimientos, que tienen su arena en el campo da cultura. Como otras élites culturales, su ocupación distintiva es producir y transmitir mensajes relativos a lo verdadero (si se prefiere: a lo que ellos creen verdadero), se trate de los valores centrales de la sociedad o del significado de su historia, de la legitimidad o la injusticia del orden político, del mundo natural o de la realidad trascendente, del sentido o del absurdo de la existencia*²³.

Considerando Augusto Roa Bastos um intelectual compromissado, seu texto literário deve ser pensado sob a perspectiva de um produto cultural formado a partir das relações entre o contexto histórico e o contexto intelectual para que se compreender a formação das ideias que circundam sua escritura.

Ao consideramos que o papel do intelectual é produzir e transmitir mensagens do que consideram verdadeiro, essas mensagens produzidas são discursos dotados de uma orientação política, ideológica e social, sendo assim o trabalho intelectual é dotado de representações oriundas de seu tempo, de seu vínculo social e do local de produção.

Para tanto o conceito de representação para pensar o trabalho do intelectual parte da concepção formulada por Roger Chartier:

²³ ALTAMIRANO, Carlos. **Introducción General**. In: Historia de los intelectuales en América Latina. Buenos Aires:Katz,2008, p 14.

Pessoas, em geral, conectadas entre si por meio de instituições, círculos, revistas, movimentos, que tem seu espaço no campo da cultura. Como outras elites culturais, seu trabalho é produzir e transmitir mensagens, relativo ao verdadeiro (se prefere: ao que eles creem como verdadeiro), trata dos valores centrais a sociedade ou do significado da sua história, da legitimidade ou da injustiça da ordem política, do mundo natural ou da realidade transcendente, do sentido ou do absurdo da existência. (tradução nossa).

As representações do mundo social são determinadas pelos interesses do grupo que as forjam e de forma alguma são discursos neutros é preciso levar em consideração que as visões de mundo utilizam de práticas e estratégias para legitimar, impor autoridade ou justificar aos indivíduos as suas escolhas e condutas.²⁴

Para analisarmos as representações presentes nos romances escolhidos será preciso considerar a posição do intelectual aliado ao movimento de ideias presente no contexto de produção do texto literário.

Analisar o intelectual latino-americano e aprofundar as discussões sobre a produção de Augusto Roa Bastos extrapola qualquer sistema historiográfico que pudéssemos propor, logo se tentou em algumas páginas apresentar um painel tanto da literatura paraguaia quanto do momento histórico.

A produção historiográfica paraguaia apresenta-se escassa em relação aos outros países do continente latino-americano. Ao pensar a produção historiográfica brasileira sobre o regime militar já existe linhas de pesquisa sobre o tema, centenas de publicações tanto de caráter memorialístico como histórico. No entanto grande parte da historiografia paraguaia é produzida no exterior e encontra-se em língua inglesa e francesa

No caso paraguaio essa escassez de trabalhos históricos não apenas no tocante ao regime estronista, mas também a história paraguaia como um todo se explica por três fatores: a falta de investimento em pesquisa de caráter histórico, a falta de centros de pesquisas e condição do professor universitário em especial no Paraguai.

Ignácio Telesca²⁵ argumenta que a falta de investimento na área das ciências humanas se explica, pois as mesmas recebem verbas do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e esse órgão tem dado prioridade aos setores de energia, agropecuária, indústria, recursos hídricos e meio ambiente. A falta de centro de pesquisa se deve ao fato que no período do governo de Alfredo Stroessner havia apenas a Universidade Nacional de Assunção (UNA) e a

²⁴ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998.

²⁵ TELESKA, Ignácio. **Escribir la historia en Paraguay. Modos y lugares de producción**. *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. Año III, nº 6, Buenos Aires. Ago /2010. Dossier: “Paraguay”

Universidade Católica de Assunção (UCA) aliado a isso ao sistema educacional superior paraguaio, que não oferecia condições para o docente dedicar-se integralmente à pesquisa, pois o professor universitário é semelhante ao professor de escola secundária o chamado *professor táxi* ²⁶. O autor reitera que grande parte dessa produção historiográfica acontecesse em universidades brasileiras, argentinas e norte americanas.

O trabalho realizado no Paraguai em relação à história destina-se a preparação de textos que comporão o material didático para as escolas e publicação de fontes. Essa produção é realizada pelo centro de pesquisa desenvolvido pela Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção.

Em relação aos principais temas estudados na produção historiográfica do país, destacam-se as Missões Jesuíticas e a Guerra do Paraguai. O período do governo de Alfredo Stroessner vem ganhado uma reflexão maior das ciências humanas, em especial dos estudos sociológicos. Ignacio Telesca considera “*aunque todavía la literatura sea la puerta de entrada más utilizada para acercarse a esos años tenebrosos*”²⁷

Conforme o exposto acima se percebeu a necessidade de um estudo sobre a posição do intelectual ao regime Stroessner. O presente estudo visa analisar a posição de Roa Bastos em relação regime de Alfredo Stroessner e sua crítica à realidade paraguaia, pois *Yo, El Supremo* (1974) fornecerá informações sobre a resistência desse intelectual ao regime estronista nos anos de intensa repressão e mais tarde em *El Fiscal* (1993) que se configura um inventário do regime, produzida nos primeiros anos de democracia paraguaia.

Este trabalho busca contribuir para ampliar as interpretações do regime estronista partindo de uma perspectiva da história intelectual que visa compreender a resistência ao autoritarismo travada pelo homem de letras Augusto Roa Bastos e seu papel na transição democrática.

No Brasil, o governo de Stroessner ainda é pouco estudado, os trabalhos referentes a esse período advêm em sua maioria de instituições localizada na fronteira com o país e os temas desenvolvidos se relacionam apenas com a Doutrina de Segurança Nacional, a memória do regime e movimentos de resistência.

²⁶ Expressão utilizada pelo autor Ignacio Telesca para demonstrar a mobilidade que o professor enfrenta para lecionar, pois atua em várias instituições sejam no país ou no exterior. Em decorrência da falta de uma carreira docente universitária, o profissional se vê obrigado a procurar outras instituições até mesmo fora do país, inviabilizando o seu vínculo com o trabalho de pesquisa no país.

²⁷ TELESCA. op.cit.p.1

“mas a literatura ainda é a porta de entrada mais utilizado para chegar aos anos sombrios ”(tradução nossa)

O estudo do regime estronista a partir dos intelectuais críticos ao governo vigente, até o presente momento, ainda está por fazer, a escolha dos trabalhos de Augusto Roa Bastos como fonte dessa pesquisa se deve a importância do escritor no campo dos estudos literários que analisaram Roa Bastos como romancista, crítico literário e escritor preocupado com a realidade de seu país de origem tornando sua produção literária compromissada com o tempo que a produziu. Este escritor usou sua obra para responder questões relativas às manifestações de poder e de resistência presente na realidade paraguaia.

Nos estudos literários, os livros do escritor são analisados sob a perspectiva linguística e semiótica. Na área de história são poucos trabalhos, que vão analisar conteúdo histórico presente no romance.

Nessa perspectiva este trabalho pretende ser uma contribuição à história do Paraguai e história dos intelectuais, pois visa pensar a posição política do escritor e o diálogo com a historiografia paraguaia.

A escolha do romance *Yo, el Supremo*(1974) e *El Fiscal*(1993) para pensar a posição do escritor frente à realidade paraguaia justificam-se por três razões: a primeira reside no momento político em que foram produzidas, pois o primeiro livro publicado em 1974 é produto do projeto literário latino-americano que visa pensar de forma crítica a história de cada país e ao mesmo tempo este livro se configura uma crítica contundente ao presente ao discutir o autoritarismo paraguaio e a falta de soberania durante o governo Stroessner. Já o segundo livro apresenta-se como uma aposta para futuro ao escancarar o passado recente, enterrar seus mortos, se impõe como uma parada obrigatória para que os novos tempos cheguem ao país para que a democracia possa reinar de fato.

A segunda razão reside na forma em que o escritor constrói sua crítica social em *Yo, el Supremo* (1974) a crítica ao presente aparece indiretamente, logo foco do questionamento é o poder presente no país. Para essa análise a escrita de Augusto Roa Bastos fará uma arqueologia do poder, buscará no governo Francia (1814 a 1840) as explicações para entender a usurpação do poder presente na cena política paraguaia, o medo impregnado na sociedade paraguaia e os aparatos de repressão e a falta de democracia desde os primeiros tempos da política paraguaia. A crítica velada pode ser entendida como um recurso utilizado pelo autor para fugir da censura, cabe ressaltar que no momento em que Augusto Roa Bastos escreve o Paraguai vive momento de maior repressão nos setores intelectuais. A perseguição passa a ser sistemática no interior da universidade.

A crítica em *El Fiscal* (1993) aparece de forma mais direta e clara, pois os tempos são outros, o governo stronista caiu e a sociedade civil passa a ser reorganizar, clama por justiça. No romance Alfredo Stroessner é chamado de Tiranossauro e a saga do personagem Félix Moral é matar o ditador a qualquer custo para que o povo paraguaio seja libertado do sofrimento e medo empreendido por esse governo.

A terceira razão reside na forma em que escritor lida com a escrita da história: *Yo, el Supremo* (1974) a historiografia produzida sobre o governo Francia dialoga com o material literário nas margens do romance demonstrando como o trabalho com as fontes é realizado. Esse aspecto aparece na figura do compilador que ao longo do romance mostra como os fatos históricos consagrados pela versão oficial foram construídos.

O romance *El Fiscal* (1993) pode ser considerado muito mais que uma obra literária, todavia esta obra deve ser vista como uma obra historiográfica pioneira, pois apresenta dados importantes sobre a ditadura Stroessner no campo da tortura e do papel da polícia de repressão chamada *La Técnica* logo após abertura do arquivo do horror em 1992. Essas informações apresentadas pelo romancista no calor dos acontecimentos se confirmam com estudos posteriores e mais aprofundados sobre o regime stronista realizados a partir de fontes do arquivo da ditadura e empreendidos por historiadores, sociólogos e ativistas políticos que vem a público apenas no ano de 2000 em diante.

Além dos aspectos acima citados, se faz importante pensar essas fontes considerando o papel do exílio na leitura que o romancista faz de seu país, pois a construção dos romances possui uma visão de mundo construída fora do local dos acontecimentos e uso da história no material literário configura-se como motor para a crítica social e funciona como um elo ao território de origem.

O balanço historiográfico sobre o regime de Alfredo Stroessner levará em conta a produção acadêmica e não acadêmica realizada no Brasil, na Argentina e no Paraguai a fim de demonstrar como a história recente do Paraguai tem sido abordada.

A queda de Stroessner, em fevereiro de 1989, significou para os paraguaios um momento de incerteza, de recuperação econômica, política e social, a construção de uma nova história e adoção do regime democrático. O momento de transição política revelou ações intelectuais importantes que se propuseram a pensar essa nova realidade que se impunha. Exemplo disso: a organização de um congresso na Universidade de Maryland em 1994, juntamente com o *Centro de Documentación y Estudios* (CDE), que reuniu intelectuais

paraguaios de diversas áreas, muitos deles exilados, para opinar e discutir as questões referentes ao projeto de nação, que deveria se constituir daquele momento em diante.

Desse congresso se originou a publicação *Hacia una cultura para la democracia en el Paraguay*, livro organizado Tício Escobar, Line Barreiro, Saul Sosnowski²⁸ o qual, caracterizou-se de grande valia, pois este permite compreender o esforço intelectual e o diálogo entre cientistas políticos, antropólogos, críticos de arte e literatos para analisar as situações em que a sociedade paraguaia se encontrava pós estonismo . Ao mesmo tempo a obra levanta questões e avalia desafios para que a democracia pudesse se estabelecer no país.

Se por um lado havia um esforço intelectual em pensar a nova nação, outro desafio se colocava ao Paraguai a partir da descoberta do Arquivo do Horror em dezembro de 1992, pois era o momento de saldar as contas com o passado, abrir feridas, ter o direito à memória e a verdade e dar um enterro digno aos desaparecidos políticos.

A abertura do arquivo da ditadura de Alfredo Stroessner, de acordo com Alfredo Boccia Paz ²⁹ obteve uma grande importância jurídica, pois permitiu que acontecesse a abertura de processos de indenização às vítimas do regime estonista, como também serviu de auxílio para punir repressores argentinos envolvidos na operação Condor. De grande valor histórico, político, simbólico e documental, este arquivo abarca trinta e cinco anos de história do Paraguai, modificou a visão que a sociedade e as novas gerações possuíam sobre o estonismo. O arquivo se tornou um importante local de produção de conhecimento sobre o regime. Por fim, o valor simbólico dos arquivos também deve ser evidenciado, pois se configurou um lugar de memória.

Ainda de acordo com Alfredo Boccia Paz³⁰, o arquivo do terror é fonte imprescindível para o estudo da história recente do Paraguai, tem sido subutilizado por pesquisadores e há temas pouco explorados “a espera de um historiador curioso e paciente que as revele ao público”³¹.

²⁸ BAREIRO, Line.; ESCOBAR, Ticio.; SOSNOWSKI, Saúl (comp.).*Hacia una cultura democrática en el Paraguay*. Asunción: CDE, 1994.

²⁹BOCCIA PAZ, Alfredo. *Los “archivos Del horror” del Paraguay: los papeles que resignificaron la memoria del stonismo*. In: FICO,Carlos...[et al.].*Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora: FGV,2008. p.42. Médico especialista em Hematologia e professor da Universidade Nacional de Assunção no Paraguai, este pensador tem se dedicado a pensar o passado recente paraguaio a partir de estudos realizados nos arquivos da ditadura estonista chamados de Arquivo do Horror. Além do trabalho médico e do trabalho intelectual, Alfredo Boccia Paz também é militante sindical e político.

³⁰Op. Cit, p.41

³¹ Idem , p.42

A afirmação de Boccia Paz acima se revela preocupante, pois essa falta de pesquisas realizada por profissionais da história dificulta o estudo do Regime Stroessner. Essa escassez de pesquisa no campo da história pode ser explicada porque não havia um curso de pós-graduação voltado ao estudo da História do Paraguai.

Em virtude da falta de uma estrutura acadêmica voltada para o campo historiográfico, os trabalhos de caráter histórico são realizados por profissionais de outras áreas, em geral estes eram feitos pelos sociólogos, afinal, o país possui poucos centros de pesquisa que podemos citar: *Centro Paraguay de Estudios Sociológicos* (CPES) que edita a *Revista Paraguaya de Sociología*, *Centro de Análises y Difusión da Estudios Paraguayos* (CADEP), *Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch* (CEPAG) ligado aos jesuítas e que edita a *Revista Acción e o Centro Documentación y Estudios* (CDE) e as seguintes instituições de ensino Superior: Universidade Católica de Assunção e a Universidade Nacional de Assunção.

Outro obstáculo encontrado para a pesquisa histórica é o acesso aos arquivos paraguaios como o Arquivo Nacional, o Museu André Barbero e a academia paraguaia que não estão disponíveis ao público e seu acesso depende das relações pessoais e políticas com a elite política paraguaia.

De acordo com José Aparecido Rolón³² embora a produção acadêmica paraguaia nesses centros enfrentem obstáculos, tanto de natureza econômica como política, seus intelectuais buscam desenvolver uma reflexão própria acerca dos grandes temas de seu país. Para tanto esses intelectuais procuram complementar sua formação em países hispano americanos e europeus, bem como nos Estados Unidos e no Brasil, sobretudo na região sul.

A intelectualidade ligada aos centros de pesquisa e aos Arquivos do Terror produziu estudos relevantes a respeito da ditadura Stroessner a partir dos anos 1990. Entre os estudiosos pode-se destacar o já citado médico Alfredo Boccia Paz que atua como ativista político em favor direitos humanos e defensor a memória como forma de não esquecer o regime de Alfredo Stroessner. Além de ser importante referência na compilação e publicação de documentos presentes nos arquivos da ditadura.

³² ROLÓN, José Aparecido. ***Paraguai: transição democrática e política externa***. Tese (doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP, 2010, p.7

Na temática da memória, Alfredo Boccia Paz³³ publica o livro “*Diccionario usual Del Estronismo*”³⁴ sendo um dos objetivos da obra é alcançar a novas gerações que não conheceram o regime stronista e devem conhecê-lo para que a história não se repita. O livro *Qué hacia aquella noche*³⁵ busca reunir relatos de jornalistas, políticos, cientistas sociais, profissionais liberais a respeito do golpe de dois de fevereiro de 1989 que derrubou Alfredo Stroessner.

As publicações *Paraguay: los archivos del terror: Los papeles que resignificaron la memoria do estronismo*³⁶ sob a organização de Alfredo Paz, Rosa Palau Aguiar e Osvaldo Salerno e *Es mi uniforme: Los archivos secretos de la policia de Stroessner*³⁷, organizado por Alfredo Boccia Paz, Rosa Palau Aguiar e Myrian Gonzales resultaram da compilação de documentos existentes no arquivo do Horror e servem de guia documental para outros estudos referente ao regime stronista.

As obras *Los sotonos de los generales*³⁸, *El Paraguay bajo El estronismo: 1954-1989*³⁹ e *La década inconclusa: história real da OPM*⁴⁰ de autoria de Alfredo Boccia Paz se configura em trabalhos de análise histórica sobre o regime stronista buscando compreender o aparato repressivo, os movimentos de resistência e elaborar um estudo que abarque os trinta e cinco anos de ditadura elencando suas especificidades.

Além dos trabalhos de Boccia Paz sobre o regime stronista, outras investigações foram publicadas em revistas como Novapolis⁴¹ editada pelo 2 de febrero de 1989 ¿Qué hacías aquella noche? GEO(*Gabinete de Estudios de Opinión*) e vem promovendo o debate de ideias, pois esse periódico possui como objetivo reunir intelectuais de várias áreas para

³³ Todas as obras acima citada de Alfredo Boccia Paz estão disponíveis em formato digital no site: <http://www.portalguarani.com/>

³⁴BOCCIA PAZ, Alfredo. *Diccionario usual del stronismo.*, Asunción: Editorial Servilibro, 2004.

³⁵ BOCCIA PAZ, Alfredo .*2 de febrero de 1989 ¿Qué hacías aquella noche?*. Assunção:Editorial Servilibro, 2008.

³⁶AGUILAR, Rosa Palau, BOCCIA PAZ, Alfredo, SALERNO,Osvaldo. *Paraguay: los archivos Del terror: Los papeles que resignificaron la memoria do stronismo.* Assunção: Editorial Servilibro, 2008.

³⁷ BOCCIA PAZ, Alfredo, GONZÁLEZ, Myriam y PALAU, Rosa. *Es mi informe.* Assunção: Ediciones CDE ,1994.

³⁸BOCCIA PAZ, Alfredo, GIMENEZ , Glória; LOPEZ, Miguel H.; PECCI, Antonio. En los sótanos de los generales. Los documentos ocultos del operativo cóndor. Assunção: **Expolibro/Servilibro 2002.**

³⁹ BOCCIA PAZ, Alfredo, FARINA, Bernardo Neri. *El paraguay bajo el stronismo (1954-1989.)* Assunção: Editorial El Lector ,2010.

⁴⁰BOCCIA PAZ, Alfredo. *Historia real de la OPM* .Assunção: Editorial El Lector,1997.

⁴¹ NOVAPOLIS.*Revista de estudos Políticos Contemporâneos*.Disponível em:<<http://novapolis.pygglobal.com>> .Acesso em 20 nov.2011.

pensar a realidade paraguaia. A revista foi editada entre os anos de 2002 a 2005 e possui apenas 10 números. Todos exemplares estão disponibilizados em meio digital, entre seus temas estão o acesso a terra no Paraguai, o sistema eleitoral, a reforma constitucional, o regime stronista e a transição.

Para o estudo do regime stronista a revista Novapolis possui como contribuição a edição número um que apresenta como pauta o período de transição do stronismo para o regime democrático e demonstra as marcas impostas por 35 anos de regime e os desafios de implantar a democracia em um país que não a conheceu verdadeiramente. A edição número 8 da revista é composta de artigos que promovem a reflexão em torno da luta armada durante o período ditatorial.

O aumento na produção de estudos do regime stronista se dá a partir da abertura dos arquivos da ditadura e da publicação de novas revistas acadêmicas o que demonstra o esforço intelectual para entender o presente e construir uma nova história paraguaia. A preocupação com a memória e a necessidade de tornar público esse período aliado ao financiamento e desenvolvimento do CIRD (*Centro de Información y Recursos para Desarrollo*) da União Européia propiciou uma nova realidade a esse estudos, com a inauguração do Museo Virtual “*Memoria y Verdad sobre el Estronismo*” que traz uma interpretação crítica a partir dos documentos da ditadura e apresenta materiais que auxiliam o trabalho do educador, textos e atividades referentes ao período, bem como, vídeos, fotos e entrevistas de pessoas atingidas pela ditadura de Alfredo Stroessner.

O regime Stroessner e os Estudos Brasileiros.

O estudo do regime de Alfredo Stroessner no Brasil se desenvolveu de maneira distinta do Paraguai, devido à disponibilidade das fontes, muitas delas vindas do Itamaraty, ou de trabalho jornalísticos e dos interessados envolvidos. Pode-se afirmar que a ditadura Stroessner despertou interesses dos estudiosos brasileiros sob a perspectiva da história comparada ou sob o viés das relações internacionais.

A partir dos anos 2000 até presente momento a produção sobre o período de Stroessner ganhou certo avanço com a criação de grupos de pesquisa dentro das

universidades, em especial, nas instituições que se localizam em estados fronteiriços com o Paraguai. A História passou a ser construída sob a perspectiva das relações entre o regime Stroessner e a ditadura brasileira. Podemos destacar dois grupos específicos que fomentam essa produção: Movimentos políticos na fronteira Paraguai-Brasil: a guerrilha da Frente Nacional de Libertação/FULNA sob a coordenação da professora Ceres Moraes na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD-MS). Além desse projeto, esta professora também desenvolveu outro projeto ligado à memória de exilados paraguaios em Dourados. Outro centro produtor desse conhecimento, no Brasil, situa-se na UFRGS que desenvolve projetos na área de Doutrina de Segurança Nacional e as ditaduras do Cone Sul sob orientação do professor Enrique Serra Padrós seguindo a linha de pesquisa: Estados de Segurança Nacional. Outra instituição importante para a produção do conhecimento sobre o estronismo: está na Universidade Estadual de Maringá (UEM) com a revista *Diálogos*, que propicia um espaço de publicação aos estudiosos brasileiros, paraguaios e argentinos, bem como a circulação das ideias a respeito do regime de Alfredo Stroessner. O segundo lugar, embora não num estado fronteiriço está o Programa de Pós Graduação Interunidades em Integração da América Latina –PROLAM-USP, que contribui em relação ao estudo do Estronismo, no tocante, ao pensamento político do regime, a integração entre as nações brasileira e paraguaia, durante o período autoritário, e análise do período de transição comum aos países do Cone Sul

É importante salientar que a integração que a internet gerou na pesquisa acadêmica dinamizou diálogos entre os diferentes profissionais e países. O acesso à informação por meio da internet permitiu que intelectuais brasileiros pudessem realizar estudos sobre a América Latina sem se deslocar de seu país. A *WEB* fomentou o intercâmbio de intelectuais e a formação de grupos de pesquisas diversificados.

No ano de 2011, surge a iniciativa do professor Paulo Renato da Silva da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) de formar uma rede de pesquisadores das Ciências Humanas em torno da temática paraguaia, que não se restringirá apenas ao Brasil. Em primeiro lugar a formação dessa rede servirá para facilitar os contatos e divulgar a produção a respeito do país guarani e mais adiante fomentar os estudos comparativos entre Brasil e Paraguai. Essa iniciativa ainda está na fase de levantamento dos pesquisadores no país e no exterior.

Interlocução argentina com o regime stronista.

A ditadura estronista atingiu tanto de forma direta e indiretamente a história da Argentina, durante o século XX. O governo de Alfredo Stroessner foi responsável pelo exílio em massa de paraguaios para terras argentinas modificando a demografia do país. Por outro lado a Operação Condor unia o general Alfredo Stroessner e Jorge Videla na caça aos subversivos promovendo prisão e torturas de argentinos em terras paraguaias. Tais fatos sobre a ligação dos governos paraguaios e argentinos foram comprovados pelos documentos encontrados nos arquivos da ditadura stronista, que serviram de prova em processos movidos contra a ditadura argentina.

A ligação histórica entre as ditaduras argentina e paraguaia se tornou elemento de investigação científica e fomentou a criação de um grupo de pesquisa e produção de trabalho a respeito tanto da história comparativa entre as duas ditaduras e também apenas sobre regime de Stroessner.

Esse grupo localiza-se na Universidade de Buenos Aires sob a orientação da pesquisadora e cientista social Lorena Soler denominado “Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguay⁴²” e objetiva reunir intelectuais que investigam o Paraguai. Os eixos temáticos do grupo são: dinâmica política e âncoras históricas, a configuração de emergência no campo intelectual e artístico, processos migratórios e suas características e a formação de identidades políticas.

O grupo desde o ano de 2008 organiza o encontro “Paraguay desde las ciencias sociales” e conta com a participação de intelectuais paraguaios, argentinos e brasileiros. Ao todo foram realizados quatro encontros sendo três deles realizados na Argentina pelas Universidades de Rosário e Buenos Aires e um realizado em Assunção no ano de 2009, na Universidade Nacional de Assunção (UNA)

No ano de 2010, o terceiro encontro promovido pelo grupo argentino originou a publicação do Dossiê Paraguay⁴³ neste documento o Paraguai é analisado por três vertentes: o cenário político sob o governo de Fernando Lugo, migrações e movimentos fronteiriços e identidade e cultura.

⁴² Informações sobre o Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguai. Disponível em: <<http://paraguay.sociales.uba.ar>>

⁴³ Dossier Paraguay. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales y Instituto de estudios de América Latina y el Caribe, Maio/ 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/59701708/Dossier-Paraguay>> Acesso 12 maio.2011

Além do grupo acima citado, existem estudos sobre o Paraguai realizados no Instituto “*Altos Estudios Sociales (IDAES)*” que estão disponíveis em sua revista online “*Papeles de Trabajo*”⁴⁴ que no ano de 2010 publica um dossiê destinado ao Paraguai e apresenta as seguintes temáticas: a construção da História no Paraguai e suas instituições, a análise da construção do mito da ilha que envolve o país, a modernidade artística nos anos 50 do século XX e a ditadura stronista, a identidade paraguaia e os efeitos do Mercosul sobre o País.

Os dois grupos argentinos apresentam contribuições importantes ao estudo do Paraguai, pois abordam tanto a história recente e seus efeitos como a globalização, transição democrática, aspectos migratórios e o período stronista e também elementos que permitem entender a formação da nação paraguaia a partir da análise de seus mitos, seus aspectos culturais, de sua identidade. Outra contribuição importante além do conteúdo das produções argentinas é a facilidade do acesso a informações. Grande parte desse material está disponível em meio virtual.

Mapeamento Literário e Histórico a respeito do escritor Augusto Roa Bastos

O escritor Augusto Roa Bastos apresenta-se como referência tanto no Paraguai quanto no exterior, pois ele é considerado um dos expoentes da narrativa latino-americana, com mais de 20 títulos publicados e ganhador do *Prêmio Cervantes* em 1989. Sua obra tem sido estudada no campo da literatura de maneira muito expressiva tanto no Brasil como no exterior. Nesse sentido, os trabalhos acadêmicos que têm sido publicados nesse campo referem-se à especificidade do texto, ou seja, narrador, tempo da narrativa, estudos comparativos, a relação história e literatura e seu caráter linguístico.

No campo literário podem-se destacar os seguintes trabalhos de referência sobre a escrita do poder que irão auxiliar o pesquisador no entendimento da obra *Yo, el Supremo* (1974): o estudo de Márcia Hoppe Navarro⁴⁵ apresenta uma análise conjunta de três romances: *Outono do Patriarca* (1975), *Recurso do Método* (1974), e *Eu o Supremo* (1974) de autoria de Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos respectivamente. O

⁴⁴ *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. Ano 3, n. 6, Buenos Aires, ago/2010. Dossier: “*Paraguay: reflexiones mediterráneas*”. Disponível em: <http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/1%20Introducci%C3%B3n%20Wilde%20Couchonnal.pdf> Acesso em 14/jan/2011

⁴⁵ NAVARRO, Márcia Hoppe. *O Romance do ditador*. São Paulo: Ícone, 1987.

estudo de Navarro pretende discutir elementos presentes na formação da América Latina inseridos nessas obras tais como: as relações de poder e o exercício da violência. A autora traça a maneira em que os escritores utilizam-se da história no texto literário.

O crítico literário Angel Rama contribui para a discussão da escrita do poder com o trabalho *Los dictadores latino-americanos*(1976)⁴⁶ que busca caracterizar a escrita do poder desenvolvida na América Latina a partir do romance *El señor Presidente* (1946) de autoria de Miguel Angel Astúrias. Para o autor essa escrita do poder tem como função discutir as relações entre homem e poder, construir uma leitura totalizadora do poder de cada país. Este estudo tem como centro de análise *Outono do Patriarca* (1975), *Recurso do Método* (1974), e *Eu o Supremo* (1974). Este trabalho se diferencia do estudo professora Márcia Hoppe Navarro, primeiro pelo seu pioneirismo, pois é publicado um ano após a publicação dos romances e utiliza como referencial teórico os estudos da semiótica e a teoria do discurso.

Em *Ensaio da sociologia da cultura* (1993), o sociólogo Octávio Ianni⁴⁷ vê a produção literária como forma de desvendar os dilemas e os absurdos escondidos na realidade. O autor analisa a escrita do poder realizada por Augusto Roa Bastos no livro *Yo, el Supremo* (1974), sob a ótica da figura do ditador no pensamento latino-americano. O estudo citado contribui para entender as formas de resistências presente no romance que responde ao tempo em que foram produzidas.

Para Octavio Ianni⁴⁸ a escrita do poder se caracteriza pela presença da carnavalização da ditadura como forma de reação a tirania, o uso da história no romance não apenas procura combater ou negar, mas sim trabalhar a tirania por dentro e para isso os escritores utilizam lógicas grotescas e insólitas que a crítica à sociedade civil, a cidadania, a autonomia de poderes fosse possível em anos de chumbo. Toda ditadura começa a ser destruída no momento em que o povo começa a fazer piada do ditador. A piada não é uma fantasia popular, é uma vazão que não é inocente, mas é um reconhecimento que põe em causa, protesta e nega pela sátira o povo transforma o tirano e os seus comparsas em personagens, fantoches.

⁴⁶ RAMA, Angel. **Los dictadores latinoamericanos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1976

⁴⁷ IANNI, OTÁVIO. **Ensaio de sociologia da cultura**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993

⁴⁸ Idem, p.13

Outro trabalho de importante contribuição para pensar a obra de Roa Bastos é o livro *Historia ficticia y ficcion historica: Paraguay en obra de Augusto Roa Bastos*⁴⁹ de Brent Carbajal que analisa a relação entre história e ficção na obra do escritor paraguaio a partir das produções: *El trueno entre las hojas*(1953), “*Hijo de Hombre* (1960)”, *Yo, el Supremo**Yo, el Supremo*(1974) que visam entender a relação da história sociopolítica e o desenvolvimento e a formação da escrita de Roa Bastos e ampliar a bibliografia de excelentes análises de críticas que já existem será amplamente exposta como material de documentação e da inspiração.

Pode-se citar outro trabalho relevante no estudo de Roa Bastos e suas obras, que é a dissertação de mestrado de Paulo Henrique Pressotto⁵⁰, *Augusto Roa Bastos no Paraguai e no Brasil: cartas, entrevistas e críticas*, cuja pesquisa caracteriza-se por uma obra de referência constituindo-se um levantamento da produção em torno da obra do escritor no Paraguai e no Brasil. Além de reunir cartas e entrevistas sobre escritor paraguaio que auxiliam pensar o escritor enquanto intelectual.

A revista *Cuadernos hispanoamericanos*⁵¹ números 493-494 de 1991 traz este volume duplo dedicado a Roa Bastos com análise dos romances *Yo, el Supremo* (1974) e “*Hijo de Hombre*” (1960) como também de seus contos e sua poética partindo da estrutura narrativa e linguística. O restante dos trabalhos publicados referente ao autor está em forma de artigos, na maioria das vezes em formato eletrônico como também há dissertações a respeito do assunto.

Ao longo da pesquisa percebeu-se que os estudos da obra de Roa Bastos no campo literário seguem por três caminhos: o primeiro segue na linha de compilações do que já foi publicado servindo de guias para novas pesquisas, o segundo caminho passa por trabalhos exclusivamente preocupados com o texto em si e suas especificidades. O terceiro caminho reside em demonstrar a presença da história paraguaia na escrita de Roa Bastos.

No campo historiográfico há apenas uma pesquisa dedicada ao estudo do romance de Augusto Roa Bastos como fonte histórica. A dissertação de mestrado de Claudia Regina

⁴⁹ CARBAJAL, Brent J. **Historia ficticia y ficcion historica: Paraguay en la obra de Augusto Roa Bastos**. Madrid: Pliegos, 1996

⁵⁰ PRESSOTTO, Paulo Henrique. **Augusto Roa Bastos no Paraguai e no Brasil: cartas, entrevistas e críticas**. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis 2002.

⁵¹ *Homenaje a Roa*. In: **Cuadernos Hispanoamericanos**. Madri, nº 493/494 Jul/Ago 1991.

Ferreira Santos⁵² defendida em 2000 pela Universidade de Campinas, na qual analisa o romance *Yo, el Supremo* sob a perspectiva das relações entre História e Literatura e as críticas que o escritor realiza sobre o fazer historiográfico a partir do relato literário. Neste trabalho a autora busca demonstrar a presença da história paraguaia no romance *Yo, el Supremo* a partir da análise da produção historiografia do período francista produzida pela geração de historiadores paraguaios conhecida como a geração de 900 e a geração de 1940.

A proposta da introdução deste trabalho foi apresentar em linhas gerais como a dissertação será desenvolvida e os pressupostos teóricos a serem utilizados na análise das fontes. Aliou-se a isso a preocupação em trazer dados sobre a produção historiográfica paraguaia para compreender a presença da história em obras literárias e justificar o uso de uma fonte literária.

⁵² SANTOS, Claudia Regina Ferreira. *Yo, el Supremo, romance, história: historiografia e literatura paraguaios sobre o Ditador Francia*. Dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, 2000.

I

AUGUSTO ROA BASTOS: O EXILADO DE VÁRIAS PÁTRIAS⁵³

1. Augusto Roa Bastos: o cidadão paraguaio

A alvorada do século XX prenunciava a violência e as grandes transformações políticas e econômicas no cenário mundial, que se acentuariam no breve século vinte⁵⁴. Um dos fatos foi a Primeira Guerra Mundial, que mostrava ao mundo sua grandeza derivada do número de países envolvidos de maneira direta e indireta no conflito. A evolução da tecnologia bélica decorrente da indústria de guerra propiciou o aumento de mortes tanto de soldados como de civis. O conflito gerou a devastação econômica e social na Europa e seus efeitos no resto do mundo, pois a Era dos Impérios chegaria ao fim. Assim sendo o mapa europeu ganhou um novo contorno com a criação de mais de dez países. Do outro lado do mundo, na América do Norte, os Estados Unidos adquirem uma nova importância no contexto internacional, devido ao deslocamento da hegemonia europeia para o país ianque.

O ideário socialista da experiência revolucionária na Rússia se apresentou ao mundo como sendo uma forma política e ideológica alternativa ao modelo político econômico vigente, pois era pretendido pelos seus divulgadores o combate às desigualdades geradas pelo sistema capitalista. Essas ideias motivaram movimentos políticos com a criação de partidos comunistas ao redor mundo na tentativa de implantação do modelo soviético em outros países.

Os reflexos da Primeira Guerra atingiram o Paraguai no campo econômico e político. No campo econômico, o conflito europeu motivou a economia do país, tornando-o fornecedor de produtos aos países devastados pela guerra; no político as ideias socialistas ganharam força fomentando as lutas sindicais por melhores condições de trabalho e foram violentamente

⁵³ Os dados sobre a biografia e a produção literária de Roa Bastos foram obtidos nas seguintes fontes: PACHECO, Glória Elizabeth Saldivar de. **Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da história paraguaia**. Dissertação de Mestrado (em Literatura Comparada), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2006.

PRESSOTTO, Paulo Henrique. **Augusto Roa Bastos no Paraguai e no Brasil: cartas, entrevistas e críticas**. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2002.

⁵⁴ Termo utilizado pelo historiador Eric Hobsbawm. Ver: HOBBSBAWN, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX:1914-1991*. Trad.Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

reprimidas pelo governo de Eduardo Schaerer⁵⁵. Em especial os meios de comunicação que publicaram os manifestos operários foram alvos maiores da repressão empreendida pelo Estado paraguaio como forma de impedir o alastramento dessas ideias.

Nesse cenário político e social que se apresentava no século XX, nasceu o paraguaio Augusto Antonio Roa Bastos em treze de junho de 1917 na cidade de Assunção. Aos dois anos, ele se muda com a família da capital para cidade de Iturbe, em virtude da transferência de seu pai para o interior, a fim de administrar um engenho de açúcar. Desde muito cedo o clima autoritário e os excessos do poder fazem parte da vida de Augusto Antonio Roa Bastos, pois a convivência com seu pai Lucio Roa era orientada por muita severidade e castigos.

O pai significava uma presença perturbadora para Roa Bastos por sua força, seu temperamento fechado e calado e por proibir o filho de aprender o guarani, pois considerava que esta língua não era adequada para a classe média. A cumplicidade com sua mãe fez com que aprendesse sem demora a língua nativa, pois a mesma lia a Bíblia a seus filhos e depois comentava em língua guarani.

A relação do escritor com seu pai e sua mãe configura-se um exemplo do processo de construção da identidade paraguaia: bilíngue e híbrido. O elemento espanhol e culto será dado pelo setor paterno. Ao pai coube à transmissão da cultura erudita e da língua espanhola, as primeiras letras foram ensinadas por ele. Lia os livros indicados por seu pai e assim teve contato com obras de Quevedo, Cervantes, Santo Agostinho.

O elemento guarani e oral será dado pelo lado materno. A mãe coube à transmissão da cultura local e da língua nativa, embora sua mãe tivesse uma formação erudita, era uma excelente mesossoprano, leitora de Shakespeare e da Bíblia. O contato com a produção oral e a cultura paraguaia se dá a partir dos laços afetivos com a mãe. Lúcia Bastos estabeleceu o diálogo entre o mundo da rua que exigia o domínio do espanhol e o mundo da casa formado pela oralidade e pelo guarani. O processo de interlocução entre a cultura erudita, o mundo da rua e a oralidade guarani influenciaria muito a obra do escritor, pois em todos os livros de Roa Bastos há presença de mitos guaranis e da oralidade paraguaia.

Esses contatos culturais com o pai e mãe criaram dois eixos de reflexão sempre presente na sua obra: o autoritarismo e a cultura guarani. Pensar a obra de Roa Bastos é

⁵⁵ Eduardo Schaerer foi um político paraguaio, de ascendência suíça, presidente do Paraguai de 15 de agosto de 1912 até 15 de agosto de 1916. Foi o primeiro presidente paraguaio a cumprir a integridade do mandato desde Francisco Solano López em 1870.

pensar o Paraguai, pois é uma romance dual, erudito e popular ao mesmo tempo, particular e universal. O Paraguai é o ponto de partida para pensar o poder e a cultura latino-americana.

A aspereza e o autoritarismo não marcavam apenas as relações sociais e pessoais naquele país, sua cena política orientava-se pela instabilidade gerada pelas lutas em torno do poder e a cultura da violência. A eleição de 1920 que levava Manuel Gondra⁵⁶ ao poder sendo deposto no ano seguinte e Eusébio Ayala⁵⁷ foi nomeado ao cargo com a missão de enfrentar questões diplomáticas referentes aos limites territoriais entre o Paraguai e a Bolívia que há muito vinha causando desavenças entre os dois países. Observa-se a instabilidade da política internacional, que apresentava dificuldades; já a política interna se comportava de maneira análoga, pois no ano de 1922 os partidos Colorado⁵⁸ e Liberal⁵⁹ se enfrentaram provocando uma revolta armada levando a renúncia de Manuel Gondra em 1923. O seu sucessor foi Eligio Ayala⁶⁰, que governou o país entre os anos 1923 a 1928. Nesse período, ele conseguiu trazer ao espaço político uma rara tranquilidade, sem perseguições, prisões políticas e nem decretos de estado de sítio. O Partido Comunista Paraguaio⁶¹ só irá atuar na legalidade a partir de 1928.

Nesse contexto de tranquilidade política que paira, no ano de 1925, Augusto Antonio Roa Bastos volta à cidade de Assunção para dar continuidade aos estudos, no colégio São José, por meio da bolsa obtida pelo tio Hermenegildo Roa, bispo da Igreja Católica, e passa a morar com ele. A convivência com o tio foi importante para a formação intelectual do futuro escritor Augusto Roa Bastos. Quando menino passa muito tempo na biblioteca, onde lê os

⁵⁶ Manuel Gondra Pereira (Buenos Aires, 1 de janeiro de 1871 - Assunção, 8 de março de 1927) foi jornalista e político paraguaio. Gondra se tornou presidente do país por duas ocasiões, de 25 de novembro de 1910 a 11 de janeiro de 1911 e de 15 de agosto de 1920 a 31 de outubro de 1921.

⁵⁷ Eusebio Ayala político paraguaio que assumiu a presidência do país nos anos de 1921 a 1923 e depois comandou o Paraguai nos anos de 1932 a 1936. Ficou conhecido como presidente da Vitória pela maneira que conduziu seu país durante a Guerra do Chaco.

⁵⁸ O partido Colorado foi fundado em 1887 formado por representantes dos militares conservadores e dos proprietários de terra. O partido defendia a soberania nacional e angariou popularidade das classes mais pobres, devido, ao seu discurso patriótico, que reverenciava os heróis nacionais como José Gaspar Rodríguez Francia e o Marechal Solano Lopez. Os colorados comandaram a cena política, durante o período de 1887 a 1904, retornando na década de 40, por meio da Guerra Civil de 47 e permanecendo no governo até 2008.

⁵⁹ O partido Liberal foi fundado no mesmo ano que o partido Colorado, cujos integrantes pertenciam à burguesia latifundiária, comandando o cenário político do Paraguai de 1904 até 1940 com uma interrupção da hegemonia Liberal, no ano de 1936, quando o partido Febrerista assume o poder por um ano.

⁶⁰ Eligio Ayala foi nomeado pelo Congresso para assumir a presidência de forma provisória em abril de 1923 e ficou no cargo até agosto de 1928.

⁶¹ O Partido Comunista foi fundado em 1928 e passou quase toda sua história atuando na clandestinidade com algumas participações importantes como na campanha antiguerra do Chaco e na organização dos trabalhadores paraguaios e de seus comitês. Além dessas participações, os comunistas, na década de 40, tiveram fundamental importância na luta pelo fim da ditadura de Higinio Morínigo desfrutando, nesse período de um aumento substancial nas filiações devido a imensa campanha feitas no Jornal *Pátria Nueva e Adelante*.

clássicos do “Século de Ouro” da Literatura Espanhola. Depois, em sua juventude, com o auxílio e permissão do tio, toma contato com o pensamento de Voltaire e Rousseau, que até então eram considerados pensadores proibidos na comarca de Assunção. As incursões filosóficas fazem o jovem Augusto Roa Bastos refletir sobre a força das ideias subversiva, bem como o aproximam da literatura de ficção do período iluminista. O contato filosófico literário propiciado pelos anos em Assunção, desperta a vocação para as letras e aos 14 anos Augusto Roa Bastos escreve seu primeiro conto *Lucha hasta Alba*⁶² em 1931.

Em 1933, Augusto Roa Bastos foge do colégio junto com outros colegas, viaja escondido em um barco de tropas para servir na guerra no Chaco, ao serem descobertos foram castigados pelo exército paraguaio e a eles coube limpar latrinas e vigiar prisioneiros bolivianos. Nessa situação o jovem Bastos presenciou a crueldade da guerra. Tal situação é retratada em especial, no primeiro capítulo do romance *Hijo de Hombre* (1960), o autor faz uso da ficção para exteriorizar o que ele vivenciou durante o conflito.

A década de 1930 traz grandes alterações para o contexto social e político paraguaio motivado pela Guerra do Chaco e pela influência das ideias totalitárias. No plano social, a juventude paraguaia se mobilizava para protestar contra o governo Liberal e também se organizava para exigir das autoridades, que declarem a guerra à Bolívia por uma questão de honra após a invasão do forte Samaklay. No entanto a declaração oficial de guerra apenas viria no ano de 1933, durante o segundo mandato de Eligio Ayala, após várias vitórias⁶³ conquistadas pelo General Felix Estigarribia em território paraguaio.

A Guerra do Chaco foi um conflito entre Paraguai e a Bolívia, que se iniciou em 15 de junho de 1932, sendo desencadeado pelos interesses da companhia norte americana *Standard Oil*, que perfurava poços no território da Bolívia. O Paraguai saiu vitorioso dessa guerra, mas essa vitória trouxe um clima de descontentamento gerado pelos acordos de paz decorridos pela disputa de interesses da Argentina e do Brasil, pois o primeiro país apoiava o Paraguai e o segundo a Bolívia.⁶⁴

A vitória paraguaia fez emergir a questão da propriedade e do acesso a terra pelo povo paraguaio, recolocando em pauta as discussões sobre o setor agrário, pois a distribuição das

⁶² Extraviado por um tempo e recuperado e publicado em 1979

⁶³ O General Felix Estigarribia conquistou várias vitórias antes da declaração de guerra, pois havia invasão boliviana em território paraguaio, em virtude dos poços de petróleo localizados na região do Chaco e dos limites territoriais, que a Bolívia havia ultrapassado.

⁶⁴ LEWIS, Paul H. *O Paraguai da Guerra da Tríplice Aliança à Guerra do Chaco*. In: *História da América Latina: de 1870 a 1930, volume V. Org. Leslie Bethell*. São Paulo: Edusp, 2008.

terras estava concentrada nos latifúndios que se dedicavam à pecuária e à extração de madeira nativa. Grande parte dos camponeses saía do campo para as cidades em busca de trabalho, provocando a superlotação das áreas urbanas.

De acordo com professor Luís Felipe Viel Moreira⁶⁵ a guerra do Chaco significou para o partido Liberal sua derrocada, pois modelos autoritários ganharam força entre os setores políticos paraguaios contrários ao governo Liberal, que avistavam no autoritarismo a solução para os males do país.

O prestígio adquirido pelo presidente civil Eusébio Ayala pela vitória da Guerra Chaco e a euforia gerada pelo nacionalismo não foram capazes de mantê-lo no poder. Em 17 de março de 1936 o presidente é destituído por um golpe militar comandado pelo coronel Rafael Franco. O golpe de 1936, segundo Luis Felipe Viel Moreira⁶⁶, abriu uma nova etapa política na história paraguaia, denominada tradição autoritário. Essa tradição autoritária é marcada pela hegemonia política do partido Colorado e por constantes golpes militares.

Assim como os anos 30 do século XX marcaram a história do Paraguai, a vida e a escrita de Augusto Roa Bastos também seriam influenciadas por esses anos. Aos 15 anos, abandona os estudos e se incorporar ao Exército como assistente de enfermagem, e mesmo não participando diretamente do conflito, seu trabalho no hospital de campanha o obriga a conviver com as cruéis marcas de guerra. Essa experiência⁶⁷ lhe deixa profundas impressões emocionais que o acompanharam pela vida e foram inseridas no trabalho literário por meio da escrita compromissada.

Após a participação na guerra Augusto Roa Bastos integra o mundo jornalístico, em 1936 trabalha como jornalista e cronista policial no jornal *El País* e ainda atua como cantor nas rádios, em seresta e festas.

1.2 Augusto Roa Bastos: o escritor.

⁶⁵ MOREIRA, Luis Felipe Viel. **Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936)**. Anais do V Encontro da ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-americana e caribenha). Belo Horizonte, 2002, p.4.

⁶⁶ Idem

⁶⁷ Informação obtida por meio da entrevista de Augusto Roa Bastos ao crítico literário Richard Lorenz.

Em um dia qualquer do ano de 1968, o crítico literário alemão Günter W. Lorenz realiza uma entrevista com o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos em terras argentinas. Neste encontro, o diálogo travado entre os dois intelectuais é proveitoso, pois o entrevistador obtém informações preciosas a respeito da motivação de Roa Bastos em se tornar escritor. A entrevista vai além do caráter pessoal e adentra a discussões sobre as características da literatura latino-americana.

Para efeito desta pesquisa considerou-se as informações obtidas na entrevista como preciosas por duas razões: a primeira reside na postura escorregadia e provocadora assumida pelo entrevistado, que exigiu do entrevistador sagacidade e sutileza para tornar a entrevista mais clara aos olhos do leitor; a segunda razão se coloca no conteúdo da mesma, que permite ao leitor compreender as características da obra robastiana e as razões que levaram o autor a fazer uso da história de seu país como material da ficção, bem como qual era a sua posição política.

Neste diálogo⁶⁸ o escritor Augusto Roa Bastos define sua relação com a literatura, a partir de jogos de enunciados, quando ele diz: “Por que não escrevo e por que escrevo”. Percebe-se pela leitura da entrevista, que suas obras não são movidas simplesmente por vocações artísticas, mas sim pela sua capacidade de escrever e pela possibilidade de despertar sua consciência no mundo e seu compromisso com a realidade que vive. Nas palavras do autor o compromisso é antes “de tudo a capacidade se solidarizar e de padecer com, o sofrer de alguém. Eu me identifico com o homem que sofre inclusive esta afirmação se chama compromisso. [...] O escritor tem, portanto uma obrigação ética, uma obrigação moral”⁶⁹.

O compromisso enunciado pelo autor não deve ser confundido com o engajamento político partidário ou muito menos motivação ideológica aliada ao comunismo ou ao socialismo. A concepção de compromisso robastiana se assemelha ao engajamento de Alejo Carpentier proposto no livro *Literatura e Consciência Política na América Latina*:

Ocupar-se desse mundo, desse pequeno mundo, desse grandíssimo mundo é tarefa do romancista atual. Entender-se como ele e com esse povo combatente, criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar-lhe, mostrá-lo, mostra nele seu âmago, erros e grandezas e as misérias, falar dele mais e mais, ao que

⁶⁸ Termo assumido pelo entrevistado durante a entrevista concedida ao crítico literário Richard Lorenz em 1968. Ver: Entrevista de Augusto Roa Bastos In: LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina:panorama de uma literatura do futuro**. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973

⁶⁹ Entrevista de Augusto Roa Bastos In: LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina:panorama de uma literatura do futuro**. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U , 1973 p.269

permanecem sentados à beira do caminho, inertes, esperando, não sei o quê, ou talvez nada, mas que têm, no entanto, necessidade de que se lhe diga alguma coisa para os demover.⁷⁰

Ocupar-se do mundo, do seu mundo e do sofrimento humano estiveram sempre presentes na produção de Roa Bastos. É errôneo pensar sua obra apenas como reflexo de sua vida, pois escrever um romance sobre um exilado não significa que o escritor esteja tratando de si. As vivências pessoais como o exílio, à perseguição política não pode ser desconsiderada na análise das obras, pois desempenhou papéis importantes na formação intelectual e no posicionamento político, pois a partir dessa realidade provocada pelo autoritarismo o escritor pode pensar os efeitos do poder em seu país sob um olhar externo e crítico.

A literatura de Roa Bastos caracteriza-se pela dualidade entre temas locais e universais. O local se expressa a partir do contexto histórico trazido para ficção, cuja função, é discutir situações particulares buscando alçar reflexões sobre a condição humana e o sofrimento. As premissas citadas servem de base para a universalidade da obra, pois quando o autor retrata o homem perseguido pelo regime stronista, condicionado ao exílio, não está representando o indivíduo Augusto Roa Bastos, mas sim o homem do século XX cerceado de sua liberdade advindo de sistemas autoritários e se vê obrigado a deixar a pátria em busca da sobrevivência.

A produção literária de Augusto Roa Bastos é constituída pelos seguintes gêneros: poesia, contos, crônicas, crítica literária, roteiros, teatro e por fim o romance que o projetara para o reconhecimento internacional. É no romance que o autor é tido como um importante literato latino-americano por duas razões.

A primeira razão se coloca no âmbito da construção da narrativa que se alicerça na dicotomia história e ficção que se entrelaçam, “elaborando uma nova estética, repleta de aspectos que se unem à maneira desconstrutiva de construir, rompendo a estrutura tradicional do romance.”⁷¹ O rompimento com a estrutura tradicional do romance se materializa na prosa robastiana a partir da presença de personagens míticos e históricos que perpassam a narrativa não obedecendo qualquer aspecto de linearidade constituindo uma lógica discursiva calcada

⁷⁰ CARPENTIER, Alejo. *Literatura & Consciência Política na América Latina*. Trad. Manuel J. Palmerim Madri: Alberto Corazon, 1969, p.65.

⁷¹ PRESSOTTO, Paulo Henrique. *Augusto Roa Bastos no Paraguai e no Brasil: cartas, entrevistas e críticas*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2002, p.8.

em diversas vozes que se emaranham na dicotomia história e ficção. Essa forma de narrativa visa questionar não só a escrita da história paraguaia, que privilegia como sujeitos históricos, mas também os homens ligados ao Estado, oferecendo assim outra versão histórica ao país.⁷²

Paulo Pressotto⁷³ argumenta que além da genialidade do autor e seu reconhecimento no cenário latino-americano não é calcado apenas na atenção da crítica literária dirigida a suas obras, sua atuação como jornalista de denúncia e protesto empreendido por Roa Bastos visando à melhoria da situação de seu povo também atraiu notoriedade.

Para estabelecer uma compreensão ampla do intelectual paraguaio, tomar-se-á as relações entre escrita literária e contexto histórico presente nas obras de Augusto Roa Bastos a partir da divisão temática temporal de sua produção que neste estudo será definido por fases. Estas fases serão denominadas: “Primeiros Escritos”, “A escrita de Poder” e a “Releitura da ditadura no período democrático”.

A divisão do trabalho nas fases: “Primeiros Escritos”, “Escrita do Poder” e “Releitura da Ditadura no período democrático” permite pensar o contexto político do Paraguai e sua relação com os intelectuais; a formação do intelectual Augusto Roa Bastos; sua relação com a história do país; o papel da literatura como construtora e leitora da história⁷⁴ no Paraguai. Esse papel empreendido pela literatura em relação à História no caso paraguaio é decorrente da cultura autoritária simbolizada na censura ao pensamento e as vozes da sociedade paraguaia. A ação do poder desintegra grupos de intelectuais e promove a construção de apenas uma história oficial. Em razão disso a literatura irá construir uma nova visão de história do país.

⁷² PRESSOTTO 2002

⁷³ PRESSOTO 2002, p.9

⁷⁴ Literatura como leitora da história é uma expressão cunhada por Heloísa Costa Milton. IN: MILTON, Heloísa Costa, **As histórias da história - Retratos literários de Cristóvão Colombo**. Tese de doutoramento (inédita). FFLCH/USP, 1992.

1.3 O Contexto Histórico e os Primeiros Escritos de Roa Bastos (1930-1960)

A primeira fase compreende os anos de 1930 a 1960 e caracteriza-se por uma produção com vários gêneros literários desde contos, crônicas, romance e peças teatrais. O fazer literário de Roa Bastos é aliado ao trabalho de jornalista. Nessa fase, a cena política paraguaia foi marcada por momentos de instabilidade como: as lutas entre os partidos Febrerista e Colorado, a guerra Civil de 1947, a instalação da ditadura de Alfredo Stroessner e o primeiro exílio do escritor.

A proposta de estudo desse tópico passa pela exposição do contexto histórico, no qual se insere o escritor. A explanação do contexto histórico paraguaio a partir deste tópico justifica-se pela escolha de pensar a biografia do autor a luz do contexto do país, porque o literato faz uso da história paraguaia como material da ficção, além disso, o estudo da biografia aliado ao contexto permite analisar as relações entre a história do Paraguai e as ideias do intelectual Augusto Roa Bastos em relação ao país.

A partir de 1935, Augusto Roa Bastos ingressa na Universidade de Assunção e começa a receber aulas de direito e economia. Nesse mesmo ano, ele inicia seu trabalho no jornal *El País*, como aprendiz de jornalista, e ao realizar reportagens sobre agricultores de erva mate no norte de país consegue se destacar na redação do jornal e recebe admiração e respeito dos colegas de trabalho. O trabalho jornalístico não impediu o trabalho literário, pois em 1937 concorre ao *Premio del Ateneo*, de Assunção com o romance *Fulgencio Miranda* e sai vencedor. No entanto, esse romance não foi publicado devido a extravio da única cópia que posteriormente foi descoberta nos arquivos do *Ateneo Paraguayo* ⁷⁵.

O final da guerra do Chaco em 1935 prenunciava novos rumos na política paraguaia, pois a era liberal chegou ao fim e os militares passaram a ter força política com a formação da *Asociación Nacional de ex Combatiente*. Eles passam a ser o grupo opositor aos partidos políticos: Liberal e Colorado sob a alegação da ineficiência dos mesmos perante o cenário político econômico do país. Membros dessa associação, oficiais do Exército e políticos descontentes se integraram as conspirações que culminaram na revolta Febrerista.

Em 17 de fevereiro de 1936, um golpe militar depôs o presidente Eusebio Ayala e o coronel Rafael Franco do Partido Febrerista assume o poder durante um ano. Logo depois ele

⁷⁵ Entidade civil sem fins lucrativos que se dedica a promoção de atividades culturais, ao ensino das Artes desde 1883.

fora deposto por outro golpe. O governo de Rafael Franco caracteriza-se por um discurso nacionalista com retórica anticapitalista e antiestrangeiristas comuns aos movimentos fascistas.

O ideário febrerista presente no Governo de Rafael Franco apresentava tendência fascista expressada no decreto 152 artigo 1: “a revolução Libertadora no Paraguai se reveste da mesma índole das transformações sociais totalitárias da Europa contemporânea, no sentido de que Revolução Libertadora e o Estado já são a mesma coisa”⁷⁶

Guido Alcalá analisa as proximidades entre o governo de Rafael Franco e a política empregada por Hitler ao aproximar as leis nazistas de 2 de maio de 1933 e o artigo 3 do decreto paraguaio nº 152 que prevê a dissolução dos sindicatos, proibição de novos partidos. Alcalá argumenta que as faculdades de Rafael Franco para governar por meio de decretos e sem participação de parlamentares eram análogas às aquelas concedidas a Hitler, no entanto, ele diz que o presidente paraguaio não poder ser considerado um nazista, mas sua aproximação com esse ideário foi responsável direto para a implantação e sustentação autoritária dos próximos regimes.

A eleição do general José Felix Estigarribia em 1939, marca a volta do Partido Colorado ao poder. E logo depois uma nova Constituição foi promulgada em 1940, estabelecendo uma carta magna de caráter autoritário dando plenos poderes ao presidente. A Constituição promulgada em 18 de fevereiro de 1940, manteve tendência autoritária e a influência do ideário fascista presente no governo do coronel Rafael Franco.

A proximidade entre a política paraguaia e os Estados Totalitários europeus é demonstrada pela análise de Guido Alcalá:

O decreto nº1 de Estigarribia foi a réplica do Decreto nº 152 de Franco – ressaltando as diferenças semânticas -, os argumentos utilizados por certos cuarentistas, ou seja, os jovens liberais de 1940 que apoiaram Estigarribia, lembramos utilizados pelos febreristas, entre eles: a decadência do sistema democrático liberal, qualificado de obsoleto e corrupto; a necessidade de um executivo forte; a necessidade de voltar a um passado glorioso de Francia e dos López e às glórias tradicionais; o chamamento à unidade nacional acima das “falsas” divisões partidárias. O decreto nº 1 também se viu seguido de uma série de disposições que restringiam as liberdades de imprensa, associação política e sindical como aconteceu com o decreto nº 152.⁷⁷

⁷⁶ Decreto-Lei nº 152/1936 apud ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Ideologia Autoritária**. Trad. Luis Felipe Viel Moreira; Marcela Cristina Quinteros. Brasília: Funag/IPRI, 2005. p.95.

⁷⁷ Idem. p.98-99

As relações das ideias fascistas europeias com a política paraguaia se fazem presente, durante as décadas de 30 e 40 do século XX, e serviram de justificativa para a construção de um nacionalismo legitimador dos regimes autoritários desse país. A inserção do ideário fascista iniciada pelo febrerista Rafael Franco, na política paraguaia, ganha força nos setores militares e é utilizado pelo Governo de José Felix Estigarribia e seu sucessor Higinio Morínigo.

A constituição de 1940 promulgada por José Felix Estigarribia, não foi colocada em prática por este presidente em virtude de sua morte num acidente aéreo. O episódio comove o país e o escritor Augusto Roa Bastos escreve uma elegia em sua homenagem para ressaltar sua importância como herói de guerra. Ainda nesse texto jornalístico, o escritor homenageia os heróis anônimos da guerra do Chaco. Após a morte do presidente Estigarribia, o país é governado pelo então ministro da guerra Higinio Morínigo.

O governo de Higinio Morínigo iniciou no ano de 1940 e manteve a Constituição promulgada pelo seu antecessor. No entanto, implantou um sistema político ditatorial, no qual, dissolveu os partidos políticos por meio de decreto, restando apenas o partido Colorado, na cena política; perseguiram sindicatos, grêmios estudantis e intelectuais. Inspirado no Terceiro Reich, o governo cria o DENAPRO (*Departamento Nacional de Prensa y Propaganda*), órgão oficial responsável pela divulgação ideológica do regime e do controle dos meios de comunicação.

A inspiração no terceiro Reich para a criação do órgão responsável tanto pela manutenção ideológica do regime bem como a repressão do mesmo, não caracteriza o governo de Morínigo como nazista, mas denota a influência das ideias totalitárias na política paraguaia. A posição de Higinio Morínigo em relação às ideias totalitárias aparece mais como simpatia e admiração ao nazismo conforme nos mostra Alfredo Seiferheld⁷⁸:

*Del presidente recién elegido se conocían también el nacionalismo a ultranza, transformado en rutinaria xenofobia [...] por su admiración hacia el Eje, en la que se mezclaban confusamente la simpatía por el ejército alemán y algunos elementos ideológicos del nacionalsocialismo.*⁷⁹

⁷⁸ SEIFERHELD, Alfredo M. apud ROSSI, Laura M. ***El desarrollo de la enseñanza social de los obispos del Paraguay (1940-1993): un compromiso progresivo con la dignidad de la persona humana***. Roma: Editora Pontificia Universitá Gregoriana, 1998, p.38.

⁷⁹ Do presidente recém-eleito também sabia de seu nacionalismo extremo transformado em a xenofobia cotidiana [...] por sua admiração pelo Eixo, que confusamente misturado simpatia para o exército alemão e os elementos ideológicos do nacional-socialismo. Tradução nossa.

A posição ideológica do presidente Higinio Morínigo apresenta uma acomodação das ideias totalitárias ao contexto paraguaio. Se por um lado há apreço pelo nacionalismo, segundo Seiferheld, o governo chegaria a manter uma xenofobia rotineira, por outro lado esse nacionalismo admite elementos estrangeiros em decorrência da relação de admiração de Morínigo ao nazismo.

Essa relação entre Morínigo e alguns elementos do nazismo aliado à constituição autoritária de 1940 nos permitem entender os empreendimentos realizados, durante seu governo, como a repressão sistematizada e materializada pelo DENAPRO e pelas prisões dos opositores e a centralização do Estado por meio do predomínio do poder Executivo.

Nesse contexto de autoritarismo, vigilância e censura, o campo das letras e das artes no Paraguai apresentava uma nova tônica, um movimento de vanguarda. A literatura paraguaia apresentava sua maturidade na poética e na narrativa. A escritora Josefina Plá⁸⁰, poetisa de origem espanhola, mas com alma paraguaia, é considerada fundadora desse movimento em parceria com Herib Campos Cervera, pois apresenta uma nova concepção de poesia para seu país por meio de ensaios. Para a escritora a poética necessitava de uma nova forma frente à realidade:

*La poesía recibe nuevo empuje en las grandes crisis espirituales de la civilización, cuando el individuo, en el derrumbe de todas las estructuras éticas y sociales, se ve enfrentado de nuevo al cosmos y abocado a reconquistarlo, a rescatarlo, renovándose en una acción fáustica. No es de extrañar, pues, que la literatura sea, desde hace dos siglos, y en un tempo constantemente acelerado, el arte de elección. La literatura, de todas las artes la mía inmediata al cauce primordial de expresión, el lenguaje; que es el mismo lenguaje en culminante valor oracular. ¿Acaso el hondón humano, turbado y removido como nunca, no ofrece hoy una de las más terribles crisis que la humanidad pueda recordar?*⁸¹

O manifesto acima formulado pela poetisa Josefina Plá coloca em questão o papel da poesia, perante o tempo, se por um lado a poesia era motivada pelas grandes crises de valores, pois o homem seria impelido diante do novo a resgatar e reconquistar seu universo fraturado e

⁸⁰ PLÁ, Josefina apud ÁLCALÁ, Hugo Rodríguez. **El vanguardismo en el Paraguay**. Revista Iberoamericana, vol. XLVIII, número 118,119 Enero-Junio,1982 p.247.Disponível em:<<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/3694>>. Acesso em: 23 jan.2011

⁸¹ A poesia recebe um novo impulso nas grandes crises espirituais da civilização, quando o indivíduo,diante do colapso de todas as estruturas éticas e sociais, se vê sentada a frente de novo a um universo e fadado a reconquistá-lo, resgatá-lo, renovando-se em uma ação faustina. Não é de se surpreender, pois, que a literatura seja , há dois séculos, e em um tempo constantemente acelerado, a arte da escolha. A literatura, de todas as artes é a que eu considero na atualidade o canal de expressão, a linguagem, que é a mesma linguagem à altura de oráculo. Será que o hondón humano, perturbado e removido como nunca, não oferece hoje uma das crises mais terríveis?[*Adaptação nossa*].Neste trecho a tradução necessitou ser adaptada para que houvesse sentido à língua portuguesa. O vocábulo hondón foi mantido no original, pois não foi encontrado um vocábulo correspondente em língua portuguesa.

a literatura atuaria como uma linguagem capaz de reorganizar este homem e indaga-se sobre a necessidade da poesia em seu país diante da crise de valores gerada pela atmosfera bélica no contexto internacional e pela instabilidade política paraguaia.

Nas palavras do crítico literário Hugo Rodríguez Alcalá⁸², a poesia da geração de 1940 se apresentava como libertadora e dotada de um novo conceito e com uma nova função social:

La poesía adquiere rango de liberadora: su misión es 'abrir la puerta a las nuevas almas': hacer conciencia lo subconsciente. La nueva poesía, claro está, no podrá verse en viejos moldes, porque entre la poesía de ayer y la de hoy hay una radical diferencia. La de ayer es concepto, «la nueva es intuición»⁸³.

A década de 1940 se tornaria um marco importante na vida literária de Roa Bastos, pois ele se integra ao grupo literário formado pelos escritores paraguaios Herib Campos Cervera⁸⁴ e Josefina Plá como discípulo. Esse contato intelectual o provocou, em termos literários, uma renovação na estética paraguaia, pois o grupo adota o estilo realista em sua produção. O escritor volta seu interesse literário para a poesia, a crônica, o conto, o teatro e o romance.

Hugo Rodríguez Alcalá⁸⁵ observa que a ascensão do escritor Roa Bastos dentro do grupo literário de discípulo a escritor influente se deve a rapidez em que acontece a instalação do mesmo, na vanguarda de 1940, em razão de sua paixão dedicada ao estudo da nova poética.

Nessa primeira fase, a escrita robastiana, como já dissemos, caracteriza-se pela diversidade de gêneros literários, nos quais, destacam-se a poesia, o conto, a crônica, o teatro e o roteiro cinematográfico, a produção desses textos é marcada pelo contato do autor com os poetas Hérib Campos Cervera e Josefina Plá e pela perseguição política que culmina no exílio na Argentina em 1947.

⁸² ÁLCALÁ, Hugo Rodríguez. *El vanguardismo en el Paraguay*. Revista Iberoamericana, vol XLVIII, número 118,119 Enero-Junio, 1982 p.247. Disponível em: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/> Acesso em: 22ago.2011.

⁸³ A poesia se torna libertadora, pois sua missão é: ‘de abrir portas para novas almas’, sensibilizar o inconsciente. A nova poesia está claro que não poderá se desenvolver em velhos moldes, por que a poesia de ontem e a de hoje tem uma diferença radical. A de ontem é conceito e nova é intuição. Tradução nossa.

⁸⁴ Herib Campos Cervera, nasceu em 1905 em Assunção no Paraguai e dedicou-se a poesia de caráter intimista e pessoal bem como pôs sua escrita a serviço da realidade paraguaia, ao escrever poemas de “*Proximidad o grito*”. A necessidade da escrita social e de denúncia advém dos abusos do poder presentes nos cenários político paraguaio e a situação de exílio vivenciada pelo autor a partir de 1931.

⁸⁵ ÁLCALÁ, Hugo Rodríguez. *El vanguardismo en el Paraguay*. Revista Iberoamericana, vol XLVIII, número 118,119 Enero-Junio, 1982 p.254. Disponível em: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/> Acesso em 22 dez.2011.

O contato dos poetas Héríb Campos Cervera e Josefina Plá desencadeou o movimento intelectual e literário denominado por Jose Vicente Peiró Barco⁸⁶ como *a geração de 40*. Nesse período a literatura paraguaia desenvolve como prática literária o realismo, adquire visibilidade internacional a partir das obras de Roa Bastos e Gabriel Casaccia. A literatura paraguaia passa pelos seguintes locais de produção: o grupo “Vy’a raity”⁸⁷ que se compõe de intelectuais iniciadores da modernidade paraguaia, as revistas: “Alcor” e “Dialogo y Asedio”, a Faculdade de Filosofia e por fim a Academia Universitária

O grupo “Vy’a raity” formado em 1940 por Josefina Plá, Herib Campos Cervera e Augusto Roa Bastos promove a produção de poemas, contos e peças teatrais aliados ao realismo crítico social, bem como introduzem uma renovação estética e plástica para o cenário cultural paraguaio.

O caráter político desempenhado pela geração 40 na literatura vai além dos trabalhos de seus fundadores. O estudioso da literatura paraguaia José Vicente Barco Peiró⁸⁸ argumenta que os discípulos de Josefina Plá desenvolviam uma poesia política com doses de criticismo adornando com um pouco de arte para ocultá-las. A manifestação crítica desses poetas, embora em doses homeopáticas fosse muito melhor do que o silêncio.

Autores como Esteban Cabañas, Miguel Ángel Fernández, Francisco Pérez Maricevich y Roque Vallejos, seguidores de la proteica estela creativa de Josefina Pla, defendieron una poesía altamente política y necesariamente vanguardista en sus formas. Era mejor ofrecer una dosis adecuada de crípticismo para presentar las ideas y ocultarlas bajo una apariencia artística que permanecer callados.

Se por um lado a década de 1940 se colocava favorável ao campo cultural, na política as lutas pelo poder se colocam mais intensas e as perseguições aos opositores do regime promoviam o exílio dos paraguaios.

O cargo de chefe da Redação do Jornal “El Pais” colocaria Augusto Roa Bastos, em 1942, sob a vigilância do governo paraguaio de Higinio Morínigo, por meio do DENAPRO (*Departamento de Propaganda y Prensa*). A razão pela qual se dá essa vigilância em torno

⁸⁶ PEIRÓ BARCO, José Vicente. *Literatura y sociedad: la narrativa paraguaya actual (1980-1995)*. Tese (doutorado em Filologia espanhola), Faculdade de Filologia, Universidade de Educação à Distância. Madri, 2001. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/autor/peiro-barco-jose-vicente--0/>. Acesso em 10/09/2011

⁸⁷ Denominação em guarani é “O ninho da Alegria”

⁸⁸ PEIRÓ BARCO, José Vicente. *Ecos vanguardistas en la narrativa de Paraguay (1970-1992)*. Assunção: Editora Felicita Kartoner, 2010. Disponível em: <http://zethyaz.blogspot.com/2008/09/ecos-vanguardistas-en-la-narrativa-de.html>. Acesso em 10set.2011

do escritor paraguaio pode ser entendida pelo sistema de censura empreendida pela ditadura de Morínigo e mais tarde por Alfredo Stroessner, que o autor Rubén Barreiro Saguier⁸⁹ chamou de censura preventiva que tem por objetivo causar medo, intimidação e doses de castigo, a fim de dissuadir a intelectualidade paraguaia, pois na análise do autor os intelectuais⁹⁰:

*Representantes naturales del pensamiento progresista, disconforme y renovador, opuestos al compromiso o a la farsa parlamentaria, sus dirigentes son víctimas habituales de la represión preventiva: integrantes de una "lista negra", cualquier acontecimiento "sospechoso" es ocasión para el apresamiento automático de los mismos.*⁹¹

Para o cidadão e escritor essa situação não o impedira de publicar artigos relacionados à liberdade e democracia. Em 1943, um atrito entre o presidente Morínigo e o escritor Augusto Roa Bastos o coloca na lista dos inimigos do Estado, em razão da atitude de não mencionar a presença do presidente Morínigo e ignorá-lo, em uma exposição de livros o que causou mal estar entre os militares.

Em 1945, Augusto Roa Bastos recebe uma bolsa de estudos da *Bristish Broadcasting Company*, que, lhe permitiu refugiar-se na Inglaterra e fugir de sua iminente prisão. “Em terras inglesas, ele estuda a organização jornalística e radiofônica, trabalha como correspondente internacional do jornal paraguaio “*El País*” e cobre a Segunda Guerra Mundial para o Programa de rádio “*Antes y despues de la Guerra*”. Sua passagem pela Europa não se circunscreve apenas ao território inglês, a convite André Malraux, ministro de informação, se torna o primeiro jornalista latino a entrevistar Charlles de Gaulle. Dessa experiência, em terras europeias, surgiu a coletânea de crônicas “*La Inglaterra que yo vi*”⁹².

A derrota do Eixo (Itália, Japão e Alemanha), na Segunda Guerra, afetou diretamente o prestígio do presidente Morínigo devido a sua aproximação ao ideário nazista. Internamente no Paraguai, criaram-se condições da formação de alianças entre seus opositores, os grupos sociais excluídos e de militares insatisfeitos com o regime. Em todo o país inúmeras mobilizações políticas são organizadas em prol da restauração da democracia. Este

⁸⁹ BAREIRO-SAGUIER, Rubén. **Los intelectuales frente a la dictadura: la represión cultural en Paraguay**. Revista Nueva Sociedad, número 35, marzo-abril,1975, p.55-63.Disponível em:www.nuso.org Acesso em 22.jul.2011

⁹⁰ Idem,p. 58

⁹¹ Representantes naturais do pensamento progressista, indecoroso ,renovador, compromissado ou opositor ao à farsa parlamentária, seus líderes são vítimas regulares de repressão preventiva: os membros de uma "lista negra" qualquer evento "suspeito" é uma oportunidade para a captura automática dos mesmos.[tradução nossa]

⁹² De acordo com Paulo Henrique Pressotto, após os anos de 1946 a 1947, nenhum exemplar desse livro foi encontrado

tumultuado período da história paraguaia consagra uma das forças conservadoras do Partido Colorado: o Guión Rojo liderado por Juan Natalício Gonzalez⁹³, que atuava em favor da ditadura implantando o terror e a intolerância como estratégias para mobilizar o povo e mais tarde alcançar o poder. A atuação deles não se limitava a perseguir seus adversários políticos, mas toda a população civil que não aderisse aos princípios do Partido Colorado.

O ano de 1947 configurou uma data marcante tanto na cena de política paraguaia quanto na vida do escritor Roa Bastos. No primeiro caso, o país vivenciou uma Guerra Civil pelo poder tendo como envolvidos: o partido Colorado sob a liderança do então presidente Higinio Morínigo com o apoio do Guión Rojo⁹⁴ contra os Partidos: Liberal e Febrerista. A vitória desse conflito coube ao grupo ligado ao presidente Morínigo, o que desencadeou um processo de perseguições políticas aos civis e políticos que sobreviveram ao conflito e não se aliaram ao grupo vencedor. O resultado do conflito forçou 400 mil paraguaios a se exilarem em solo argentino, não só por questões políticas como também por procurarem melhores condições financeiras.

No segundo caso, os efeitos do conflito de 1947 modificaram a trajetória pessoal e literária de Roa Bastos. Junto com outros paraguaios, o escritor exilou-se na Argentina. O exílio de Roa Bastos se deu por duas situações cabais: a primeira acontece após a encenação da sua peça *Mientras Llegue el día*⁹⁵ com colaboração de Fernando Oca Del Valle. A encenação retratava a vida nos campos de concentração. A temática da peça causou mal estar com o governo de Morínigo, devido à simpatia do presidente ao nacional socialismo. A segunda se dá por um atrito entre escritor e o ministro da Fazenda Natalício Gonzalez, pois este sentiu-se ferido com as opiniões do escritor havia dado em algumas obras. Esse mal estar levou o ministro da Fazenda a decretar a captura de Roa Bastos vivo ou morto. Essa situação leva Roa Bastos a fugir e passar uma noite em um depósito de água e depois asilar-se na residência do agregado cultural brasileiro para depois seguir viagem para Buenos Aires.

O exílio em massa produzido pelo conflito de 1947 afetou diretamente a intelectualidade paraguaia pertencente ao movimento renovador da poética paraguaia denominada de Geração 40. Este conflito motivou a primeira grande dispersão do pensamento

⁹³ Juan Natalício Gonzalez se dedicou ao jornalismo e a política paraguaia, foi presidente da República de 16 de agosto de 1948 até 30 de janeiro de 1949. Durante seu governo ocorreu a estatização da *Compañía Americana de Luz y Tracción* (CALT), que se tornou a *Ande*. Foi derrubado por um golpe de estado liderado por Felipe Molas López e Federico Chaves.

⁹⁴ Grupo organizado pelo presidente Higinio Morínigo para atuar como força policial do Estado para controlar a dissidência dos Febreristas, os Liberais e os editores de jornais exilados da oposição.

⁹⁵ Essa peça nunca chegou a ser publicada.

paraguaio, formando dois grandes grupos que Rúben Bareiro Saguier⁹⁶ denomina os *de fuera* formado pelos intelectuais em exílio fora do país a exemplo de Augusto Roa Bastos, Gabriel Cassacia e Hugo Rodríguez Alcalá; os *exiliados de adentro* formado pelos pensadores que ainda habitam o Paraguai a exemplo de Josefina Plá.

O ano de 1947 impôs uma nova condição ao paraguaio Roa Bastos, a de exilado. O Exílio levará a assumir uma nova realidade: a de cidadão do mundo. Cidadão de muitas terras, visto que ele viveu na Argentina, França e Espanha. A Espanha lhe dará mais tarde, a cidadania, pois a de sua pátria, a paraguaia, seria cassada por Stroessner.

A trajetória do escritor exilado, o faria um cidadão de lugar algum, pois o exílio se tornou o motor para a busca incessante de sua identidade como forma de religá-lo à pátria que ele foi obrigado a deixar para trás.

O exílio para Roa Bastos, perdurou por 49 anos o tornando um emigrante “mais antigo no serviço”⁹⁷, de seu país. O primeiro país a receber o escritor foi à Argentina por ser o caminho traçado pelos paraguaios, após a Guerra Civil de 1947. A proximidade com o solo Argentino, tendo como divisor o rio da Prata, favoreceu esse primeiro exílio do escritor.

As informações sobre o exílio na vida de Augusto Roa Bastos encontram-se tanto quanto díspares, pois há estudiosos de sua obra que afirmam que o exílio do escritor se configuraria como autoexílio, e não o exílio político propriamente dito, pois há informações que o escritor entrou no país durante a ditadura estronista para realizar encontros culturais. E apenas em 1982, ele rompe com o governo Stroessner.

Essa concepção de autoexílio aparece no trabalho de Paulo Henrique Pressotto que apresenta dados sobre a nomeação do escritor como secretário da embaixada. Já, no governo de Federico Chaves, o escritor é nomeado para fazer parte de uma missão artística pela América Latina. Diante dessas informações o leitor é levado acreditar que exílio do escritor pode ser pensado como uma escolha.

⁹⁶BAREIRO-SAGUIER, Rubén. **Los intelectuales frente a la dictadura: la represión cultural en Paraguay**. Revista Nueva Sociedad, número 35, marzo-abril, 1975, p.59. Disponível em: www.nuso.org. Acesso em 04/06/2011.

⁹⁷ Expressão usada por Richard Lorenz durante uma entrevista realizada com o escritor Augusto Roa Bastos em 1968. Entrevista de Augusto Roa Bastos In: LORENZ, Günter W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U , 1973

No entanto uma análise mais cuidadosa dos decretos aliado ao contexto político de sua produção e biografia do autor, permite fazer uma crítica a esse conceito. Em primeiro lugar apresentar-se-á os decretos⁹⁸ e a posteriori far-se-á a discussão em torno dessa noção.

Ministerio de Relaciones Exteriores

DECRETO N° 16.016- Que nombra al señor Augusto Roa Bastos, Segundo Secretario de la Embajada del Paraguay em Buenos Aires

Asunción, 20 de Octubre de 1946

Por razones de mejor servicio y de conformidad al decreto n° 8088, del 11 de abril de 1945.

El presidente de la República del Paraguay

DECRETA:

Artículo 1° Nombrase al señor Augusto Roa Bastos, Segundo Secretario de la Embajada de Paraguay em Buenos Aires.

Artículo 2° Comuníquese, publíquese y desé al Registro Oficial.

Firmado .Higinio Morínigo M⁹⁹

Ministerio de Hacienda

DECRETO N° 18.528-Por el cual se encomienda una misión artística cultural varios países de América del Sud, Centro América y Europa con los señores Sila Godoy¹⁰⁰ y Augusto Roa Bastos.

Asunción , 25 de junio de 1953¹⁰¹.

Ao analisar o decreto de 1946 sancionado por Morínigo que nomeia Augusto Roa Bastos o segundo secretário da Embaixada paraguaia em terras argentinas, pode-se perceber no mesmo documento que mais intelectuais foram nomeados junto ao escritor para compor os cargos de conselheiro comercial e conselheiro cultural nesta embaixada. Os nomes citados no documento eram de Nestór Eduardo Rivero, poeta, que assume o cargo de Conselheiro Comercial; Leopoldo Ramos Jiménez que atuava como intelectual, político, sindicalista, jornalista e havia fundado o Partido Socialista Revolucionário, designado ao Conselho de Cultural. Observando de forma mais cuidadosa e considerando a discussão de Rubén Bareiro Saguier em torno do intelectual como alvo do Regime, várias questões podem ser colocadas: A nomeação de vários intelectuais para compor a embaixada paraguaia em Buenos Aires pode

⁹⁸ Os decretos 16.916/1946 e 18.529/1953. In: PRESSOTTO, Paulo Henrique. **Augusto Roa Bastos no Paraguai e no Brasil: cartas, entrevistas e críticas**. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2002 p.238-249

⁹⁹ Ministério das Relações Exteriores e Culto

Decreto n° 16016-que nomeia o senhor Augusto Roa Bastos, Segundo Secretário da Embaixada do Paraguai em Buenos Aires. Assunção, 20 de outubro de 1946. Por razões de melhor serviço e fazer de acordo com o Decreto n° 8.088, de 11 de abril de 1945.O Presidente da República do Paraguai DECRETA: Artigo 1° nomeou o Sr. Augusto Roa Bastos, Segundo Secretário, Embaixada do Paraguai em Buenos Aires. Artigo 2° comunicado, publicado dado em Diário Oficial. Assinado. Higinio Morínigo M . (tradução nossa)

¹⁰⁰ Cayo Sila Godoy guitarrista clássica do Paraguai e estudioso da obra de Augustín Barrios

¹⁰¹Ministério da Fazenda.DECRETO N° 18 528, que é confiada por uma missão cultural artística a diversos países na América do Sul, América Central e Europa, aos senhores Sila Godoy e Augusto Roa Bastos.Assunção, 25 de junho de 1953.(tradução nossa)

ser considerada uma manobra política? Quais interesses estariam envolvidos nessa ação de retirar a intelectualidade para fora do país? A saída de Augusto Roa Bastos seria uma questão de escolha?

Diante dessas inquietações suscitada a partir do desconforto de pensar a trajetória de Augusto Roa Bastos sob a perspectiva de autoexílio, conclui-se que a saída do escritor do país tem fatores políticos sim e não apenas motivado por uma escolha voluntária. O seu afastamento do Paraguai por estar a serviço de seu país deriva de uma forma encontrada pelo Estado de retirar da cena política esse intelectual por considerá-lo uma ameaça. Diante dos acontecimentos e de suas ações, Roa Bastos passa a fazer parte da lista de inimigo do Estado. O decreto do ano de 1953 mostra a aproximação do escritor com seu país e tenta demonstrar o compromisso de Roa Bastos em relação à cultura, mas isso não anula sua condição de exilado.

A discussão em relação à concepção de exílio para pensar trajetória e escrita de Roa Bastos aproximar-se-ia da outra corrente de estudiosos que admitem a perseguição sofrida pelo escritor como nos mostra Glória Pacheco em sua dissertação: *Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da história paraguaia* (2006). A autora argumenta que a trajetória do escritor é marcada por uma primeira fase de saída do Paraguai antes que se convertesse “em outro desgraçado hóspede dos cárceres políticos”¹⁰². Há também dados de que, na segunda fase do exílio, em terras argentinas, há sim uma perseguição política mais sistematizada como proibição de seus livros e decreto de sua prisão, pois foi considerado um indivíduo subversivo pela ditadura argentina, não lhe restando outra opção a não ser à saída daquele país.

Diante do desencontro das informações, optou-se por utilizar as informações quanto ao exílio do escritor, que foram abordadas, no trabalho de Glória Pacheco. A entrada do escritor no Paraguai, em determinadas épocas, pode ser entendida a partir da perspectiva da ditadura stronista que buscava dar ao regime uma fachada democrática.

Essa tintura democrática do período Stroessner pode ser vista no processo eleitoral convocada pelo ditador, não cabe aqui discutir, o quão democrático, foi esse processo, logo o ditador sempre se elegia como a maioria dos votos e era candidato único. Outro aspecto que se inclui nessa falsa democracia paraguaia é a promoção de encontro de intelectuais exilados no país. Essa prática empreendida pelo regime pode explicar a entrada de Roa Bastos no Paraguai.

¹⁰² PACHECO, Glória Elizabeth Saldivar de. **Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da história paraguaia**. Dissertação de Mestrado (em Literatura Comparada), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2006, p. 31.

Como para todos os exilados, a vida em outro país não é fácil. E para garantir sua sobrevivência com dignidade, durante o período de exílio na Argentina, Roa Bastos manteve dois empregos e passa por várias profissões não ligadas à literatura tais como: carteiro, vendedor ambulante, recepcionista de hotel, corretor de seguros. Os outros serviços do escritor, no exílio, não anularam o trabalho com as atividades literárias.

Na primeira fase de exílio de Augusto Roa Bastos que ocorreu entre anos de 1947 a 1976, o autor desenvolveu ao longo de sua estada na Argentina além das atividades acima citadas, ele chegou a ser redator e revisor do jornal *El Clarín*, também atuou como roteirista de cinema e professor universitário na área de Literatura. Toda essa gama de atividades desenvolvidas nesses 29 anos longe de seu país, não afastou Augusto Roa Bastos do trabalho de escritor. Nesse período de exílio argentino, o autor publicou o livro de conto, *El trueno en las hojas*¹⁰³ em 1953.

Voltando ao campo político a queda de Higinio Morínigo relaciona-se com a luta pelo poder empreendida pelos partidos políticos Colorado, Liberal e Febrerista, que levou a cabo a Guerra Civil de 1947 na cidade de Concepción. O conflito enfraqueceu o governo de Morínigo devido ao enfraquecimento da economia e ao exílio em massa decorrente da guerra e do regime autoritário. O resultado foi à tomada do poder por outro grupo do partido Colorado.

Entre os anos de 1949 a 1954, o Paraguai esteve sob o comando de Federico Chaves, que assumiu o governo por indicação e em 1950 é eleito constitucionalmente. Durante governo de Chaves, o país encontrava imerso em uma anarquia política e um caos econômico. No plano político, o presidente Chaves perdeu sua base aliada dentro do Partido Colorado quando destituíram, dos altos cargos, os seguintes membros da ANR¹⁰⁴: Victor Morínigo, Tomás Romero Pereira, Epifanio Mendez Fleitas restando ainda o coronel Nestor Ferreira chefe da Cavalaria. No plano econômico o país era considerado paupérrimo, carente de infraestrutura e sem fontes de produção sustentáveis, dependente de uma economia agrária em níveis primitivos. Esse quadro econômico paraguaio atraía atenção do governo norte americano no contexto da Guerra Fria.

¹⁰³ ROA BASTOS, Augusto. **El trueno entre las hojas**. Buenos Aires: Losada (*Colección novelistas de España y América*),1953.

¹⁰⁴ A sigla ANR significa *Asociación Nacional Republicana* e compreende em uma divisão interna do Partido Colorado.

Bernardo Neri Farina¹⁰⁵ argumenta que os Estados Unidos teriam uma visão clara que o Paraguai seria um local fácil para a implantação do comunismo considerando sua extensão e sua economia débil, aliada ao quadro político, que dispunham de governos ineficazes e corruptos e com pouca gente capaz de manejar a economia. Era preciso que o governo norte americano exercesse domínio sobre esse país para que o comunismo não se alastrasse ao Brasil e Argentina.

A derrocada do governo de Federico Chaves se iniciou de sua forte relação de apoio político ao chefe da Cavalaria despertando um sentimento de ameaça no chefe das Forças Armadas Alfredo Stroessner, que temia a saída da Cavalaria de seu controle. A tensão entre Chefe das Forças Armadas e Presidente foi agravada quando o Chefe da Cavalaria Nestor Ferreira destitui o Major Virgilio Candia do comando do Regimento da 3ª Cavalaria sem comunicá-lo que o presidente em exercício estava ciente. A partir desse episódio Alfredo Stroessner articula o golpe de 1954 contra Chaves sob a alegação que o referido presidente estaria interferindo inadequadamente em questões que pertencem à alçada dos militares.

O final da fase dos Primeiros Escritos de Roa Bastos culmina com a primeira fase do Regime de Alfredo Stroessner. Nesse período o escritor está na primeira fase de seu exílio em terras argentinas. O regime stronista pode ser considerado material histórico para a escrita roabastiana, ele será discutido no tópico a seguir.

1.4. O Regime Estronista e suas características

O golpe de 1954 foi executado com um jogo estratégico, pois Stroessner isola a Cavalaria, toma a Polícia e prende o presidente quando este pede refúgio na Escola Militar conseguindo dismantelar todo apoio político e militar de Chaves. Em três de maio do ano de 1954, a população paraguaia vivenciou a mais um golpe militar, cena típica de sua história política, no entanto, este golpe marcaria sua história, seu corpo e sua alma, pois essa data daria início ao período estronista que duraria 35 anos.

O regime autoritário com duração de 35 anos se manteria simplesmente pelo medo e pela repressão? O estudioso norte americano Paul Lewis afirma que, embora a repressão seja a forma mais fácil para se conseguir e manter o poder, ela não justificaria a duração tão

¹⁰⁵ BOCCIA PAZ, Alfredo; FARINA, Bernardo Neri. *El paraguay bajo el stronismo (1954-1989)*, n. 13. Assunção: Editorial El Lector, 2010.

longa como fora o regime stronista. O autor argumenta ainda, que a compreensão do regime vai além do aparelho repressivo, deve-se analisar o jogo político paternalista implantando por Stroessner que envolve o partido Colorado tornando-o sua base de sustentação ao governo autoritário. Esse apoio é conquistado mediante a concessão de favores: doação de cargos públicos, estabelecimentos de privilégios, apoio ao contrabando e o narcotráfico.

O jogo político no stronismo¹⁰⁶ é capaz de mantê-lo no poder por mais de 30 anos, pois se consistiu no controle da tríade Estado-Forças Armadas-Partido Colorado. Esse modelo político foi analisado por José Aparecido Rolón¹⁰⁷ sob a perspectiva do conceito de Estado Onívoro. Nesse tipo de Estado, o caudilho que se personificaria no Estado e devoraria toda e qualquer diferença que não se submetesse a essa forma de poder. O esquema de decisão estaria na base do comando-obediência, amigo-inimigo, e o Estado assumiria o papel da sociedade civil no que se refere às demandas sociais. O mecanismo presente no Estado Onívoro foi qualificado por Benjamim Arditi¹⁰⁸ como *corporativismo estatal*. Para o jogo político do stronismo foi utilizado o mecanismo de *ritualização da política*, que consistiu na presença de um pluralismo partidário dando “ares” de democracia. No entanto, neste período, houve uma redução de expressão dos partidos opositores e aumento do poder do Partido Colorado.

O aspecto de aparente democracia gerado pelo mecanismo de ritualização da política pode ser visto na promulgação das leis 294 de 1955 e a 209 de 1970. A lei 294 chamada de “Defesa da Democracia” colocava as disposições do governo uma gama de possibilidades de aplicação de arbitrariedades contra os opositores. A lei 209 denominada “Defesa da Paz Pública e a Liberdade das Pessoas” daria maior poder ao Estado em reprimir as manifestações antigovernamentais, devido às definições vagas a respeito de que tipo de manifestações poderia ser considerado motivo de processo jurídico.

O empreendimento de caracterizar o regime como democrático, aliado a Doutrina de Segurança Nacional, permitiu que Stroessner contasse com apoio internacional brasileiro e norte americano se beneficiando de capital estrangeiro, promovendo modificações do país

¹⁰⁶ A utilização de termo stronista para se referir ao Governo de Alfredo Stroessner se deve ao seguinte fator: a utilização do termo ditadura não é capaz de compreender esse sistema político que possui características próprias que serão discutidas no tópico acima.

¹⁰⁷ ROLÓN, José Aparecido. **Paraguai: transição democrática e política externa**. Tese de doutorado em Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP, 2010 p.77

¹⁰⁸ ARDITI, Benjamin apud ROLÓN, José Aparecido. **Paraguai: transição democrática e política externa**. São Paulo, 2010 Tese de doutorado em Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP, 2010.p.77.

dando aparência de modernidade como a construção de estrada de ferro, a Ponte da Amizade e a usina de Itaipu.

De acordo com Enrique Serra Padrós¹⁰⁹ a tentativa de convencer a opinião pública internacional da legalidade e da estabilidade institucional a partir da convocação de processos eleitorais. As eleições não passavam de fraudulentas e na prática essa fachada democrática era o resultado uma rede de leis e instituições apoiadas pela força bruta para direcionar o voto do cidadão comum. O direcionamento eleitoral pode ser visto nas ações descritas por Enrique Padrós:

A máquina stronista controlava a entrega dos títulos de eleitor, a recepção dos votantes junto às mesas eleitorais, a contagem das cédulas, a supervisão parcial e global do processo eleitoral, etc. Todo o esforço era direcionado para a escolha dos candidatos do Partido Colorado, a estrutura partidária de sustentação do regime e correia de transmissão de mecanismos de cooptação política, reprodução de quadros e marco visível da constituição de uma fictícia liberdade política de atuação e fachada “democrática” do regime.¹¹⁰

Benjamin Arditi¹¹¹ argumenta que a dominação stronista se coloca desde o início do regime por meio de suas lógicas pareadas no mesmo plano discursivo. O primeiro se manteria na legislação do país e nos processos judiciais a lógica própria de um sistema democrático como exemplo o artigo 78 da Constituição de 1967 que previa o *Habeas Corpus*. Mas quando o princípio citado se choca com o poder autocrático, todo o discurso democrático não passou de uma miragem. A cobertura legal oferecida aos excessos da polícia stronista¹¹² irão impor limites ao pluralismo ideológico e vão penalizar das ideias contrárias ao regime.

Além do mecanismo de ritualização política exposto a cima o regime stronista se valia da atuação do Partido Colorado como elemento de cooptação e exclusão, pois de um lado para que o individuo ascendesse ao serviço público era necessário que fosse colorado, por outro o partido deteria a execução da repressão por meio das milícias coloradas entre elas o chamado *Guión Rojo*. Além da função repressora cabe ao partido distribuir as chamadas prebendas.

As Forças Armadas estariam ligadas diretamente a Alfredo Stroessner, que seria mentor e articulador político do sistema e ao partido Colorado. Essa ligação se daria em dois

¹⁰⁹ PADRÓS, Enrique Serra. **O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional**. In: *Vestígios do Passado a história e suas fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2008.p.2

¹¹⁰ Idem

¹¹¹ ARDITI, Benjamin apud, BOCCIA PAZ, Alfredo; FARINA, Bernardo Neri. **El Paraguay bajo el stronismo (1954-1989)**. Colección: La Gran Historia Del Paraguay, n.13. Assunção: Editorial El Lector, 2010, p.104

¹¹² Neste trabalho optamos pela nomenclatura stronista utilizada pelo estudioso Enrique Padrós.

planos: o exército estaria a serviço do líder e serviria de base de apoio político e atuaria como executor das medidas do regime. Num outro plano o ingresso no exército obrigatoriamente passaria pela filiação no partido Colorado. O Partido Colorado e Forças Armadas formariam uma unidade granítica de sustentação do estronismo e seriam beneficiados pelos ganhos oriundos do contrabando, do narcotráfico e do sistema de corrupção.

Para manter a coesão da nação, Stroessner faz uso do discurso nacionalista em que se apropria do mito fundador calcado no heroísmo e na ideia dos pais fundadores da nação, cuja construção se dá ao longo do século XX pelos governos autoritários no Paraguai. A paternidade da nação é atribuída aos governantes: José Gaspar Rodríguez de Francia, primeiro chefe de Estado no pós- independência e a Solano Lopez, presidente do país durante a Guerra do Paraguai (1865-1870), que insere uma nova representação do país.

De acordo com Lorena Soler¹¹³, o discurso estronista se baseia exaltação dos Heróis da Pátria (Francia e López) acrescido do culto a Stroessner, configurando-se como a representação da Santíssima Trindade denominada Trindade Patriótica. Esse simbolismo entrelaça-se o paternalismo característico do regime e a presença do catolicismo formando as bases ideológicas para as celebrações do período.

A exaltação de heróis nacionais influenciou diretamente no tipo de história construída no período de 1954-1989 que se caracterizou por um discurso laudatório e baseado em uma versão unilateral, ou seja, do estado autoritário, esse tipo história oficial serviu de elemento legitimador da ditadura estronista.

As características descritas acima auxiliam a compreensão das peculiaridades que compõem o estronismo e as ações empreendidas pelo sistema que serão expostas na explanação do contexto histórico do governo de Alfredo Stroessner (1954-1989). O entendimento da escrita de Augusto Roa Bastos irá dialogar com o governo estronista, a fim de perceber o impacto na vida do escritor, sua influência na crítica política e na leitura do passado.

O governo de Alfredo Stroessner em seus primeiros tempos atuou na política externa buscando apoio internacional a partir das alianças com o Brasil e Estados Unidos. A aliança com o Brasil resultaria em obras de infraestrutura como a construção da Ponte da Amizade em

¹¹³ SOLER Lorena. *Claves históricas del régimen político en Paraguay. López y Stroessner*. Disponível em: <<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=58>> p,41 Acesso em 10mar.2011.

1965 e a construção de Itapu iniciada em 1975. O governo de Stroessner se tornou importante aliado dos norte-americanos, no combate ao comunismo, o que resultou na injeção de capital estrangeiro no país.

Na política interna, disciplinou as Forças Armadas por meio de atos de expurgos nos anos 1950. Os militares dissidentes do regime eram mandados para os campos de concentração de Bahía Negra, Ingavi, Fuerte Olimpo e Peña Hermosa. Além dos militares dissidentes, aliados de Alfredo Stroessner também foram mandados para o desterro a fim de eliminar possíveis fortes concorrentes. Outra ação inicial da política interna do stronismo foi à coloradização do setor público, pois sem a carteira de filiação, a chamada *papeleta*, seria impossível estar ou se manter no serviço público.

O controle do regime iria além das Forças Armadas e Partido Colorado, com a criação de seções regionais do partido Colorado em todos os cantos do país, assim o poder de Alfredo Stroessner se estenderia a toda população. Essas seccionais funcionavam como *olhos e ouvidos do regime*, serviam tanto como elemento repressor, por meio da instauração do medo oriundo da atuação dos pyragües¹¹⁴ e da censura, que atuavam como divulgadores da ideológica do governo.

O período e as características do modelo stronista de governar o Paraguai entre 1954 a 1989, irão orientar a compreensão da escrita de Augusto Roa Bastos na próxima fase, quando ele se dedica a crítica política por meio da literatura.

1.5 A Resistência e a Escrita do Poder de Roa Bastos (1960-1990)

A condição de exilado em Buenos Aires não impediu Roa Bastos de acompanhar os principais acontecimentos de sua pátria por meio de jornais e cartas. Manteve-se a par de notícias como: a instalação da Ditadura de Alfredo Stroessner em 1954; a dura repressão empreendida pelo governo aos estudantes nos anos 1960 por meio da implantação de espões nas universidades paraguaias, prisão e tortura dos considerados subversivos, a cassação e exílio de professores.

¹¹⁴ Pyragüe: termo em guarani que significa pés peludo e também utilizado para designar espião do regime de Stroessner. In: SANTOS, Márcia Guena dos. **Operação Condor: uma conexão entre s polícias políticas do Cone Sul da América Latina, em particular Brasil e Paraguai, durante a década de 70**. 1998. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo. p 201.

O compromisso com a democracia e a luta contra o poder autoritário motivou o escritor Augusto Roa Bastos a participar de diversas ações clandestinas pela causa libertadora como recolher contribuições financeiras dos exilados para ajudar movimentos guerrilheiros e também se mostrava solidário aos escritores que estavam ainda em seu país como nos mostra Ruben Bareiro Saguier:

En el ámbito local, la tarea resulta desde luego más difícil (...). La brutalidad de la fuerza, el desprecio por el espíritu y por la dignidad moral han invadido el aire que se respira, envenenado los pensamientos aun antes de ser formulados crean una psicosis de enterrados vivos. En esta atmósfera sorda y asfixiante, toda posibilidad de comunicación pareciera reducida a cero. Ello hace superfluo el rigor de la censura oficial, pero también torna absurdo el hecho mismo de escribir. ¿Para qué, para quiénes? El esfuerzo por sobreponerse a esta siniestra fascinación es lo que consume el mayor gasto de energía espiritual¹¹⁵.

Nesta fase, a escrita de Augusto Roa Bastos é marcada pela crítica política que se materializa nas publicações de quatro coletâneas de contos: “*El Baldío*¹¹⁶” (1966), “*Madera quemada*¹¹⁷” (1967), “*Moriencia*¹¹⁸” (1969) nos romances *Hijo de Hombre*¹¹⁹ (1960) e *Yo, El Supremo* (1974)¹²⁰ e a coleção de poemas *El Naranjal Ardiente*¹²¹ (1960).

A crítica ao poder se alicerça na abordagem de temas crítico-sociais a exemplo da exploração de trabalhadores, autoritarismo, censura e repressão, aliado a isso a escrita robastiana passa a contestar a história oficial ao criar um discurso literário baseado em fatos históricos, a fim de demonstrar que tanto a história quanto a literatura são interpretações da realidade social que são construídas. Além disso, a contestação da história oficial se verifica quando o escritor insere personagens de origem humilde para torná-los sujeitos históricos participantes da história de seu país. A leitura que o escritor passa a fazer de seu país tem como ponto de vista o homem comum e não os grandes heróis pregados pela História oficial.

¹¹⁵ ROA BASTOS, Augusto apud BAREIRO-SAGUIER, Rubén. *Los intelectuales frente a la dictadura: la represión cultural en Paraguay*. Revista Nueva Sociedad, número 35, marzo-abril, 1975, p.59. Disponível em: www.nuso.org. Acesso em 26/jun./2011

No nível local, a tarefa torna-se claro mais difícil (...). A brutalidade da força, o desprezo para o espírito e dignidade moral invadiram o ar que respiramos, envenenado os pensamentos antes mesmo de criar uma psicose formulado enterrado vivo. Nesta atmosfera monótona e sufocante qualquer possibilidade de comunicação parece reduzida a zero. Isso torna o rigor da censura oficial, mas também torna sem sentido o fato de escrever. Por que, para quem? O esforço para superar essa fascinação sinistra é o que consome o maior dispêndio de energia espiritual.

¹¹⁶ ROA BASTOS, Augusto. *El Baldío*. Buenos Aires: Losada. Colección Novelistas de Nuestra Época. 1966.

¹¹⁷ _____. *Madera quemada*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria (Colección Letras de América), nº 6, 1967.

¹¹⁸ _____. *Moriencia*. Caracas: Monte Ávila, Colección Prisma, 1969.

¹¹⁹ _____. *Hijo de Hombre*. Buenos Aires: Losada, Colección de Novelistas de Nuestra época, 1960.

¹²⁰ _____. *Yo, el Supremo*. Buenos Aires: Siglo XXI. Colección La Creación Literaria, 1974.

¹²¹ _____. *El naranjal ardiente (nocturno paraguayo)*. Assunção: Diálogo (colección libros de la Pírita), 1960.

Verifica-se também, nesta da fase, a consolidação da sua literatura de exílio, pois a maioria de suas obras são escritas e publicadas durante seu período exilado. Apenas a coleção de poemas *El naranjal ardiente* é publicado em seu país.

A carreira do escritor Roa Bastos, agora um cidadão do mundo, cruza-se com outros escritores hispano-americanos. No ano de 1965, Roa Bastos cria a Associação dos Escritores Latino-americanos juntamente com Leopoldo Zea, Antonio Candido, Ciro Alegrias, Miguel Asturias e José Maria Arguedas.

Segundo Augusto Monterroso¹²² diversos escritores latino-americanos no início de 1968 se reuniram e entre eles estavam: Carlos Fuentes, Roa Bastos, Júlio Cortázar, José Donoso, que combinaram um plano de publicar livros sobre os ditadores de seus respectivos países, no entanto esse projeto nunca foi realizado, mas proporcionou, a criação de três grandes obras: *El otoño del patriarca*¹²³ (1975), de García Márquez, *El recurso del método*¹²⁴ (1974), de Alejo Carpentier e *Yo el Supremo* (1974) de Roa Bastos terminado em 1973 e publicado na Argentina em 1974.

Com a instalação da ditadura argentina em 1976, a Argentina, que até então era um porto seguro, se torna um local, onde as obras de Roa Bastos passam a serem proibidas. O escritor tem sua prisão decretada, no entanto ele sai do país antes e se exila na França. Em solo francês, ele atua como professor na Universidade de Toulouse.

As décadas de 1960 e 1970 configuram-se como um divisor na carreira de Augusto Roa Bastos por duas razões: a primeira se relaciona ao trabalho do autor que estreia como romancista ao publicar o livro “Hijo de Hombre” e mais tarde lançaria o romance *Yo, el Supremo*, que o consagraria na literatura latino-americana. Este livro foi considerado pela crítica como sua obra prima, devido às inovações estéticas.

A segunda razão se deve a mudança de temática empreendida pelo autor, pois na fase anterior sua escrita retratava a realidade paraguaia por meio do sofrimento e exílio, nessa fase suas publicações são marcadas pelo poder, suas relações e os efeitos diretos e indiretos e aliados ao trato da história como componente da ficção. Nesse momento destacam-se livros: “Hijo de Hombre” que retrata a Guerra do Chaco e *Yo, el Supremo* que se caracteriza por uma biografia romanceada do ditador Francia, no qual, o autor passa a questionar o discurso histórico e constrói uma nova versão da história de seu país por meio desse romance.

¹²² MONTERROSO, Augusto. apud KRAUZE, Enrique. *Os redentores: ideia e poder na América Latina*. Trad. Magda Lopes, Cecília Gouveia Dourado, Gabriel Federicci. São Paulo: Saraiva, 2011.

¹²³ MARQUEZ, Gabriel García. *El Otoño del Patriarca*. Madri: Plaza & Janes, 1975.

¹²⁴ CARPENTIER, Alejo. *El recurso del método*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1974.

De acordo com Glória Pacheco¹²⁵ o romance *Yo ,el Supremo* (1974) inicialmente foi permitido no Paraguai devido ao prestígio internacional, Alfredo Stroessner tolera as críticas e o espaço dado à obra pelo meios de comunicação, só anos mais tarde interdita todas obra do escritor em universidades e escolas, impedindo a comercialização dos livros de Roa Bastos.

O contexto político paraguaio nos anos de 1960 e 1970 foi marcado pelas reações de resistência ao regime oriundo de movimento estudantil, das camadas camponesas e de movimentos guerrilheiros. Ao mesmo tempo ocorre extensiva repressão por parte do regime a esses grupos.

1.6 Resistência e sistema de repressão

Os movimentos de resistência empreendidos contra o regime stronista podem ser divididos em duas fases: a primeira fase data dos anos de 1959 a 1963 realizadas pelos movimentos estudantis e de guerrilheiros que são formados no exílio e suas incursões partem de terras argentinas e adotaram a luta armada. Estes movimentos são: Movimento 14 de Mayo, que foi formado pelos liberais exilados, o MOPOCO (Movimento Popular Colorado) formado pelos dissidentes colorados e o FULNA (Frente Unido de Libertação Nacional), formado pelo partido Comunista e outros setores da sociedade.

A FULNA foi fundada em 1959 a partir da iniciativa do Partido Comunista paraguaio, na cidade de Buenos Aires, tinha como propósito agregar pessoas de diversas filiações políticas para engajar-se na luta contra a ditadura de Alfredo Stroessner. Esse movimento possui como característica as denúncias em relação à situação econômica do país, a condição de seus trabalhadores e a pobreza de sua população.

O MOPOCO foi formado por jovens colorados em 1959 que defendiam a liberdade partidária, a valorização da ética na política e defesa da soberania popular. Com a vitória desse grupo nas eleições do Comitê Jovem do Partido Colorado, Alfredo Stroessner se vê ameaçado com o poder que grupo ganhou e promove sua expulsão da ANR¹²⁶. Em 1960, esse grupo se reorganiza em terras argentinas para a luta contra o regime.

¹²⁵ PACHECO, Glória Elizabeth Saldivar de. **Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da história paraguaia**. Dissertação de Mestrado (em Literatura Comparada), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2006.p.34.

¹²⁶ A sigla ANR significa *Asociación Nacional Republicana* e compreende em uma divisão interna do Partido Colorado.

O *Movimiento 14 de Mayo* era formado por jovens exilados de orientação Liberal e Febreristas e também revolucionários estrangeiros como argentinos e uruguaios dispostos a derrubar a regime stronista.

Na segunda fase, a resistência ao regime compreende os anos de 1971 a 1975 e partem de duas frentes: o campo e o exílio. A luta no campo foi gerada pela instabilidade instaurada pela formação de latifúndios e a compra de terras paraguaias por brasileiros prejudicando os pequenos agricultores que formaram a Liga Agrária. Nesse momento há uma tomada de consciência da Igreja a respeito da situação política e esta se alia ao movimento camponês. Dessa união nasceram os seguintes movimentos: *Liga Agrária Cristiana*, *Hermanos Franciscanos*, *Comunidad Cristiana de Bases*.

De acordo com Miguel Carter¹²⁷, as ações comunitárias e cooperativas empreendidas pelas Ligas Agrárias como a formação de hortas e as práticas solidárias de reparação de estradas, construção de escolas, divisão do ganho da produção agrícola em comum resultou em uma nova força social que emergia do campo, pois essas ações traziam melhorias aos camponeses que há muito tinham sido esquecidos pelo Estado. Essas ações eram mal vistas pelos caudilhos locais e pelas seccionais do partido colorado do povoado, pois estariam perdendo seu domínio político e econômico, em razão disso, os representantes das Ligas Agrárias serão tachados de comunistas e subversivos pelas elites locais, assim atraindo a repressão para o campo.

A OPM¹²⁸ organização formada nos anos 1970 por exilados e estudantes paraguaios radicados na Argentina que possuíam uma proposta ideológica baseada no nacionalismo de esquerda, que pretendia ser uma vanguarda na luta popular. A partir de 1973, esse movimento se liga a grupos de camponeses radicais das Ligas Camponesas. Uma das ações da OPM era realizar um atentado com explosivos para matar o presidente Alfredo Stroessner, no entanto, a operação foi abortada devido a uma delação. Todos os membros foram presos, torturados e entraram para a lista de desaparecidos políticos do regime.

A repressão institucionalizada empreendida pelo regime stronista em nome do combate ao comunismo, consistia em interrogatórios, torturas, prisões e desaparecimentos políticos ficavam a cargo Direção de Assuntos Técnicos, a temida *La técnica*, que se

¹²⁷ CARTER, Miguel. **El papel de la Iglesia en la caída de Stroessner**. Assunção: RPEdiciones, 1991. p.83

¹²⁸ Organização Política Militar.

localizava no quartel Central da Polícia em Assunção. Todas as capitais de departamentos possuíam locais para presos políticos

De acordo com Alfredo Boccia Paz¹²⁹, os métodos mais utilizados durante interrogatórios eram: isolamento, pressões psicológicas, golpes, posturas forçadas, chicotes, tormentos com uso de eletricidade, abuso sexual e asfixia por imersão. O desaparecimento dos corpos de opositores era feito de duas formas: a primeira era o enterro em fossas anônimas; na segunda forma os corpos eram arremessados no rio Paraná por meio de aviões em movimento.

Além desses mecanismos utilizados pela *La Técnica*, o regime fazia uso dos chamados *pyragüe* ou *sóplon*, que eram funcionários do Estado que atuavam como delatores da população. Os *pyragüe* atuavam em qualquer local, mas tiveram grande ação dentro das Universidades na delação de professores e alunos julgados subversivos. A forte repressão dentro das universidades acontece no período de consolidação da ditadura (1959-1963), ocasionando o exílio de intelectuais e estudantes para a Argentina.

Outro elemento importante para a eficácia da repressão stronista era o medo que se torna a segunda pele do paraguaio. Um medo sistêmico forjado, na história de familiares e conhecido, que teriam passado pela prisão, tortura e pelo exílio. Um medo de gerações que estaria em todos os lugares. Este medo desestruturava laços de solidariedade.

O tipo de repressão empreendida se colocava no plano externo, a partir dos anos de 1970, quando a repressão paraguaia se ampliou a outros países como Argentina e Uruguai, em decorrência da participação do país guarani na Operação Condor. O Plano Condor visou uma integração entre Brasil, Paraguai, Chile e Argentina para combater o comunismo no Cone Sul. Para isso os países deveriam trocar informação sobre os suspeitos e realizar prisões dos subversivos independente de sua nacionalidade. A participação do Paraguai na operação Condor permitiu a perseguição de paraguaios que atuavam na imprensa argentina e uruguaia atacando o regime sem trégua, bem como a prisão de guerrilheiros.

Na década seguinte, o regime stronista dava sinais de enfraquecimento e se deu início ao processo de queda do governo autoritário. O cientista político Miguel Carter¹³⁰ elenca cinco fatores que auxiliam na compreensão do fim regime: a recessão econômica, o aumento

¹²⁹ BOCCIA PAZ, Alfredo; FARINA, Bernardo Neri. *El Paraguay bajo el stronismo (1954-1989)* Colección: La Gran Historia Del Paraguay, Asuncion: Editorial El Lector, 2010.p.109

¹³⁰ CARTER, Miguel.1991.p.102.

de tensões e disfunções internas nas estruturas do regime, mal estar dentro do pacto de dominação, mudanças no contexto internacional e despertar na sociedade civil.

A recessão econômica foi gerada pela queda do PIB e pelo fim da construção da hidrelétrica de Itaipu que, na década anterior, mantinha a economia paraguaia estável por meio da geração de emprego. A crise econômica motivou o mal estar na sociedade civil que apresentava sinais de mobilização e renovação passando a clamar por uma abertura política e transição política.

As tensões dentro do regime levaram fraturas no interior do Partido Colorado criando duas facções: a linha dura chamada de stronista e a linha branda denominada tradicionalista. Integrantes do grupo dos tradicionalistas previam a necessidade de introduzir medidas liberais e dar mais transparência ao processo político e busca uma nova legitimidade por meio do voto. A partir dessa fratura Stroessner perde o apoio unânime do partido.

O processo de transição política em favor da democracia nos países vizinhos influi no enfraquecimento do regime, pois o apoio militar dos países havia cessado provocando um isolamento político, a oposição do regime começa a receber simpatia dos novos governos democráticos. Por fim o despertar da sociedade civil foi responsável pelo surgimento de novos movimentos sociais oriundos do campo, das escolas, das fábricas que reivindicam a volta da democracia.

O apelo da sociedade civil pelo fim do regime recebe apoio dos exilados entre eles, do escritor Augusto Roa Bastos que escreve uma carta ao presidente paraguaio pedindo sua renúncia. Em 1982, Roa Bastos teve seu passaporte cassado e lhe foi retirada a cidadania paraguaia. A partir de então, se envolve de forma mais intensa nas críticas políticas e nas denúncias de abusos do governo ditatorial de Alfredo Stroessner. O escritor escreveu Carta abierta a mi Pueblo,¹³¹ na qual pede aos paraguaios que lutem pela volta da democracia e da liberdade. O autor mostra sua capacidade de entender profundamente a situação de seus compatriotas e estimula-os a reflexão sobre sua história e seu presente.

Diante do quadro de instabilidade política dos anos 1980, o presidente Alfredo Stroessner tentava ainda se manter no poder por meio da repressão, mas o grupo coeso que

¹³¹ *Trabajemos sin miedo y en libertad. No dejemos que la historia sea una obnubilación en marcha que nos anule y aplaste, sino que hagamos avanzar con nosotros de cara al povernir.* Trecho da Carta Aberta A mi pueblo de Augusto Roa Bastos. Este escrito é a primeira manifestação na imprensa após a expulsão do escritor do Paraguai e desencadeia uma oposição ao regime mais clara e o engajamento em atividades pós ditadura.

dava sustentação a seu regime estava se desintegrando, o apoio externo se findou e o apelo à democracia irrompia na cena política. O Tiranossaurio¹³² estava ficando velho.

Enrique Padrós¹³³ argumenta que a segunda metade da década 1980 é marcada pela necessidade de buscar saída para o stronismo, logo há como solução de que o regime deve cair e junto a ele o grupo ligado ao ditador denominado stronista ou militantes. No entanto o controle do país deve ficar com os grupos que interagiram com a ditadura. Essa medida proporcionaria uma troca de grupo político no poder, sem a retirar hegemonia colorada e ascenderiam os integrantes da facção tradicionalista do partido Colorado.

O desfecho do regime acontece com o golpe comandado pelo general Andrés Rodríguez, em 1989. Em outros momentos Rodríguez e Stroessner eram aliados em empreendimentos financeiros. Isso demonstra as contradições, ambiguidades e disputas políticas, pois Alfredo Stroessner é destituído pelo partido que o levou ao poder.

A leitura de Roa Bastos sobre esse período em seus romances constitui uma fonte, que auxilia a construção de uma interpretação sobre o regime stronista. A interpretação de um ponto de vista externo, visto que Roa Bastos, estava no exílio, faz com que a sua literatura participe da História de seu país, por meio da crítica social e da nova leitura da história. Assim sendo, a literatura passa a ser uma leitora em tempo real da história, visto que a produção historiográfica em geral se aproxima da história laudatória dentro do regime stronista, uma historiografia crítica não era possível, conforme evidenciamos anteriormente.

1.7 Augusto Roa Bastos e a Releitura da Ditadura em Período Democrático (1993 a 2002).

Os anos 1980, para o escritor Augusto Roa Bastos, configuram-se com a consagração internacional do escritor, pois em 1989, ele recebe o *Prêmio de Letras* do Memorial da América Latina em São Paulo e o *Prêmio Cervantes* da Espanha. Recebe também, na França, o título de doutor *Honoris Causa* pela universidade de Toulouse, e é nomeado Oficial da Ordem de Letras e Artes também na França.

¹³² Termo usado pela imprensa internacional para se referir a Alfredo Stroessner. Ver: BOCCIA PAZ, Alfredo; FARINA, Bernardo Neri. *El paraguay bajo el stronismo (1954-1989)*. Colección: La Gran Historia Del Paraguay. Asunción: Editorial El Lector, 2010. p. 122

¹³³ PADRÓS, Enrique Serra. *O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional*. In: *Vestígios do Passado a história e suas fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2008. p., 7.

O prêmio Cervantes tornou mais visível à posição compromissada do escritor com seu país e a cultura paraguaia, pois manifesta a intenção de criar uma Fundação voltada para a leitura que se chamaria Fundalibro e anuncia a criação de um fundo editorial com dinheiro do prêmio para equipar com obras literárias às bibliotecas paraguaias. Algumas ações são realizadas, no entanto o projeto é paralisado.

O escritor Roa Bastos afirma que a sua iniciativa não pode ser realizada devido à falta de contribuição econômica do governo. A falta de uma política cultural coerente faz com que todos os projetos editoriais não sejam visto com muito interesse pelo Estado, mas também houve muitas questões pessoais que impediram o projeto Fundalibro, e que tiveram como resultado a falta de real interesse para criá-la por parte dos órgãos ligados ao desenvolvimento cultural. Roa Bastos diz, na época que o prêmio em dinheiro se encontra disponível até que autoridades educativas deem viabilidade ao projeto, especialmente com a sua contribuição econômica. A verdade é que a ideia é frustrada e embora tinha havido muito interesse em ressuscitá-la anos mais tarde pelo escritor não foi concretizada.

Ao longo da trajetória pessoal e literária, Augusto Roa Bastos foi o homem do exílio de muitas pátrias: Paraguai, Argentina e França. Pode ser considerado um cidadão do mundo, pois na década de 1980, ele possuía duas nacionalidades: uma espanhola, após o *Prêmio Cervantes* e uma francesa.

Na década de 1990, Roa Bastos publica o romance *El Fiscal*¹³⁴ (1993), fechando a trilogia sobre o monoteísmo do poder, juntamente com “Hijo de Hombre” (1960) e *Yo, el Supremo* (1974). Nessa década, Roa Bastos em sua produção passa a discutir o processo de memória e a ato de escrever. Dessa fase são publicadas *Vigília Del Almirante*¹³⁵ (1992), *Contravida*¹³⁶ (1994) e *Madame Sui*¹³⁷ (1996).

Nesse período, o escritor Roa Bastos dedicou-se atividades culturais realizadas tanto em terras guaranis como no exterior que visavam pensar o Paraguai para um novo tempo: a democracia. Esse empenho de reconstrução do país pós- regime stronista, não só aparece nas ações e nos escritos de Roa Bastos neste período, mas também pelo envolvimento de outros intelectuais paraguaios, nesse movimento de construção de uma nova história.

¹³⁴ ROA BASTOS.AUGUSTO. *El Fiscal*. Assunção: El Lector,1993

¹³⁵ _____.*Vigilia del Almirante*.Assunção. RP Ediciones, 1992

¹³⁶ _____.*Contravida*.Assunção: El Lector, 1994.

¹³⁷ _____.*Madame Sui*.Assunção:Alfaguara.1996

O esforço intelectual está presente no congresso, já mencionado, realizado na Universidade de Maryland nos Estados Unidos, em 1993, e organizado por Saul Sosnowski. O evento objetivou reunir intelectuais paraguaios tanto no exílio quanto no insílio¹³⁸ para construir um novo projeto de nação paraguaia. As conferências e discussões proferidas neste congresso resultaram na publicação *Hacia una cultura democrática en el Paraguay*¹³⁹.

Finalmente, em 2001, Roa Bastos participa do livro *Los Conjurados Del Quilombo Del Gran Chaco*¹⁴⁰, com os contos “Frente al Frente paraguaio” e “Frente al Frente argentino”, nos quais mistura ficção e realidade. Depois de longo período de exílio, Roa Bastos passou a viver em Assunção a partir de 1996 até sua morte em 27 de abril de 2005.

O fim da ditadura estronista, a implantação da democracia no país e a volta do exílio influenciaram a escrita robastiana, na década de 1990, em dois aspectos: o primeiro aspecto consiste nos fatos históricos empregados nos romances da fase anterior datavam de períodos distantes do momento vivido, configurando-se, pois como uma crítica velada ao poder instituído; o segundo se detém em ler a ditadura stronista que servirá como fonte de crítica política nos romances *El Fiscal*(1993), *Madama Sui* (1996) e *Contravida*(1994).

Os anos de 1990 para literatura robastiana, como dito na introdução, é um momento de acertar as contas com o passado, de exorcizar demônios para expor sujeitos históricos até então ignorados pela história oficial como a mulher e o imigrante oriental e expor a leitura do período histórico a partir da resistência, do exílio e não do poder institucional. A escrita não mais é uma escrita compromissada com história, mas sim com a memória, pois o regime stronista é um passado muito recente que tem que acertar com o presente.

O romance *El Fiscal*, *Madama Sui* e *Contravida* mantêm a escrita compromissada das obras anteriores e irão dialogar diretamente com o contexto de abertura política do Paraguai. O projeto político intelectual paraguaio, na década de 1990, desenvolve ações voltadas para a construção da memória e da história. O apoio ao projeto vem da esfera política, social e intelectual que busca abrir feridas deixadas pelo regime na sociedade paraguaia, a fim de que o país possa seguir em frente. Para tanto há uma necessidade da sociedade de dar um enterro

¹³⁸ Termo usado para designar no exílio dentro próprio país a desclassificação como cidadão. Ver VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

¹³⁹ BAREIRO, Line.; ESCOBAR, Ticio.; SOSNOWSKI, Saúl (comp.). *Hacia una cultura democrática en el Paraguay*. Assunção: CDE, 1994

¹⁴⁰ ROA BASTOS, AUGUSTO. *Los Conjurados Del Quilombo Del Gran Chaco*. Santillana USA: Publishing Company, Incorporated, 2001.

digno aos seus mortos, saber o que houve com os desaparecidos, promover indenizações pelas perdas, poder celebrar o retorno dos exilados e ter uma nova história.

Entre as ações de resgate a memória e construção de um projeto de futuro se destacaram: os trabalhos da Comissão de Verdade e Justiça que averigua a contagem dos atingidos pelo regime a partir da abertura das fossas anônimas, em 1989. O então presidente André Rodriguez oferece apoio nesse processo como forma de limpar sua imagem política e desvincular-se politicamente do regime stronista.

A partir de 1990, o *Centro de Documentación y Estudios*(CDE), dedicou vários números de sua Revista *Nueva Sociedad* a pensar a transição democrática. Entre esses artigos desejaremos elencar dois que se mostraram sintomático por sua análise e conseguiram representar as tensões sociais daquele período.

O primeiro artigo intitulado *Adios Stroessner: nuevos espacios, viejos problemas*¹⁴¹ de autoria de Benjamim Arditi apresenta as primeiras mudanças pós estronismo que se materializavam na abertura política para que se tornasse possível a entrada na comunidade internacional, na promoção de projetos de integração nacional, no comprometimento público de respeitar os direitos humanos, e democratizar o país feito pelo presidente André Rodrigues. As liberdades públicas como a de expressão e de associação são respeitadas desde o início.

Um novo projeto de país é colocado em prática pelo Estado que busca transformá-lo em um país moderno e democrático. Para isso foram implantadas reformas ministeriais para que a corrupção fosse controlada, melhorar o serviço público e renegociar a dívida externa. Arditi argumenta que essas mudanças políticas geraram um clima de otimismo e esperança para a cidadania que convidava a pensar menos no passado recente do que com as tarefas necessárias para construir o futuro.

Todavia o Benjamin Arditi adverte:

Hay necesidad de ser como el pájaro del cuento de Borges, que volaba hacia atrás porque le interesaba más saber de dónde venía que hacia dónde se dirigía. No se debe confundir el voto de confianza que la ciudadanía le ha dado al gobierno con un cheque en blanco. Hay, sin lugar a dudas, espacios de libertad que están siendo aprovechados por organizaciones y ciudadanos. Ellos contribuyen a la puesta en práctica de debates, propuestas y conflictos con canales institucionales de expresión. También favorecen el funcionamiento de la sociedad política y civil; el Parlamento está siendo potenciado como lugar de debate y decisión, y la sociedad civil está demostrando su pujanza con la reactivación de organizaciones que salen

¹⁴¹ ARDITI, Benjamin. **Adios Stroessner: nuevos espacios, viejos problemas.**In: Nueva Sociedad ,nº 102 Julio-Agosto de 1989, Disponível em: <<http://www.nuso.org>> Acesso: 18 jan.2013

*en defensa de intereses sectoriales. Todo esto apunta hacia la conformación de un espacio de la política.*¹⁴²

Todo esse otimismo gerado pela transição democrática leva Arditi a questionar-se: as liberdades constituem possibilidades de democracia, mas não são a democracia de fato. O que deverá ser feito a partir daqui? O autor aponta que a democracia paraguaia não deve ser tutelada pelo Estado e deve ser mais aberta que o regime anterior. Ainda aponta que os problemas a serem resolvidos serão mais complexos: em primeiro lugar deve romper a simbiose: partido – Estado e reformar a leis eleitorais. Em segundo lugar a reforma social deve ser feita para que haja a democracia, pois o acesso à terra deve ser mais democrático, durante o estronismo a concentração de terras aumentou, levando o trabalhador rural a uma maior exclusão social.

Na área urbana, as ocupações na periferia se avolumavam em razão do êxodo rural e pelo aumento no custo de vida nas áreas centrais e a especulação imobiliária gerada pela compra de bens imobiliários pelo setor privado e a apropriação indevida do Estado de terrenos para distribuir como prebenda no governo estronista, essa situação criou uma massa de desalojados e de submoradores, nas principais cidades do país, que agora tomavam ruas e davam voz a suas mazelas e desejavam melhorias e implantar um democracia de fato era o desafio dos paraguaios.

Um ano após a publicação desse artigo, Benjamin Arditi novamente se posiciona sobre o processo democrático no país com o artigo *Paraguay, se hace democracia al andar*, no qual, faz uma dura crítica ao processo de transição que vem de cima para baixo com aspectos conservadores e tradicionais, as criações do anteprojeto das leis eleitorais pelo Executivo demonstrou que havia uma incapacidade do parlamento para concluir a nova legislação gerando polêmicas e envolvendo a participação da opinião pública no processo. Neste quadro o poder Executivo introduziu nas leis eleitorais limitações a candidaturas independentes e temiam as iniciativas populares que não pudessem ser dirigidas por partidos. Assim a democracia paraguaia ainda mantinha fortes resquícios do autoritarismo. Este dois artigos

¹⁴² ARDITI, Benjamin *Adios Stroessner: nuevos espacios, viejos problemas*. In: Nueva Sociedad ,nº 102 Julio-Agosto de 1989.p.31

Não precisa ser como o pássaro conto de Borges, voando de volta, porque ele estava mais interessado se onde vinha do que para onde ia. Não confunda o voto de confiança que o público deu ao governocom um cheque em branco. Há, sem dúvida, os espaços livres são sendo utilizados por organizações e cidadãos. Eles contribuem para a implementação de discussões, propostas e conflitos com os canais institucionais de expressão. Eles também favorecem o funcionamento da sociedade civil e política, o Parlamento está sendo promovido como um local de discussão e decisão, e da sociedade civil está mostrando a sua força com a reativação das organizações que saem em defesa de interesses. Tudo isso aponta para o espaço político de conformação(Tradução nossa).

demonstram o envolvimento da sociedade civil na transição democrática e na construção da nova sociedade.

Outro ponto da sociedade paraguaia que se movimenta e está otimista pela volta da democracia é o teatro. Segundo Victor Bogado¹⁴³ o período stronista provocou no campo cultural marginalização e orfandade, pois seus principais artistas sofreram perseguição e foram obrigados a exilar-se, já no período democrático o crítico de arte Tício Escobar assume a secretaria de cultura de Assunção e dá início a políticas públicas voltadas para o campo de cultura, entre essas ações está a revitalização do Teatro Municipal, valorização da escola de Artes, criou-se o Fundo Municipal para a promoção e fomento para as artes. No entanto, os esforços realizados em favor da cultura na capital paraguaia, não são visto no restante do país, o acesso à cultura em outras localidades ainda é muito menor que em Assunção. Outro ponto importante da exposição de Bogado é que durante o ano de 1993 Tício Escobar promove um encontro de Políticas Culturais demonstrando a vontade e a esperança de uma arte democrática e viva.

Victor Bogado argumenta que no teatro de transição duas situações opostas se apresentam: no primeiro momento há uma liberdade total e toda nudez será permitida, tudo poderá ser dito e o ponto máximo dessa fase é a encenação de *Yo, El Supremo* em 1991. Por outro lado às peças teatrais vinculadas ao período stronista não encontraram uma boa recepção do público e o autor questiona-se:

El teatro, arte eminentemente social, debería ser el reflejo en la cual está inserta. Este fenómeno se ha dado en nuestro país de manera negativa. ¿Será que al paraguay no le interesa verse retratado en escena durante esos años de tiranía? ¿O es que tiene mala memoria y se olvida fácilmente de ese pasado? ¿O prefiere no seguirse atormentando con ese negro pasado de infamia e injusticia? ¿O tal vez prefiere alienarse con el fútbol, el cinepornográfico, el alcohol...? Estas son interrogantes que más bien entran dentro del campo del análisis sociológico o antropológico antes que la especulación teatral¹⁴⁴

Esse movimento de esquecer o passado recente apresentado pelo espectador do teatro demonstrado pela pouca recepção das peças relacionadas ao stronismo não representou o processo de construção da memória neste momento. Se por um lado o público mais amplo

¹⁴³ BOGADO, Victor. **Paraguay: teatro y transición democrática**. In: *Latin America Theatre Review*. Spring 1997 p.131-138.

¹⁴⁴ Idem.

O teatro, arte eminentemente social, deve refletir sobre o que ela está inserida. Esse fenômeno tem ocorrido em nosso país de forma negativa. Será que o paraguaio não está interessado em ser representado no palco durante os anos de tirania? Ou você tem uma memória curta e esquece facilmente o passado? Ou você prefere não seguir atormentado com o passado negro de infâmia e injustiça?

Ou talvez você prefira a alienação futebol, cinepornográfico, álcool ...? Estas são questões que se enquadram em vez campo de análise sociológica ou antropológica antes de especulação teatral. (tradução nossa)

desejavam esquecer o regime estronista; por outro o movimento de reavivar a memória do estronismo tornou-se mais intenso com a abertura do arquivo da ditadura de Alfredo Stroessner.

Abertura do arquivo do Horror em 1992 auxiliou dois movimentos na sociedade pós ditadura: o primeiro reside no campo jurídico, pois permitiu abertura de processos de indenização às vítimas do regime estronista e também permitiu punir repressores argentinos envolvidos na operação Condor mediante a documentação presente no acervo. O segundo movimento reside no campo da cultura, este arquivo passou um lugar de memória dos efeitos do estronismo como também tornou-se fonte de pesquisa para diversos profissionais da ciências humanas que desejam compreender esse momento histórico.

O período democrático no Paraguai e a estabilidade política durante o início do século XXI, fez com o Roa Bastos se dedicasse a temas ligados ao discurso literário e sua construção sem deixar de fazer uso do contexto histórico. Essas características aparecem em seus últimos romances *Vigilia del Almirante* e *Los conjurados del quilombo del chaco*.

Da terceira fase da escrita de Roa Bastos, o romance *El Fiscal* será estudado sob a perspectiva da crítica ao estronismo e sua relação com contexto de transição democrática e a construção da memória paraguaia.

A seguir entraremos nos labirintos que envolvem a biografia lacunar do personagem José Gaspar Rodríguez de Francia e seguirá as pistas para que as peças da cena política paraguaia se encaixem na trama literária redigida por Roa Bastos. Este personagem histórico será apenas a evidência primária para entender a estrutura política de esse país insular marcado pela sede em relação ao poder, e as formas de resistências e a maneira em que história será construída.

II

YO, EL SUPREMO:

MANIFESTO POLÍTICO, CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA HISTÓRIA

1.O romance como espaço político

As relações entre política e literatura no continente latino-americano sempre foram próximas desde seu início. A formação dessa literatura pós-independência acompanhou o processo de formação das novas repúblicas, demonstrado pela participação do escritor como um agente político. Segundo Jean Franco,¹⁴⁵ o intelectual latino-americano deve ser concebido como um agente político preocupado com a sociedade em que vive e que adéqua sua técnica ao seu propósito social. Essa valorização do social em detrimento da arte criou obstáculos para a formação de uma tradição artística no continente americano. A falta da tradição artística no contexto latino-americano teve como fatores: o fator político, desencadeado pela presença governos autoritários que impediam a liberdade de expressão levando os intelectuais a criarem estratégias para discutir a realidade e os eventos revolucionários proporcionaram aos pensadores latino-americanos questionar a realidade e construir novos projetos de futuro. Atrelado a esses fatores a presença de uma grande massa de analfabeto nesse período, impediu a formação de um público leitor e crítico para essa escrita voltada para arte.

Antonio Candido¹⁴⁶ vê como característica da literatura latino-americana a atuação política, já apontada também por Rama¹⁴⁷ e Franco, o meio social força a produção artística para esse sentido e produzem consequências: à primeira reside em tornar a atividade intelectual um fator de participação de militância ao colocar a obra como afirmação da cultura e contribuição para construir a nação.

A presença do tema político na literatura latina americana é resultado da participação do intelectual na vida pública movido pela insatisfação em relação às situações políticas e

¹⁴⁵ FRANCO, Jean. **La cultura moderna en la América Latina**. México: Joaquim Mortiz, 1990,p.11-12.

¹⁴⁶ CANDIDO, Antônio. **Uma Visão Latino-americana**. In: AGUIAR, Flávio; Chiappini,Lígia(orgs).Literatura e História da América Latina.São Paulo: Edusp, 2001, 264.

¹⁴⁷ RAMA, Angel. **Medio Siglo de Narrativa Latino-americana (1922-1972): La novela en AméricaLatina. Panoramas 1920-1980**. México: Fundación Ángel Rama-Universidad Veracruzana, 1986.

sociais do país em que vive. Esta situação direciona a intelectualidade latino-americana para dois caminhos: o primeiro se coloca utilizar a literatura para expressar a crítica social sem se pautar em estilo ou ideologia partidária. O segundo caminho reside na construção texto literário embasado em uma teoria política a exemplo o marxismo, socialismo, anarquismo para compor a crítica social.

A consciência política se manifesta na literatura latino-americana em primeiro lugar no esforço romper com o modelo literário anterior. No entanto a literatura dos anos sessenta desconstrói o fazer literário dos anos vinte e quarenta do século XX. Esta literatura caracteriza-se por criar estratégias textuais para representar a realidade. Para tanto, essa forma de escrita busca no mito, no fantasmagórico, os meios de camuflar as posições políticas frente a realidade e faz uso do texto para questionar as estruturas literárias.

Emir Rodriguez Monegal¹⁴⁸ aponta três estruturas literárias que serão questionadas na ao longo da produção literária dos escritores latino-americanos na segunda metade do século XX .O primeiro questionamento se manifesta no resgate das formas literárias esquecidas como o folhetim , o conto popular e a poesia anedótica e argumental para negar as fronteiras entre os gêneros textuais e ao mesmo tempo uma forma de reavaliar passado literário do continente .O segundo reside na dissolução dos gêneros textuais para que tornasse possível a criação de uma crítica textual que se desprende da exegese discursiva e parte para caminhos mais oblíquos como o uso da collage, da reflexão e da paródia, da reflexão crítica e criadora. O terceiro questionamento está no uso da poesia concreta que torna a palavra um elemento visual por meio da diagramação do poema e da superação do verso como unidade rítmico-formal.

Estes três recursos implantados na literatura latino-americana refletiram na forma em que o literato representará o indivíduo e a realidade do século XX. Ao construir um texto que resgata o conto popular, poesia anedótica, o escritor apresenta ao leitor o passado cultural de seu país. Ao dissolver os gêneros literários, o escritor demonstra que a realidade deste século é permeada pela falta de fronteiras definidas e o indivíduo encontra-se desenraizado e imigrante. Por fim a inserção da imagem na poesia demonstra como o cinema, a fotografia modificou a forma de ver e representar o mundo.

¹⁴⁸ MONEGAL, Emir Rodríguez. **Tradição e renovação**. In: MORENO, César Fernandez (coord). América Latina em sua Literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Os romances *Pedro Páramo* (1955) de Juan Rulfo e *Yo, El Supremo* (1974) de Augusto Roa Bastos são exemplos claros desse tipo de literatura. No caso de *Pedro Páramo* e *Yo, El Supremo* (1974) a inovação literária ocorre no uso da estrutura literária desordenada, fragmentada e contraditória, aliada a temática da violência política como elemento aglutinador do enredo. Esses recursos textuais demonstram como os escritores representam a realidade social de seu país como complexa contraditória e violenta.

Emir Rodriguez Monegal¹⁴⁹ argumenta que a literatura latino-americana tem a ruptura como parte de sua tradição literária e reitera que ao longo do século XX, essa produção passou por três grandes momentos de rompimento de modelos literários motivados pelo contexto político, social e econômico vigente. O autor elenca três grandes momentos: a década de 1920 com o início das vanguardas modernistas que produzem uma literatura crítica da sociedade burguesa e que busca um novo tipo de arte que não dependa dos referenciais espanhóis. Nos anos 1940, essa literatura passa a ser pensada como um instrumento de luta e transformação social, a arte passa a estar a serviço da política. Esse novo papel da arte foi motivado pela crise cultural gerada pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Civil Espanhola. Nos anos 1960, as mudanças literárias são orientadas pela difusão da Revolução Cubana e pelos os governos autoritários que impulsionaram o desenvolvimento de uma literatura altamente crítica e militante.

Rodriguez Monegal afirma que cada crise rompe com a tradição anterior e se propõe ao instaurar um novo modelo literário, ao mesmo tempo, que romper com o passado literário é preciso, o passado histórico deve ser repensado para legitimar sua revolta social do presente. Os intelectuais participam de um duplo movimento: o primeiro relaciona-se em pensar o futuro que estão construindo e o segundo está ligado com passado que deseja resgatar.

Nos anos 1960, a ruptura com a tradição dá-se no espaço da escritura, interrogou-se sobre o conceito de literatura, o conceito escritor e o ato de escrever bem como o seu papel no mundo e o significado do conceito de linguagem. A Revolução Cubana polarizou politicamente a cultura deste continente, essa tradição se viu diante da responsabilidade maior de ser, e continuar sendo autenticamente revolucionário.

¹⁴⁹ MONEGAL, (1979) p.139-141.

A segunda metade do século XX no continente latino-americano produziram uma literatura de combate e a serviço da sociedade como também intelectuais capazes de questionar apaixonadamente a realidade seja ela social ou literária. No afã de buscar respostas ao contexto em que se insere, o literato latino-americano passou a pensar o ato da escrita em sua própria obra, o conceito de linguagem, o meio em que foi produzida.

O questionamento estrutural na narrativa pela experimentação literária acontece a partir do exercício da crítica não está apenas dentro da própria literatura quando se resgata as formas literárias esquecidas como o folhetim, o conto popular e poesia anedótica, ou ao negar as fronteiras entre os gêneros que permitiu libertar-se da opressão dos gêneros. A experimentação literária representou o exercício da liberdade para o escritor e ao mesmo tempo, uma reavaliação do fazer literário e do contexto social por meio da crítica ao passado.

As ideias e renovações acima citados foram materializadas na literatura latino-americana com maior ênfase no romance que empregou o material histórico. Esse gênero híbrido que congregou literatura e história permitiu adequar a narrativa aos seguintes aspectos: a atenção às estruturas externas tais como contexto político e social e ao mesmo tempo agregar o papel criador e revolucionário da linguagem.

Romancistas como Miguel Angel Astúrias, Alejo Carpentier, Gabriel Garcia Marquez, Augusto Roa Bastos fizeram uso da narrativa de extração histórica¹⁵⁰. Passaram a desenvolver a escrita que tinha como objeto o poder, que visou repensar o autoritarismo e compreender o poder dentro do conjunto social latino-americano.

Angel Rama¹⁵¹ aponta que as obras produzidas sob a ótica do poder, serviram de denúncia, panfletos historiando atrocidades e foram marcadas pela perspectiva militante. A partir do levantamento de erros e desmandos cometidos pelos homens do poder há um enriquecimento para compreender ao ser humano que foi responsável por esses atos.

A escrita do poder empreendida pelos escritores latino-americanos não buscou criar uma imagem unilateral dos detentores do poder como as vitórias políticas, os fatos históricos de maior relevância para história nacional, todavia, agregou outros elementos que a compõem o contexto social que os produziram como as relações econômicas, as desigualdades sociais e o autoritarismo do país em que viveu. Essa estratégia de representar o poder a partir de

¹⁵⁰ Termo utilizado por André Trouche.

¹⁵¹ RAMA Angel. *Los dictadores latino-americanos*. México, 1976, p. 5.

várias facetas tem como função compreender o contexto político de cada país e a sociedade na qual ele se insere.

A fonte desse trabalho o romance *Yo, El Supremo* (1974) insere na escrita do poder e no movimento literário latino americano dos anos sessenta do século XX, a seguir será discutido a estrutura do romance a fim de compreender como as mudanças literárias influenciaram na crítica social realizada por Augusto Roa Bastos.

2.1. A estrutura narrativa de *Yo, El Supremo* e seus labirintos

A leitura do romance *Yo, El Supremo* transcende uma viagem ao mundo da fantasia, pois sua estrutura narrativa transporta o leitor para o centro de um labirinto. Possui como ponto de partida a história de José Gaspar Rodrigues de Francia que governou o Paraguai entre os anos de 1814 a 1840. O escritor organiza a viagem histórico-literária a partir do caos, do mito e do fantasmagórico. A ausência de capítulos nomeados quebra a linearidade narrativa e lhe dá uma aura circular que está em constante movimento. Nessa estrutura em rotação o passado e o presente caminham sem qualquer obstáculo temporal.

O enredo desta obra centra-se na trajetória do personagem histórico Francia, que passa parte de sua vida em um colégio católico, do qual fora expulso por suas ideias iluministas que contestavam a ordem estabelecida. Depois ele se torna um dos protagonistas da Independência Paraguaia e se impõe como Ditador Perpétuo por vinte e seis anos.

No processo de emancipação, Francia se retira da Junta governativa em dois momentos por não concordar com a ideia de continuar sob o jugo da Espanha defendida pelos membros La Cerda e Pedro Somellera¹⁵², mas estes são expulsos em seis de agosto de 1811. É nesse momento, que Francia volta e assume os portenhos Eschevarría e Manuel Belgrano, que agora defendem a separação do domínio Espanhol e a tutela portenha. Essas ideias provocam uma nova retirada de Francia, pois este defendia a Independência com atribuição de soberania as províncias.

Em vinte nove de setembro de 1811, o advogado Francia é convocado por Manuel Belgrano para compor novamente a Junta e utiliza-se da retórica para convencer seus

¹⁵² Comandantes da junta na primeira estada de Francia na Junta em 1811.

integrantes a assinarem um tratado que daria autonomia ao Paraguai, seu objetivo é conquistado e se torna governante do país.

No decorrer dos 26 anos de Governo, muitos estrangeiros se estabelecem no Paraguai com o consentimento de Francia entre os quais estão dois estudantes suíços Longchamp e Rengger, que foram ao Paraguai com a finalidade de catalogar a fauna e a flora e os Irmãos Robertson de origem inglesa que desenvolveram atividades comerciais.

Durante a permanência desses estrangeiros o Ditador Perpétuo¹⁵³ os recebem muito bem. Rengger se torna médico de Francia e Juan Parish Robertson foi transformado em representante dos interesses Paraguaio na Argentina e na Inglaterra, porém, em 1825, o ditador expulsa estes estrangeiros sob a acusação de traição, após a saída do Paraguai Rengger, Longchamp e os Irmãos Robertson escrevem livros sobre o país nos quais fazem críticas ao ditador.

A principal preocupação de Francia era defender a soberania paraguaia, combater a corrupção e proteger o país das intenções imperialistas dos vizinhos Brasil e Argentina. No combate a corrupção, Francia punia de formar implacável quem quer que seja até mesmo seu fiel funcionário José Maria Pilar acusado de traição, pois vendia artefatos paraguaios de maneira ilícita. A soberania era assegurada por meio de ações do ditador contra as intenções imperialistas dos vizinhos que enviavam representantes para que fizessem acordos e Francia acabava contornando a situação.

Certo dia é encontrado um pasquim pregado na porta da Catedral de Encarnación, que tinha como conteúdo a ordem de que o ditador após sua morte fosse decapitado e seus seguidores fossem enforcados, então o ditador ordena que achem o culpado por essa infâmia e pede a Patiño¹⁵⁴ que descubra o culpado através da comparação pela caligrafia com outros documentos pertencentes ao Governo.

Durante as investigações a respeito do pasquim Francia acaba ficando doente e outro médico particular afirma que ele não está nada bem e deve pensar em um sucessor, o Supremo não aceita e diz que este está conspirando contra ele. Antes de sua morte o ditador coloca fogo em seus documentos para que não haja nada que seus traidores tomem posse e quase acaba sendo vítima do incêndio, mas é salvo a tempo.

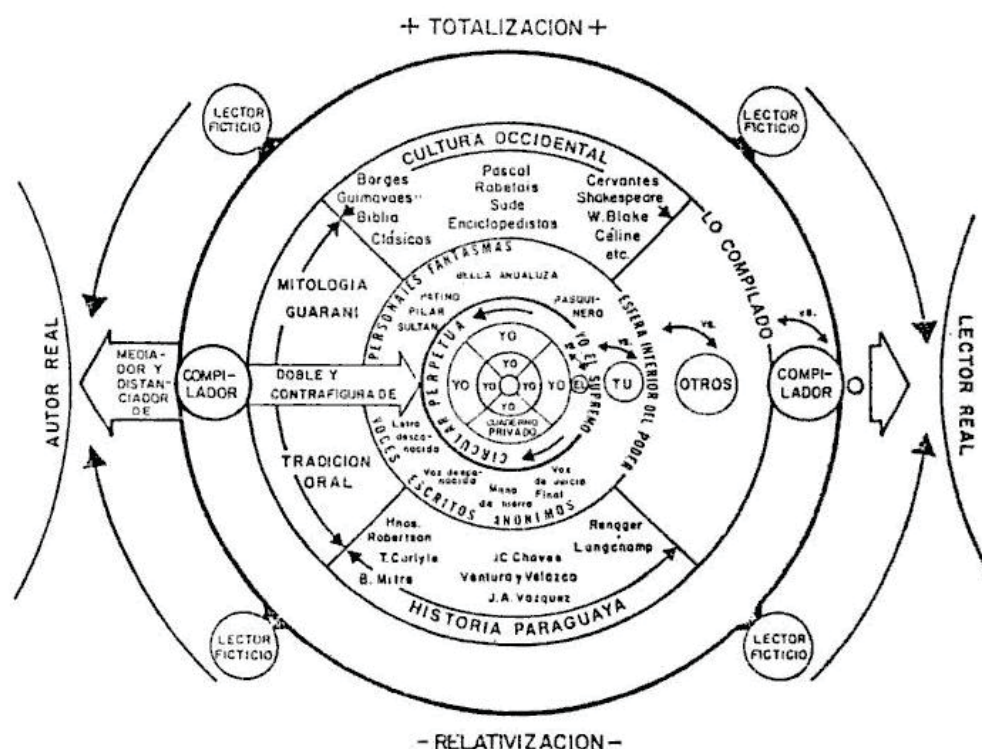
¹⁵³ Em todo o romance Francia é chamado de o Supremo ou de Ditador Perpétuo.

¹⁵⁴ Esta personagem atua junto a Francia e copia as ordens dadas por ele.

O culpado pelo pasquim não é achado e Francia ordena que Patiño seja enforcado, pois o acusa pelo panfleto incendiário. Este enforcamento não acontece devido ao fato de Francia morrer antes, Patiño acaba suicidando.

Entretanto, os dados acima apresentados sobre o enredo foram organizados de forma linear para facilitar a compreensão do romance. Todos esses fatos fazem parte da narrativa motora do romance que ocupa o centro da página abaixo. As demais histórias agregadas que fogem do período de Francia seguem caminhando, pelo romance nas notas de rodapé.

Carlos Pacheco¹⁵⁵ propôs um modelo de leitura de YES¹⁵⁶ buscando entender a luta pelo poder no terreno político e no terreno semiótico. Nesse modelo Pacheco tenta demonstrar os elementos que compõe a narrativa de YES e suas inter-relações.



No primeiro círculo está o personagem histórico Jose Gaspar Francia como elemento central que assume a forma corpórea Yo e sua história é contada no elemento caderno particular que apresenta ao leitor o individuo corpóreo, dotado de fraquezas, enfermidades,

¹⁵⁵ PACHECO, Carlos. **Introdução**. IN: ROA BASTOS, Augusto. *Yo, El Supremo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1986, p.XVIII, v.123.

¹⁵⁶ YES – é a abreviatura que passamos a usar a partir de agora para facilitar a leitura da dissertação.

angústias, suas preocupações. No segundo círculo está EL parte mítica de Francia que aparece no romance no documento *Circular Perpétua*, na qual, as ações do poder supremo são descritas.

Tanto a circular perpétua e o caderno privado atuam como documentos que formam a história de Francia, no entanto, o caderno particular irá demonstrar o indivíduo e as circulares perpétuas forneceram informações sobre o homem público.

Ao redor do centro Yo/El conflui as personagens fantasmas que dialogam com o poder e atuam como a esfera da dissidência e do juízo crítico e são representados por: Patiño, o escriba, funcionário responsável pela caça aos opositores; o pasquineiro, personagem não revelado, responsável pelo pasquim na Catedral de Encarnação que dá início ao romance; negro Pilar, amigo de Francia; Sultán, seu cachorro; e a comerciante portenha Bela Andaluza ademais das vozes e letra desconhecida. Esses dois círculos se relaciona a partir da atuação do compilador que no enredo teria a função de pesquisador da história demonstrando como a história de Francia fora construída

No caminhar do enredo ditado pelo movimento dos primeiros dois círculos, um terceiro círculo se integrará ao enredo formando uma avalanche de referências. Essas referências são compostas pela tradição oral, a mitologia guarani presente na cultura paraguaia, pela cultura ocidental a partir das ideias de escritores e pensadores das mais diversas origens como Pascal, Rabelais, Sade, Borges, Guimarães Rosa, a Bíblia, os clássicos da Literatura mundial, tais como: Miguel de Cervantes, William Shakespeare, William Blake, os enciclopedistas e muitos outros que não cabe aqui enumerar.

Ainda neste círculo está integrado a história paraguaia do século XIX recontando-a como processo da independência paraguaia aconteceu por meio dos personagens históricos: Bartolomé Mitre¹⁵⁷, Bernardo Velasco¹⁵⁸, que se mistura a visão histórica do governo Francia

¹⁵⁷ Bartolomé Mitre Martinez nasceu em Buenos Aires, 26 de junho de 1821 e faleceu na mesma cidade em 19 de janeiro de 1906. Exerceu cargo político, foi escritor e militar argentino. Esteve na presidência argentina no período de 1862 a 1868. Escreveu para *El Progreso*, diário que criado por Sarmiento, no qual prega a indivisibilidade territorial da soberania dos países das Américas, defende o direito de livre pensamento para os estrangeiros e a democracia em um sentido amplo.

¹⁵⁸ Bernardo de Velasco y Huidobro nasceu na cidade espanhola de Villadiego no ano de 1765 e faleceu na cidade paraguaia de Assunção em 1822. Foi militar espanhol e último governador espanhol da Intendência paraguaia pois fora destituído do cargo pelo processo de Independência de 1811.

produzida pelos estrangeiros: Thomas Carlyle¹⁵⁹, os médicos suíços Juan Rengger e Marcelino Longchamp¹⁶⁰ e os irmãos comerciantes Juan Parish Robertson e Guilherme Parish Robertson¹⁶¹ e que irá contrapor com a interpretação histórica do historiador paraguaio Julio Cesar Chavez produzida no século XX sobre este período histórico.

Neste labirinto caótico que compõe o romance, algumas questões se tornaram intermitentes ao longo da leitura. Qual a função da falta linearidade na história? Por que a história de Francia se mistura a personagens anônimos e de outros tempos históricos? O que há por trás de tudo isso? Qual versão de história o autor deseja contrapor? O que tudo isso representaria? Qual a relação com o contexto? Como resolver todas essas dúvidas? Seria preciso observar o objeto por outro ângulo e retirá-lo da etiqueta obra literário, pois YES discute questões mais profundas que o fazer literário e a ficcionalização da história.

O crítico uruguaio Angel Rama¹⁶² ao considerar este romance um livro inclassificável ao mesmo tempo afirma que é um livro de história, filosofia, moral, biografia romanceada, ensaio sociológico, poema em prosa, confissão autobiográfico, debate sobre os limites da literatura e questionamento do sistema verbal. Diante da impossibilidade de moldá-la em uma categoria, a consideração do crítico uruguaio, norteou um novo olhar sobre a fonte. Para responder todas as essas questões acima apresentadas era preciso pensar no romance como uma obra de historiografia e ao mesmo tempo uma crítica social e política que traz a público uma leitura sobre a realidade paraguaia a partir do escritor exilado que cria mecanismos para velar sua crítica e driblar a censura paraguaia.

Essa reconstrução histórica crítica se tornou um tratado histórico sociológico sobre a nacionalidade paraguaia, pois ela não nasce no vazio, implica o tempo, no qual, se escreve e na situação do universo contemporâneo. Roa Bastos reconstrói este personagem histórico em sua totalidade, traz à cena o homem do poder consciente de sua ditadura e o ser humano que tornou parte do poder, nesse jogo de imagens, o escritor busca demonstrar as duas faces em torno do herói nacional: Francia. De um lado apresenta a conhecida austeridade, a dedicação

¹⁵⁹ Thomas Carlyle nasceu na cidade escocesa de Ecclefechan em 4 de dezembro de 1795 e faleceu em Londres no dia 5 de fevereiro de 1881. Atuou como escritor, historiador, ensaísta e professor escocês durante a era vitoriana.

¹⁶⁰ Juan Rengger e Marcelino Longchamp, médicos suíços que chegaram ao Paraguai em 1819, pois foram atraídos pela reputação do país de ser a única nação sul americana capaz de manter a ordem além de desejar estudar e conhecer o Paraguai. Atuaram como médicos do exército e estudaram a fauna e a flora. Permaneceram no país até 1826.

¹⁶² RAMA Angel. *Los dictadores* latino-americanos. México, 1976, p. 21.

ao poder e ar implacável da solidão. Do outro o apresenta como fiel guardião da nacionalidade paraguaia. E nas margens do romance uma nova história Paraguáia é contada.

Quando se trata de margens do romance refere-se a quatro elementos presente na obra: o caderno privado que representaria ações e as opiniões do indivíduo Francia, as circulares perpétuas que são os decretos do governo demonstrando atitudes do homem público Francia. As notas do compilador que revelam como a história de ditador do Perpétuo foi construída durante o século XIX e XX. A letra e voz desconhecida trazem ao enredo informações sobre períodos posteriores ao governo francista tais como a Guerra do Chaco e o governo estronista e funcionam como canal de diálogo entre passado e presente.

Esses elementos se localizam nos rodapés das páginas, em letras miúdas, forçando a leitura para o que parece secundário, desviando a atenção das tramas políticas do governo Francia e do enredo central.

Nas notas do compilador, o autor demonstra como o processo de pesquisa e a reunião de documentos vai acontecendo, na letra e voz desconhecida são discutidos temas como violência, medo e história recente do Paraguai sob a perspectiva dos que foram atingidos pelo poder autoritário.

Esses recursos textuais utilizados pelo autor têm como função dar uma dupla resposta ao tempo presente vivido por Roa Bastos, por um lado YES se coloca como um manifesto político contra o Regime estronista quando o autor faz uso do romance para discutir o autoritarismo na cena política paraguaia e por outro atua como uma nova escrita da história paraguaia. Esta obra também se coloca como questionador de paradigmas literários ao incorporar as experimentações linguísticas como o uso de vários gêneros textuais como cartas, panfletos, livros historiográficos, como também palavras em língua guarani e neologismos, além de apresentar a narrativa desordenada e fragmentada.

Carlos Pacheco¹⁶³ argumenta que o romance YES¹⁶⁴ ocupa um lugar inquestionável na narrativa latino-americana devido a sua singularidade e sua proposta estética que pretende apresentar a negação do absoluto, a opção pelo periférico e o uso de pares de opostos como vida e morte, o cultivo de ambiguidades e efeitos como quebra da linearidade narrativa

¹⁶³ PACHECO, Carlos. *Yo, El supremo: La insurrección polifónica*. In: ROA BASTOS, Augusto. **Yo, El Supremo**. Biblioteca Ayacucho. Caracas, Venezuela, 1976.

¹⁶⁴ Referiremos-nos ao romance *Yo, El Supremo* daqui em diante pela sigla YES.

criando um território de perguntas, um espaço conflituoso e de exploração ficcional da realidade.

A mistura entre história e literatura buscará questionar a construção da história oficial demonstrando que o discurso oficial historiográfico é uma das versões da história paraguaia, portanto há possibilidade de construir uma nova história e agregar outros personagens históricos. O conteúdo presente na letra e voz desconhecida se integra à história central com a discussão de questões mais profundas da realidade paraguaia como a violência e excesso de patriotismo formaram a crítica política ao regime estronista.

2.1.1. A história feita nas margens.

Neste momento propomos uma discussão sobre a construção historiográfica em torno do personagem José Gaspar Rodriguez de Francia para que seja possível compreender o diálogo entre a construção literária realizada por Roa Bastos e o material histórico utilizado. Neste diálogo o romancista irá demonstrar como o trabalho do historiador é feito por meio das notas do compilador e faz uso do personagem Francia para questionar as interpretações realizadas por estes historiadores presentes nas notas do compilador.

Quem é José Gaspar Rodriguez de Francia?

O pensador paraguaio Domingo Laino¹⁶⁵ em seu estudo sobre o governo Francia apresenta em seu livro *José Gaspar Rodriguez de Francia: El conocimiento como arma*, a problemática sobre imprecisão sobre data de nascimento de Francia a trajetória desse personagem histórico antes da sua entrada na vida pública. De acordo com o autor a idade de Francia fora um tema muito debatido por seus estudiosos e difícil de elucidar, pois os desencontros nas datas se iniciam nas obras dos autores como Wisner de Morgenstern¹⁶⁶, Cabanellas¹⁶⁷ e Washburn¹⁶⁸, que coincidem entre si, ainda não existam provas e se, chocam

¹⁶⁵ LAINO, Domingo. **José Gaspar Rodriguez de Francia: El conocimiento como arma**. Assunción: Ediciones Cerro Corá, 2010

¹⁶⁶ Franz Wisner von Morgenstern foi arquiteto, historiador, cartógrafo de origem húngara que viajou ao Paraguai a convite do marechal Solano Lopez, para prestar serviços ao governo de seu pai. A este profissional foi solicitada a escritura de uma biografia que retratasse uma imagem negativa de Francia perante a sociedade, dessa idéia surgiu o livro: *El dictador del Paraguay: José Gaspar Francia* apenas editado em 1923.

¹⁶⁷ Guillermo Cabanellas de Torres é um historiador espanhol, advogado e editor que nos anos 1940 publicou o livro *El dictador del Paraguay, Dr. Francia*.

com a data proposta por Blas Garay. Laino mapeia estas controvérsias temporais no trecho abaixo:

El norteamericano Washburn afirma que José Gaspar nació "... según se cree generalmente, en la ciudad de la Asunción el año 1758"¹⁶⁸. El húngaro Wisner de Morgenstern confirma cuando dice que "... salió a la luz el día 6 de enero de 1758 y fue bautizado en la Recoleta (paraje inmediato a Asunción) por el R. P. Fernando Caballero de la orden franciscana (...) [se puso] al niño los nombres de José Gaspar". El mismo autor, en una edición posterior (Buenos Aires, 1957), de otra manera se vuelve a ratificar diciendo que "... recién a los 12 años, esto es en 1770, el niño José Gaspar empezó a recibir educación...". Luego, si en 1770 tenía 12 años, había nacido en 1758. El Dr. Cabanellas también coincide con el día y año mencionados cuando afirma que "... el día 6 de enero de 1758 nació, en la ciudad de Asunción, quien iba a alcanzar una categoría única en la historia..."¹⁶⁹.

Blas Garay, historiador da geração de 900 endossa o debate argumentando que o ano de nascimento de Francia seria 1766, embora, outros historiadores teriam considerado os anos de 1756, 1758 e 1764. Mas Garay leva em consideração um ofício, encontrado no Cabildo de Assunção que afirma que Francia teria quarenta e três anos em 1809. A partir dessas informações de Garay, José Gaspar Rodriguez de Francia teria nascido em seis de janeiro de 1766.

A data de nascimento José Gaspar Rodriguez de Francia é apenas umas das lacunas que a historiografia paraguaia buscou preencher. Sua biografia também é dotada de mistérios em sua origem, até em sua tumba, pois seus restos mortais haviam desaparecido. Não se sabe se estes restos se misturaram a terra mãe ou se foram lançados ao rio Paraguai por mãos inimigas. O mistério em torno desse personagem alimentou contradições historiográficas bem como a imaginação literária.

¹⁶⁸ Charles Ames Washburn foi representante da embaixada norte americana no Paraguai durante os anos de 1861 a 1863 no governo de Solano Lopez e escreveu o livro *The History of Paraguay: With Notes of Personal Observations (Volume 1)*, publicado em 1903 pela universidade de Harvard. Neste livro, o autor busca entender a história do Paraguai sob o viés diplomático com um recorte desde sua descoberta em 1526 até o governo dos Lopez e também procura mapear as dificuldades que serão encontradas pelo governo estadunidense ao se relacionar com o Governo dos Lopez. No entanto, este, discute o Governo Francia.

¹⁶⁹ LAINO, Domingo. **José Gaspar Rodriguez de Francia: El conocimiento como arma**. Assunción: Ediciones Cerro Corá, 2010. Disponível em: www.portalguarani.com.py. Acesso em 15 jan de 2013

O norte americano Washburn afirma que José Gaspar nasceu "... acredita-se, na cidade de Assunção 1758". O húngaro Morgenstern Wisner confirmou quando ele diz que "... veio à tona em 06 de janeiro de 1758 e foi batizado na Recoleta (spot Assunção imediatamente) pelo Rev. Fernando Caballero da ordem franciscana (...) afirma que se colocou o nome na criança de José Gaspar ". O mesmo autor, em uma edição posterior (Buenos Aires, 1957), caso contrário, re-ratificar dizendo "... apenas com 12 anos, ou seja, em 1770, a criança começou a receber José Gaspar educação ... ". Então, se em 1770 tinha 12 anos, nasceu em 1758. Dr. Cabanellas também coincide com o dia e ano acima quando afirma que "... em 06 de janeiro de 1758, nasceu na cidade de Assunção, que era conseguir uma única categoria na história ..." José Gaspar de Francia. (Tradução nossa)

Para Domingo Laino,¹⁷⁰ Francia seria filho de um capitão da artilharia de origem brasileira com uma aristocrata brasileira. Já Julio Cesar Chaves¹⁷¹ afirma que não se sabe com precisão sua pátria e nem como se chamaram seus pais, pois muitas versões sobre sua origem e seus pais foram criadas, a maioria delas feitas por estrangeiros. O trecho abaixo permite compreender os desencontros de informações:

¿Es portugués, natural del país de Oporto en los reinos de Portugal, como lo afirma, en un documento público, ante Alós y Brú? ¿Es brasileiro de Mariana en el distrito del Virreinato de Río de Janeiro, como lo jura ante Lázaro de Ribera? ¿Es francés, como lo refiere su hijo José Gaspar a los Robertson, a Rengger, a Lonchamp? ¿O es español de las Sierras de Francia, región poco conocida, enclavada entre Salamanca, Cáceres y Portugal? El apellido Rodríguez de Francia, confirmarían este extremo; el afijo ez de Rodríguez denota su origen castellano, y es de suponer que Francia fue agregado conforme con la costumbre española de usar como apellido el nombre regional. ¿O indica Francia a alguien venido de alen de los Pirineos? Si no es portugués, ni francés, ni español, ¿será acaso italiano.

Se por um lado sua vida pessoal e sua morte são dotadas de mistérios, por outro a vida política será relatada com riqueza de detalhes e juízos de valor. José Gaspar Rodríguez de Francia dividirá opiniões entre seus estudiosos: os francistas atribuirão a ela a fundação da nacionalidade paraguaia e a defesa da soberania nacional, já os anti francistas pintaram-no sob as tintas negras dos autoritarismo, do terror e do isolamento.

A seguir apresentará algumas visões construídas por estrangeiros e opositores em torno da vida de Francia. Para tanto utilizaremos as interpretações dos Irmãos Robertson, de Tomas Carlyle .

¹⁷⁰ LAINO, Domingo. **José Gaspar Rodríguez de Francia: El conocimiento como arma**. Assunción: Ediciones Cerro Corá, 2010. Disponível em: <http://www.portalguarani.com>.

È português, natural do Porto, país dos reinos de Portugal, como consta de um documento público e Alos Bru antes? Brasileiro, Mariana está no centro do Vice-reinado do Rio de Janeiro, como ele jura para Lázaro Bank? É francês, como seu filho José Gaspar refere-se a Robertson, a Rengger para Lonchamp? Ou é o espanhol Sierras de France, região pouco conhecido, situado entre Salamanca, Cáceres e Portugal? O sobrenome Rodríguez de França, ou o sobrenome Rodríguez e França confirmam este ponto, o afixo denota Rodriguez ,ez origem castelhana e, presumivelmente, que a França foi adicionado de acordo com o costume espanhol de usar o nome regional como um apelido. Ou alguém diz França para vir do além-Pirinéus? Se não é português, nem espanhol, nem frances. Será Italiano. (Tradução Nossa)

¹⁷¹ CHAVES, Júlio Cesar. **El Supremo Dictador**. 5 ed. Editor: Carlos Schauman, Asunción-Paraguay, 1985. Disponível em: <http://www.portalguarani.com>.

Para o comerciante escocês John Robertson,¹⁷² José Gaspar Rodríguez de Francia despertaria admiração na primeira impressão, pois naquela ex-província espanhola, formada por gente mestiça e simples havia um homem culto possuidor de uma biblioteca vasta que abrangia livros de direito, filosofia, livros em latim e francês. A admiração à primeira vista se desfaz no relato do escocês ao narrar à participação política de Francia na primeira Junta Governativa em 1811. Neste momento descreve Francia de maneira negativa dotado de sede de poder:

A Junta que naquele momento governava a província era composta por três membros e assistida por um assessor e um secretário. Desses, o presidente era Dom Fulgencio Yegros e o segundo em comando, Don Pedro Juan Caballero [...] Menciono esses nomes porque de uma maneira ou de outra, todos sucumbiriam, num futuro não muito distante, à ingovernável inveja e à inexorável crueldade de Francia. Ele tinha sido, até pouco antes de minha chegada, secretário da Junta, mas tendo evidenciado um temperamento petulante, intratável e obstinado, retirou-se do governo.¹⁷³

Mais adiante nas Cartas, John Robertson, critica a maneira em que Francia conduz seu país, coloca em cheque, o conceito de liberdade e seu exercício. Para ele a liberdade deveria ser intrínseca ao poder republicano e no Paraguai, isso não acontece e ainda ressalta que nas terras inglesas a liberdade existe mesmo no sistema monárquico.

Eu comecei a olhar para o governo de Francia, muitas das minhas ilusões sobre a liberdade da América do Sul foram desfeitas. Ele percorreu este caminho, pela regra, de quão vazia e ilusória, liberdade é mero nome. Na Inglaterra, tínhamos monarca, mas felizmente baseada numa instituição livre. No Paraguai que se gabava de uma forma republicana do governo, mas a vontade despótica de um homem que escravizou comunidade em geral¹⁷⁴

Willian Parish Robertson descreve Francia de maneira negativa, em sua visão, o governante paraguaio seria um ditador sanguinário e implacável com suas vítimas:

Francia era vingativo, cruel e implacável. Estas eram as qualidades mais detestáveis em seu caráter. Ele nunca perdoou uma ofensa seja real ou suposta. Ele gradualmente puniu todos aqueles que ele acreditasse, em sua própria mente, a ser secretamente uma oposição, para sua tirania. Suas

¹⁷² ROBERTSON, John P. & ROBERTSON, William P. **Letters on Paraguay: comprising an account of four years' residence in that republic under the government of the Dictator Francia - in two volumes.** London: William Clowes & Sons, 1838. Disponível em: <http://books.google.com/books>.

¹⁷³ YES, p. 280-82

¹⁷⁴ ROBERTSON, John P. & ROBERTSON, William P. *Letters on Paraguay: comprising an account of four years' residence in that republic under the government of the Dictator Francia - in two volumes.* London: William Clowes & Sons, 1838, p. 293. [www.http://books.google.com/books](http://books.google.com/books). Abaixo segue o texto original. I began to look into Francia's government, many of my illusions about South American, liberty were dispelled. He who ran might road, by the rule how empty and delusive a mere name might be. In England we had monarch, but happily based on free institution. In Paraguay they boasted of a republican form the government, but the despotic will of one man ruled and enslaved community at large

vítimas foram condenadas no recesso sombrio de seu coração, ciumento e desconfiado, a sua destruição, mais cedo ou mais tarde, invariavelmente se seguia¹⁷⁵

Thomas Carlyle nunca esteve no Paraguai, no entanto, buscou construir uma versão oposta àquela apresentada pelos Irmãos Robertson, em primeiro lugar, busca desqualificar os relatos dos comerciantes escoceses John e Wilian Robertson e dos viajantes suíços Longchamp e Rengger. Discorda da ideia de que o governante paraguaio teria sido um ditador sanguinário, mas seria um déspota esclarecido que foi eleito numa Assembleia Nacional e manteve-se no poder por vontade popular:

Até agora nossa principal fonte de informações em relação a Francia é um pequeno livro, *The Reign of Dr. Joseph Gaspard Roderick de Francia in Paraguai*, lançado em francês há cerca de dezesseis anos pelos Senhores Rengger & Longchamps e traduzido em várias línguas. Aquela para o inglês é meu doloroso dever informar, homem algum deve ler, a não ser em caso de extrema necessidade. [...] O considero, contudo, autêntico, verdadeiro e moderadamente acurado; não sendo longo, é inteligível e racional e no original em francês não é de todo insuportável. Podemos dizer que abarca, até os dias de hoje, tudo de importante que se sabe na Europa a respeito do Ditador Déspota. [...] O próximo triste trabalho desse Revisor é dizer agora algumas palavras a respeito dos irmãos Robertson com suas *Letters on Paraguay* e outros livros sobre a América do Sul. Esses irmãos eram dois escoceses que partiram para Buenos Aires e dali para Assunção em uma aventura comercial.¹⁷⁶

Thomas Carlyle analisa Francia por sua formação intelectual e sua atuação na primeira Junta Governativa, na qual se retira por não concordar com a influência argentina em solo paraguaio, após a independência. Neste trecho Carlyle exalta a erudição do governante e sua honestidade como advogado:

[...] Sua naturalidade é objeto de controvérsia [...] Fez seus estudos primários em Assunção, sendo posteriormente encaminhado para a Universidade de Córdoba, em Tucumã (sic)[...] Formado em Teologia (Rengger) ou Direito (Robertsons), deixa Tucumã e reaparece em Assunção alguns anos depois [...] O que aprendeu em Córdoba é mera especulação, seu currículo não é conhecido. Torna-se o mais bem sucedido advogado em toda a cidade de Assunção [...] e o mais justo de todos (Robertsons). Nas horas vagas lia Volney, Raynal e tratados de segunda mão em francês [...] Francia é um homem solitário e um advogado honesto.¹⁷⁷

¹⁷⁵ Idem, p.296. Abaixo segue o texto original

Francia was vindictive, cruel and relentless. These were the detestable but leading qualities of his character. But he not never forgave and injury real or supposed. He gradually marked out all those whom he belived, in his own mind, to be secretly opposed; to his tyranny, as his victims and whenever these were doomed in the glommy recess of his jealous and suspicious heart, their destruction, sooner or later, invariably followed

¹⁷⁶ CARLYLE, Thomas. **Dr. Francia**. In: *Critical and Miscellaneous Essays*, Volume VI. London: Chapman and Hall, 1869, pp. 83-86.

¹⁷⁷ Idem, p. 87-88.

[...] Francia retirou-se mais de uma vez para sua chácara, desgostoso com seus colegas [...] Mas o Paraguai precisa ser governado, ou será pior para ele próprio. Os olhos de todo o Paraguai, podemos imaginar, viram-se para o único homem de talento e veracidade que têm [...] Um novo Congresso é convocado em 1813, Francia é nomeado Cônsul [...] No ano seguinte, “com manobras insidiosas”, é declarado Ditador. Com a entrada de Francia no Governo, houve um grande progresso - até Rengger reconhece isso¹⁷⁸

As opiniões sobre Francia produzidas no século XIX tinham um olhar estrangeiro dotado de juízos de valor e sem provas documentais, mas serviram de fonte para a primeira geração de historiadores paraguaios que foram conhecidos como a Geração de 900.

2.1.2 Francia e a geração de 900.

Moreira¹⁷⁹ em seu artigo “Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era Liberal (1904-1936)” aponta que a geração de 900 foi formada pela Universidade Nacional de Assunção e traziam para análise da realidade paraguaia, os instrumentos teóricos influenciados pelo positivismo e ideias spencerianas que privilegiava a evolução das sociedades. Participaram da cena política como dirigentes tanto do Partido Liberal como Colorado e atuaram também na imprensa. Entre seus principais representantes estavam: Cecilio Báez, Manuel Gondra, Blas Garay, Manuel Dominguez, Eligio Ayala, Juan O’Leary.

O estudo de Garay¹⁸⁰ sobre José Gaspar de Francia é a primeira análise que enfoca este personagem baseado nas antigas fontes como o relato de viajantes bem como os novos materiais de arquivos e busca compreendê-lo com maior rigor científico. Garay atribuía a Francia a fundação da nacionalidade paraguaia bem como a soberania nacional e exalta sua importância no processo de independência, pois seu papel fora decisivo na Revolução de maio de 1811.

Baez¹⁸¹ responde a proposta de Garay, ao pensar o personagem Francia a partir das fontes e com objetividade em seu *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sudamérica de 1910*, se opunha a interpretação dos unitaristas argentinos que falsificavam a política francista. Para Baez, Francia seria um partidário das ideias de Rousseau e da revolução americana e um republicano nato, a falta de liberdades a perseguição dos inimigos e

¹⁷⁸ *Idem*, p.91-106

¹⁷⁹ Moreira, Luis Felipe Viel. **Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936)**. *Anais do V Encontro da ANPHLAC* (Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-americana e caribenha. Belo Horizonte, 2002, p.2.

¹⁸⁰ GARAY, Blas. *Compendio elemental de historia del Paraguay*, IV ed., Asunción 1929,

¹⁸¹ BAEZ, Cecílio: **Historia colonial del Paraguay y Río de la Plata**. Asunción 1926.

o isolamento do Paraguai obedeciam a lógica da defesa da independência paraguaia ante a ameaça exterior.

Os estudos de Baez e Garay influenciaram o trabalho de Justo Pastor Benitez¹⁸² que amplia a análise do governo Francia, fazendo uso do Arquivo do Rio Branco e constrói uma interpretação deste governo como uma necessidade histórica e atribui como legítima sua chegada ao poder, representa Francia como um revolucionário que trabalha pelo bem de seu povo.

No entanto, faz uma crítica as interpretações anteriores que desejavam transformá-lo em herói, pois os autores acima citados argumentavam não se deve compreender o personagem histórico Francia como um santo, logo, sua história é constituída por ações benéficas e também ações violentas. Para Benitez, seria mais justo pensá-lo como um continuador das ideias de Rousseau, pois Francia desejava substituir um sistema social caduco por um mais justo que fosse, baseado nas ideias de igualitarismo, para isso foi preciso estabelecer uma ditadura ilustrada.

2.1.3 Francia e o Revisionismo Histórico

Em 1942 Julio Cesar Chavez, publicou a investigação histórico-biográfica *El Supremo Dictador*¹⁸³ reconhecida como a melhor obra e mais fundamental sobre a ditadura Francia que até hoje foi escrita, e leitura obrigatória nos cursos de história do Paraguai. Chavez constrói uma imagem complexa e contraditória de Francia, pois de um lado descreve um ditador cruel e vingativo, mas que conseguiu garantir a segurança, a paz e a soberania nacional. Por outro, afirma que os princípios revolucionários professados por ele não seria possível aplicar no país, essa razão explica a implantação do governo autoritário.

O trabalho de Efraím Cardozo intitulado *Paraguay Independiente*¹⁸⁴, constrói uma versão positiva do Governo Francia, ao afirmar que José Gaspar Rodriguez de Francia conseguiu nivelar todos os setores da sociedade paraguaia quando redistribuiu as terras paraguaias melhorando as condições no campo, investiu na pecuária, indústria têxtil gerando empregos e recursos financeiros diminuir a desigualdade

¹⁸² BENITEZ, Justo Pastor. *La vida solitaria del Dr. José Gaspar de Francia, Dictador del Paraguay*, Buenos Aires, 1937.

¹⁸³ CHAVEZ, Julio Cesar. *El Supremo Dictador*, 3 ed., Buenos Aires, 1958.

¹⁸⁴ CARDOZO, Efraim. *Paraguay Independiente*. Barcelona, 1949

social entre ricos e pobres. Nessa mesma linha de interpretação que pensa este governo de forma afirmativa está o trabalho de R. Antonio Ramos publicado em 1943 que estuda a política externa imperial brasileira e o Paraguai. Este autor atribui a defesa da soberania paraguaia como algo vital no governo Francia, embora Brasil e Paraguai tivessem relações amistosas, Francia tinha uma posição de fortalecimento da autonomia do país e a recusa em fazer alianças como o Brasil.

Em suma, a Geração de 900 inova no estudo do Governo Francia, pois busca orientar a interpretação pela análise de fontes, ao contrário das interpretações do século XIX que retrata a ditadura Francia sem uma investigação científica, ou seja, a interpretação destes intelectuais parte de uma análise com um número de fontes reduzidas, que obedeciam a motivos políticos, emocionais ou pessoais.

A historiografia produzida pelo revisionismo histórico objetivou contrapor a interpretação liberal construída pelos argentinos em geral, reabilita o governo Francia como algo positivo, capaz de defender o país e sua soberania, enfim a construção de um patriotismo nessas obras irá responder ao momento político do Paraguai. A vitória na Guerra do Chaco em 1936 gerou uma euforia nacional e ao mesmo tempo aumentou o poder dos militares que derrubaram o Governo Liberal em 1937 e implantou a hegemonia colorada. Para legitimar as ações autoritárias era preciso construir visões históricas que reabilitassem seus heróis como defensores da pátria que não mediriam esforços para que isso acontecesse, mesmo que significasse uso da força e da violência.

2.2. A história feita pelas margens

A leitura é sempre uma viagem orientada seja pelo autor ou editor seja na produção de texto ou na produção de livros. Roger Chartier¹⁸⁵ afirma que os protocolos de leitura são dirigidas de forma clara ou impostas inconscientemente ao leitor e visam definir a interpretação correta e impor sentido.

¹⁸⁵ CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. 4ed. Estação Liberdade: São Paulo. 2009, p.96.

Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão, empregar todas a panóplia de técnicas narrativas ou poéticas, que como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantida a boa leitura. Existe aí um primeiro conjunto de resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária¹⁸⁶.

O escritor Augusto Roa Bastos ao compor o romance YES utilizando tipos textuais como livros históricos sobre Francia ou como as obras de Julio Cesar Chaves, Irmãos Robertson, os viajantes Rengger e Lonchamp, criar o caderno privado ou as notas do compilador estabeleceu um caminho de leitura a seguir, uma viagem centrífuga e arqueológica, pois a leitura que Roa Bastos impõe ao leitor parte da história do personagem Francia, e vai caminhando para as margens, é no caderno privado que se representa a dimensão humana do poder e é nas notas do compilador que o romancista mostra o processo de construção da interpretação histórica.

Parafraseando Machado de Assis se ao vencedor cabe às batatas em Quincas Borba, em YES, ao compilador coube às notas que servem para demonstrar como o processo de interpretação histórica funciona, ao do longo romance, o compilador mostra o estado das fontes, o que foi encontrado, atua como um arquivista dessa história ou melhor um inventariante do passado que faz o trabalho duro para que essa história possa ser analisada.

Livro do comércio de tamanho descomunal, dos que usou *El Supremo* desde o começo seu governo para assentar de punho e letra, até o ultimo real, as contas da tesouraria. Nos arquivos são encontrados uma centenas de *Libros Mayores* de mil Fólios cada um.

Só muito depois descobriu-se que no final de sua vida, *El Supremo* tinha registrado neste fólios desconexamente, fatos ideias e reflexões sobre os, mais diferente assuntos, os que em seu juízo eram positivos, estavam em coluna de haver os negativo em dever¹⁸⁷.

As notas do compilador aparecem sempre ao final da página e em letra menor como se funcionasse como notas de rodapé, a presença das notas do compilador denotam a representação do trabalho de pesquisa da história, ao mesmo tempo auxiliam na compreensão da interpretação do personagem histórico Francia. No trecho acima os fólios apresentam um Francia meticuloso ao mesmo tempo humano, pois anota as suas impressões sobre o poder.

¹⁸⁶ Idem p.97.

¹⁸⁷ YES, p.20

Em seguida o romancista descreve a relação entre Francia e os médicos suíços Juan Rengger e Marcelino Longchamp sob como a visão do ditador é conflituosa, pois o presidente os chama de hipócritas e os acusa de serem sanguessugas no país que o recebeu. Suas críticas se colocam mais duras em relação a Juan Rengger que no romance é chamado de Juan Capenga, o ditador acusa-o de mentiroso, pois descreve atrocidades e os cárceres terríveis existentes no governo paraguaio. Sobre esta passagem as notas do compilador fornecem informações históricas valiosas.

Em primeiro lugar, o compilador apresenta uma opinião diversa do personagem descrito por Roa Bastos. No trecho abaixo o compilador realizou uma história desses viajantes e apresenta uma crítica positiva a obra de Juan Rengger e Marcelino Longchamp para a história paraguaia.

Os doutores Juan Rengger e Marcelino Longchamp, oriundos da Suíça, chegaram em 1818 a Buenos Aires, onde travaram amizade com o naturalista Amadeo Bonpland. Sem pressentir o que esperava a ele próprio no Paraguai, em vista certa situação política que reinava no Prata, o sábio francês aconselhou a seus jovens amigos a que tentassem a sorte no Paraguai. Os viajantes acharam que o reino do terror pintado por uns, era na realidade um oásis de paz em seu rigoroso e selvático isolamento. Foram amigavelmente recebidos por *El supremo* que lhe ofereceu todo tipo de facilidade para seus estudos científicos e para o exercício de sua profissão, apesar da rude experiência que sofrera anos atrás com outros europeus os Irmãos Robertson [...]. A amizade do Ditador com eles foi se transformando em surda crescente animosidade. Tiveram que abandonar o país em 1825. Dois anos depois publicaram seu livro *Ensaio histórico sobre a Revolução do Paraguai*. Escrita em francês à primeira parte e em alemão a segunda, pode se dizer que o “livro é o clássico” por excelência, acerca deste período histórico: chave e lanterna indispensáveis para se penetrar na misteriosa realidade de uma época sem igual no mundo americano também na ainda enigmática personalidade que forjou a nacionalidade paraguaia com férrea vontade no exercício quase místico do Poder Absoluto¹⁸⁸.

Este trecho cria tensões entre o texto literário que demonstra uma versão das relações entre Francia e os suíços, se por um lado o texto literário que descreve esta relação exaltando a animosidade, as notas do compilador buscam contar o trajeto dos médicos suíços. *Quem estará contado a verdade?* Não existe verdade nesse caso, as diferenças de relatos do trecho literário e do trecho histórico nos apontam duas hipóteses.

A primeira consiste em pensar na contraposição do romance e das notas do compilador que objetiva demonstrar que a história é feita de versões e a literatura atua como leitora da história quando o conhecimento histórico apresenta lacunas ou incompletudes. A visão construída pelo romancista do ditador; em relação aos médicos funcionaria como uma resposta histórica ao livro publicado em 1828. Considerando que a escritura de YES é muito

¹⁸⁸ YES, p.102.

posterior ao período que descreve, essa licença poética é permitida, o escritor brinca com o material histórico e dá asas à imaginação.

A contraposição dos dados históricos e literário nos leva a pensar no tipo de história que romancista constrói, no trecho demonstrado que em cada situação sempre há duas opiniões ou mais, em se tratando de história há sempre verdades fluidas que variam de acordo com o local de que se fala ou se escreve a história.

Essa concepção de história apresentada pelo romancista demonstra as influências das mudanças de paradigmas no campo da história realizada nos anos 1960 que busca entender os acontecimentos históricos a partir de sujeitos históricos que não se vinculavam ao Estado e nem a economia. Surge uma história fragmentada preocupado com o homem comum e o cotidiano.

Outra hipótese que se coloca diante deste trecho está no posicionamento positivo do compilador com relação a obra dos médicos suíços ao considerá-la chave e lanterna para entender a história paraguaia e um “clássico”. Seguindo os indícios, como diria Carlo Ginzburg¹⁸⁹, nem tudo que foi nomeado e realmente aquilo que representa. A leitura do trecho suscita dois questionamentos: ao exaltar a obra dos médicos suíços existe ironia, ou o romancista dialoga com a historiografia paraguaia que fez uso dessa fonte?

Pode-se perceber que ao usar o termo chave, o romancista faz a alusão ao caráter pioneiro ao trabalho realizado pelos suíços, que abrirá caminhos para outras interpretações desse personagem. O uso do termo lanterna, ao se referir visão dos suíços, pode ser entendido como um guia para aos novos estudos sobre o tema que poderão concordar com interpretação dos médicos suíços ou podem refutar essa visão historiográfica.

O apêndice criado por Augusto Roa Bastos para discutir o fim que levaria os restos do Supremo merecem neste trabalho uma atenção especial, pois de forma literária o autor cria um congresso fictício no ano de 1961 e reúne os principais historiadores paraguaios do século XX para formularem novas interpretações sobre o que houve com o corpo de José Gaspar de Francia após a sua morte em 1840. Essa passagem nos leva a dois caminhos de análise: o primeiro é como a concepção de história de Roa Bastos se coloca e por que a necessidade de entender o fim de *El Supremo*.

¹⁸⁹ GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um Paradigma Indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. – São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.155.

No trecho abaixo aparece à convocatória do Governo Supremo para os historiadores a fim de participarem do Congresso de 1961, que leva a crer que esta nova história deverá ser construídas pelos profissionais da história sob iniciativa do Estado. Este congresso ficcional demonstrou a preocupação do intelectual em pensar gestões para restituir esse personagem histórico ao patrimônio nacional, pois seus restos estariam sob posse do governo argentino e também esse documento convoca todos os cidadão paraguaios a serem conhecedores de sua história e agentes dela.

Ao pensar o congresso fictício proposto pelo romancista duas questões, a nosso ver, estariam em dissonância: Quem seria O Governo Supremo? Francia ou Stroessner. E Por que 1961?. Para explicar tal impasse entre quem o romancista se refere, consideramos que o apêndice no romance é o diálogo da obra com seu presente. Roa Bastos ao mencionar o Governo Supremo não está se referindo a Francia e nem a Stroessner diretamente, mas ao poder do Estado sobre a escrita da história nacional. Ao longo da pesquisa não foi encontrada nenhum dado relevante sobre o ano de 1961 que o ligue ao romance. Todavia, essa passagem ficcional representada pela tentativa reconduzir o corpo de Francia ao país, nos dá indícios de como o escritor irá dialogar com a ditadura estronista. Em primeiro lugar a tentativa fictícia recontar a história dos restos de Francia e trazê-lo para o país cria um lugar de grande importância para esse personagem histórico.

A relevância dada a Francia por Roa Bastos se contrapõe ao contexto estronista, que atribui maior importância histórica aos Lopez. A socióloga Lorena Soler nos mostra como a ditadura estronista se apropria do simbolismo nacional e se coloca como herdeira dos feitos dos fundadores da pátria e condutor de um Paraguai Glorioso.

Asistimos a la reanudación de lejano período en que a confianza, inspirada pelo espírito de progreso de gobierno Lopez permitió convertir nuestros ríos en la clave de nuestro destino. (...) Place a mi gobierno formular que se hace cargo de la reiniciación de ese período, cuya sola evocación están grata a nuestro patriotismo (...) a la gran familia paraguaya ha comprendido que esta es la hora de sus viejos anhelos históricos.¹⁹⁰

¹⁹⁰ Mensajes y Discursos, Presidencia de la República, Subsecretaría de Informaciones y Cultura, 1954 - 1959. Volumen I, Asunción. Pág.152y 155. Apud SOLER Lorena. **Claves históricas del régimen político en Paraguay. López y Stroessner**. p.41. Disponível em: < <http://www.uem.br/dialogos>>. Acesso em: 15 mai, 2011. Assistimos ao recomeço de um período distante em que a confiança inspirada pelo espírito de progresso do Governo Lopez permitiu converter nossos rios na chave do nosso destino. É lugar de meu governo formular, este reinício desse período, cuja só evocação está grata ao nosso patriotismo. A grande família paraguaia compreendeu que esta é a hora das suas velhas lembranças históricas (tradução nossa)

Cabe ressaltar que uso da figura dos Lopez durante o estronismo para exaltação do nacionalismo se acentuam ainda mais na década de 1970 com as comemorações do centenário da Guerra do Paraguai são realizados rituais oficiais como orações pelas mortes de soldados, construções de monumentos como as placas comemorativas pelos cem anos da guerra em Cerro Corá.

O apêndice no romance configura-se como uma crítica ao uso da história pelo estronismo que faz dela um instrumento de dominação política e simbólica, ao exaltar apenas uma versão e um personagem específico.

Apêndice

1. Os restos do El Supremo

Em 31 de janeiro de 1961, uma circular oficial convocou os historiadores nacionais para um conclave com o fim de “iniciar as gestões tendentes a recuperar os restos mortais do Supremo Ditador restituir ao patrimônio nacional essa sagradas relíquias.

Os ecos da convocatória chegam aos mais afastados confins do país. Como m outros momentos cruciais da vida nacional todos os cidadãos se puseram de pé como um só homem e respondem a uma voz.¹⁹¹

Em seguida, o intelectual reafirma a sua concepção da história baseada na junção de várias histórias e interpretações. No trecho abaixo demonstra que a escrita da história é dotada de poder e disputa de versões que levam os historiadores a se contradizer, discutirem de forma árdua. Escrever a história nacional sob uma perspectiva única faz da história um terreno conflituoso e um choque de papéis.

A única dissonância nesta afirmação plebiscitária é – oh surpresa! A dos especialistas, cronistas e folhetinista da história paraguaia. Uma repentina e inesperada incerteza para ensombrecer a consistência historiográfica nacional de qual pode ser o único e autêntico crânio de *El Supremo*. As opiniões se dividem: os historiadores se contradizem, discutem, disputam ardorosamente. É que – como cumprindo-se outras predições de *El Supremo* - esta iniciativa de união nacional se converte em terreno onde aponta o broto de uma diminuta guerra civil, afortunadamente incruenta, posto que se trata de um choque de papelário¹⁹².

No apêndice, o intelectual busca confrontar as versões sobre os restos do ditador Supremo demonstrando que cada historiador lerá a fonte de uma forma, e cria situações que

¹⁹¹ YES,p.379

¹⁹² Idem

dará a convocatória do Congresso um caráter verdadeiro e científico. Este caráter de legitimidade e cientificidade aparece em dois pontos do apêndice: na presença de historiadores paraguaios renomados como: Júlío Cesar Chaves¹⁹³, R. Antonio Ramos¹⁹⁴, Marco Antonio Laconich¹⁹⁵, Benigno Riquelme¹⁹⁶, Manuel Peña Villamil¹⁹⁷ e na presença de instituições como Instituto Smithsonian, Museu Nacional dos Estados Unidos, Departamento de Antropologia da Universidade de Yale e PeaBody Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de Harvard.

Ao longo do apêndice o intelectual cria uma bricolagem de versões que tenta responder se o crânio que está em terras paraguaias é ou não do Ditador Supremo. Na tentativa de resolver esse impasse os historiadores tentam colocar suas interpretações na discussão histórica como verdadeiras e científicas e demonstrar um forte apreço pelo documento.

No trecho a seguir atribuído ficcionalmente a Benigno Riquelme o intelectual Roa Bastos demonstra uma concepção de história constituída pela busca por verdade e o apreço pela ciência:

Benigno Riquelme García (23 de fevereiro de 1961)

“Cabe manifestar a V. Exa, que pessoalmente e pelas informações que são do meu conhecimento, sou de parecer que existem razões válidas para admitir a presunção de que, tanto os restos (existentes no Museu Histórico Nacional de Buenos Aires), como os existentes em nosso Museu Godoi foram extraídos de uma tumba, indubitavelmente, foi a do prócer evocado.

O que poderia ser questionada seria já anteriormente citada impugnação de autenticidade dos mesmos, qualificação que poderia ser sanada ou ratificada, depois da peritagem, neutra que me permito, muito respeitosamente a V. Exa que poderia efetuar o Departamento de Antropologia da Universidade de Yale e PeaBody Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de Harvard¹⁹⁸.

No trecho seguinte atribuído a Manuel Peña Villamil, a preocupação com a autenticidade dos ossos se faz presente, o historiador coloca duas questões antes de afirmar

¹⁹³ Julio César Chaves, historiador paraguaio que publicou a mais completa e exaustiva biografia sobre Francia, membro da academia paraguaia de História.

¹⁹⁴ R. Antonio Ramos, historiador paraguaio, que estudou o governo Francia sob a perspectiva das relações internacionais com o Brasil, ex-diretor do Arquivo Nacional Paraguáio.

¹⁹⁵ Marco Antonio Laconich, advogado que atuou na Comissão Nacional de Limites, como secretário e como delegado na Conferência de Paz de 1936 e 1937.

¹⁹⁶ Benigno Riquelme García, historiador diletante, realizou trabalhos de organizar e analisar fólhos no Arquivo Nacional Paraguáio, foi representante paraguaio na Academia Panamenha de História, no Instituto Histórico e Geográfico Uruguáio, Academia de História Venezuelana e Colombiana.

¹⁹⁷ Manuel Peña Villamil, advogado paraguaio, que pertenceu a Academia Paraguáia de História e publicou obras como *El cabildo de Asunción*, *Espíritu de la legislación española en Indias*, *Silvia, la hija del silencio*, *Eusebio Ayala y su tiempo*, *Historia de la diplomacia y las relaciones internacionales*.

¹⁹⁸ YES, p. 380.

que os restos podem ser de Francia ou não: a primeira consiste em saber se os ossos que estão no Museu Histórico Nacional de Buenos Aires são de Francia? A segunda se o governo irá autorizar a gestões para trazer esses ossos para o país? E oferece um caminho de investigação:

Contestando à primeira colocação do manifesto que não estou em condições de afirmar ou negar como autoridade que estes despejos sejam autênticos. Previamente a toda a resposta se faz necessário o exame dos procedimentos seguidos pelo senhor Loizaga¹⁹⁹ para a exumação dos restos do antigo templo de Encarnación. Existe sobre este particular a versão do próprio senhor Loizaga enviada ao historiador argentino, doutor Estanislao Zeballos²⁰⁰.

As observações que nos sugere o modo como procedeu o senhor Loizaga para a dita exumação são as seguintes: a) Não trabalhou guiado por um sério e imparcial espírito de investigação histórico, mas pela paixão política; b) Não se apoiou em nenhum exame pericial idôneo que descartasse a possibilidade de um erro dos restos que exumava²⁰¹

No trecho atribuído a Júlio Cesar Chaves aparece a contestação da veracidade dos ossos e a crítica ao pouco cuidado dos argentinos com os restos mortais de Francia após exibi-lo por anos, os relegou ao um sótão da instituição juntos com outros objetos de valor:

Podem os restos doados pelo Dr. Estanilao S. Zeballos ao Museu Histórico Nacional serem atribuídos ao Ditador Perpetuo do Paraguai? Estes restos estiveram por longos anos em exibição no citado museu; na atualidade se encontram nos sótãos da instituição, entre os objetos de valor²⁰².

Em seguida o suposto relato do historiador Júlio Cesar Chaves demonstra que a ossada sob a tutela do Museu Histórico Nacional de Buenos Aires não pertence a José Gaspar Rodriguez de Francia. Eles consideram duas opiniões como verdadeiras e duas negativas dos estudos mencionados. Os restos não poderiam ser do Ditador Perpetuo por pertencerem a uma mulher de 40 anos pelo caráter morfológico dos ossos.

Nos relatos atribuídos aos historiadores Marco Antonio Laconich e R. Antonio Ramos buscam interpretar como a ossada do ditador Perpetuo migrou do Paraguai para Argentina. O relato ficcional sobre o opinião de R. Antonio Ramos parte de uma crítica ao livro de Wisner de Morgenstern sobre *El Supremo* que traz informações lacunares sobre o fim do governante

¹⁹⁹ Carlos Loizaga, membro do Triunvirato Paraguaio, após a Guerra do Paraguai.

²⁰⁰ Estanislao Severo Zeballos, nascido em Rosário em 1854, foi jurista, político, etnográfico, historiador, geógrafo, legislador e romancista argentino, que ocupou três vezes o cargo de ministro das Relações Exteriores.

²⁰¹ YES, p.382.

²⁰² YES, p.383.

paraguaio, o autor não apresentou dados sobre os responsáveis pelo sumiço do corpo. No entanto, apresenta outra versão, atribui a ação ao personagem Honório Leguizamon que rouba o Crânio de Francia que está sob posse de Loizaga e o colocou em uma caixa de macarrão.

O relato atribuído a Marco Antonio Laconich analisa o destino do corpo a partir do fim da guerra do Paraguai quando Assunção é invadida por saqueadores e Loizaga seria o autor da profanação do túmulo, a chegada desse crânio as mãos de Leguizamón é descrita como uma espécie de testemunho, um desejo de confessar a verdade a Laconich. Este relato apresenta uma suspeita de Leguizamón sobre o estado fragmentado em que se encontravam os ossos. Ressalta que o Ditador Perpétuo pode ter sofrido vingança de suas vítimas ou dos próprios índios guaranis, que tinham o hábito de comer a carne das vítimas.

Por fim no testemunho de Leguizamón expressa que não é conveniente organizar uma homenagem como a repatriação dos restos de *El Supremo* com a autenticidade duvidosa e muito discutida. No entanto, Laconich considera que os antecedentes que envolvem os culpados no episódio da caixa de macarrão formaria uma homenagem esclarecida da memória do Prócer.

Todos esses relatos apresentados no apêndice tratam de apenas versões ficcionais da história, pois o fim de José Gaspar Francia é ainda muito misterioso. Este trabalho não tem a intenção de verificar todas as informações presente no apêndice são históricas. No entanto, o ao apêndice buscou demonstrar a construção da história paraguaia até a década de 1960 que tinha como modelos teóricos metodológicos a escola histórica metódica que tem como princípio a objetividade, conhecer a verdade sobre a história e relatar como ocorreu, a constituição de uma visão imparcial dos acontecimentos.

Outro ponto que se pode verificar ao longo da pesquisa é como os estudiosos da história utilizados pelo intelectual tinham uma relação direta com os arquivos e documentos oficiais. Outra perspectiva presente a construção de uma interpretação da história paraguaia sob uma perspectiva externa, pois parte das fontes foram produzidas por estrangeiros ou encontradas em arquivos pelo mundo. Esse acesso a outros arquivos por esses estudiosos da história foi motivado pelas funções desenvolvidas por eles ligadas ao comércio, as relações internacionais, ou a representação cultural em outro país, e, por fim, no caso de Julio Cesar Chaves que se coloca como exceção, o contato com outros documentos é resultado do exílio nos anos 1940.

Toda a ficcionalidade apresentada no apêndice que permitiu criar várias versões do mesmo fato leva-nos a entender que o intelectual Roa Bastos busca compreender essa lacuna histórica sobre o que houve com o corpo de José Gaspar Rodríguez de Francia por meio de dois pontos: o primeiro tentar provar a autenticidade da ossada a partir de um debate entre historiadores que assim poderá repatriar o herói nacional e o segundo aspecto, está na intenção de entender como os restos migraram para o território argentino. Esta inter-relação entre história e ficção apresenta a complexidade do romance YES e a preocupação com a história nacional paraguaia.

Todo esforço de construir esse quebra cabeça histórico-ficcional demonstra que em tempos de chumbo, o romance se tornou o espaço mais seguro para se discutir a história e a identidade do povo paraguaio. Essa hipótese aparece na nota final do compilador, ao afirmar que a história pensada por intelectuais é perseguida e passa a vigorar apenas a história do Estado.

Assim imitando uma vez mais o Ditador (os ditadores cumprem precisamente esta função: subsistir os escritores, historiadores, artistas, pensadores e etc.)²⁰³

Na nota final do compilador o escritor Augusto Roa Bastos defende dois aspectos importantes desta obra: reescritura da história paraguaia e sua posição política em relação ao povo paraguaio. No trecho abaixo o intelectual paraguaio discute seu papel em relação á história, pois ao longo do romance atuou como um copador da história influenciado pelo presente, no entanto, ao nosso ver, o intelectual Roa Bastos representado pelo compilador realizou a revisão da história de seus país e apresentou o que ainda precisava ser tratado pela historiografia: o comum, o periférico. Este excerto demonstra o diálogo entre a visão de história do escritor com as mudanças nos paradigmas historiográficos, que François Dosse²⁰⁴ chamou de guinada interpretativa, no qual, as disciplinas das ciências humanas passam a desenvolverem trabalhos interdisciplinares para estudar objetos que foram excluídos da história oficial até então.

²⁰³ YES, p.389.

²⁰⁴ DOSSE, François. "Questões suscitadas pela pluralidade dos modelos interpretativos em ciências sociais: a guinada interpretativa". In: A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentidos. São Paulo. Unesp, 2001.

Ao final desta nota Roa Bastos demonstra o caráter de manifesto político do romance, pois ao contar por meio da literatura a história do paraguaio comum que sente medo poder, dos homens que lutam em campos de batalha, dos presos políticos atribui a eles a existência ao menos fictícia para que o leitor autônomo possa adentrar em outros caminhos da história.

o copiadador, com palavras de um autor contemporâneo, que a história encerrada neste Apontamentos se reduz ao fato de que história que nela devia ser narrada, não foi narrada. Em consequência, os personagens e fatos que figuram neles ganharam por fatalidade da linguagem escrita, o direito de uma existência fictícia e autônoma a serviço do não menos fictícios e autônomo leitor.²⁰⁵

O romance YES apresenta o que não foi narrado pela história oficial ,entretanto o intelectual Roa Bastos na figura do compilador adverte sobre o caráter contemporâneo de seu trabalho e da falta de verdade absoluta, pois seu intuito não narrar tal qual a aconteceu. Para ele toda história para ser escrita é preciso ser lida. Este romance nada mais é que a leitura do passado para que seja possível entender o presente marcado pelo autoritarismo e a violência política.

O seu trabalho foi juntar aquilo que foi dito por outros, contrapor visões para demonstrar que a história é feita de muitas histórias que deverão ser contadas. A proposta de Roa Bastos neste trecho é que a história feita pelo povo é tão legítima quanto à história feita para o povo e que um livro seja um romance ou historiográfico pode construir um povo ao analisar os elementos constituidores de sua identidade. Neste caso *Yo, el Supremo* se coloca como uma obra capaz de compreender a essência da história paraguaia marcada .

“Toda a história contemporânea é suspeita”, gostava de dizer *El Supremo*. Não é preciso saber como nasceram para ver que tais fabulosas histórias não são do tempo que a escreveram. Farta diferença há entre um livro que faz um particular e lançam ao povo e, um livro que faz um povo. Não se pode duvidar então que este é tão antigo como o povo que o ditou”²⁰⁶.

Ao longo dessa exposição tentou-se compreender o romance como um esforço intelectual de pensar a uma nova construção da história paraguaia a partir da revisão do que foi produzido desde o século XIX até o momento da escritura de Roa Bastos. Esta revisão

²⁰⁵ YES, p. 389.

²⁰⁶ Idem

historiográfica empreendida por ele demonstrou que a história paraguaia apresentada suas necessidades: escrever de dentro e para os de dentro.

Verificou-se que a escrita da história de Francia no século XIX é realizada por estrangeiros e centra-se num aspecto a figura pessoal que se interlaça com o homem público desfazendo as fronteiras entre público e privado. Já no século XX, a história de Francia é escrita de dentro, pois literatos políticos e historiadores paraguaios passam a escrever sobre este personagem utilizando fontes e teorias da história tornando os trabalhos de historiadores mais científicos, mas ainda o caráter externo permanece, pois muitas das fontes que embasam os trabalhos dos historiadores do início do século XX estão em acervos argentinos, ou seja, mais uma vez a visão histórica passa por olhar estrangeiro.

Embora essa história do início do século XX seja escrita por paraguaios, ela não retrata o paraguaio que não tem seu nome nas ruas, em praças, ou monumentos, mas que tem a mesma importância histórica que o homem público.

Yo el Supremo configurou-se como um manifesto político do literato Roa Bastos por uma nova história que seja escrita para os de dentro, que nela o paraguaio comum reconheça-se como um sujeito histórico consciente de seu papel na construção da história de seu país e seja capaz de alterar a realidade em que vive.

2 - História feita pelos marginais

A partir desse tópico adentraremos em uma história que viveu nos porões e de ser vista a partir de baixo, uma história vivida por gente comum que os manuais escolares não contaram, mas trazem muito mais marcas do poder e da violência.

Para percorrer esse labirinto que se materializa nos cadernos particulares e nas letras e vozes desconhecidas presente no romance, utilizar-se-á a noção de história vista pelos de baixo.

Este conceito foi apresentado por Edward Thompson em 1965 no estudo sobre a cultura operária na Inglaterra e tenta compreender o povo no passado distante a partir de seus ideais comunitários, suas conspirações, suas reações em situações de extrema perturbação

social. Jim Sharpe²⁰⁷ afirma que Thompson não se limitou a identificar o problema da reconstrução da experiência de grupo de pessoas comum mas a compreender as experiências passadas da massa da população foram negligenciada pelos historiadores.

O romance YES fornece informações sobre as experiências políticas e sociais vividas pela população paraguaia em quatro momentos históricos: o primeiro se dá nos anos de Francia, no segundo momento a violência e nacionalismo é demonstrado no evento referente a guerra do Chaco em 1932, posteriormente os efeitos da Guerra Civil de 1947 se apresentam e por fim os fatos do governo estronista são discutidos no romance. Estes quatros períodos históricos tornam possível analisar a história do medo impregnado nessa sociedade e as formas de resistências e de sofrimento paraguaio.

Os cadernos particulares se localizam as margens do romance e tem função de demonstrar o personagem Yo (o indivíduo Francia, um ser humano, dotado de vícios e virtudes). No momento em que escreve nesses cadernos, despe-se do homem público: forte, racional, implacável e mítico e apresenta sua forma humana, sua figura individual. Nos momentos em que o caderno particular aparece no romance as opiniões ficcionais do personagem – indivíduo Francia deslocam o foco do enredo para sociedade paraguaia.

Nas *letras e nas vozes desconhecidas*, não devem ser entendidas como personagens, mas como recursos do escritor para contar uma nova história. Tanto *letra* quanto essa voz *desconhecida* aparecem no romance sem aviso prévio, aparentemente, como se estivessem fora do lugar, desviando a atenção do leitor do enredo principal. No entanto, estes recursos atuam como representações do excluídos da história oficial na qual o autor deseja dar visibilidade a suas vivências e dores.

A partir desse momento adentrar-se-á no mundo desconhecido pela história oficial e pelos manuais escolares, conhecer-se-á a história da gente comum, muda, invisível aos olhos do poder, ver-se-á a histórias construídas pelos marginalizados sociais. Vejamos um exemplo:

(No Caderno Particular)

Do outro lado do riacho Kará-Kará lavadeiras batem roupa nas margens. Rapazolas tomam banhos nus. Um deles olha para cá. Levanta o braço. Aponta para a Casa do

²⁰⁷ SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, p. 41, 1992

Governo. Umas das mulheres, benzendo-se. Lança-o água com um papirote [...] Há muito que não riem. Sabem bem menos que antes. O medo é maior.²⁰⁸

O trecho acima revela como a gente comum se relaciona com o poder: em primeiro lugar a vida segue tranquila até o aparecimento de Francia, visto como algo inatingível e distante do mundo cotidiano, nesse momento as feições mudam, pois a figura do governo é encarada como algo a se temer e se manter longe. O ato de benzer-se realizado pelas lavadeiras simboliza o apelo a Deus para protegê-las do mal que emana do poder de Francia. O aumento do medo em relação ao poder faz com que elas desejem desconhecer o que se passa na Casa do Governo. O medo entranhado nessa população comum impede que haja a resistência aos abusos de poder e o exercício da cidadania é nulo na sociedade paraguaia.

No trecho acima a relação entre poder e sociedade é relatada pelo ponto de vista do poder já no trecho que segue a letra desconhecida passa a questionar esse poder instituído. Ao não nomear essa crítica com personagens ficcionais ou históricos o autor estabeleceu posição mais ácida em relação ao poder

(Letra desconhecida: Acreditaste que deste modo aboliás o azar? Poder ter prisioneiros nas masmorras, quinhentos oligarcas traidores; até último dos antipatriotas e contrarrevoluções. Quase poderias afirmar que a Revolução está a salvo da conspiração [...] Escreve as duas leis anulando para a maior segurança. A única que revelam é a sua insegurança.²⁰⁹

Neste excerto o interlocutor interroga o poder sobre suas ações em relação aos seus inimigos, por mais que mandasse prender os traidores os anti-patriotas para eliminar a oposição, não é uma demonstração de poder mais sim de fraqueza do governo em questão. Essa letra desconhecida dialoga com a história do século XX, em especial, com as ações do regime estronista.

Ao se referir à eliminação de traidores o intelectual Roa Bastos faz uma alusão ao processo de perseguição aos opositores de Alfredo Stroessner dentro de seu próprio partido. Procurou desarticular os epifanistas, os guionistas e os democráticos²¹⁰ por meio da intriga para manter o controle da situação e tirar o melhor proveito delas. Após as desarticulações dos grupos nos anos 1950, a perseguição política caminha por outros rumos. De acordo com

²⁰⁸ YES, p 80-81

²⁰⁹ YES, p.90

²¹⁰ Os epifanistas eram colorados que estavam ligados a Figura de Epifanio Mendez de Fleitas constituídos de civis e militares. Os Guiones vinham de uma divisão do partido Colorado chamado Guion Rojo liderado por Natalicio Gonzales e por fim os democráticos configuraram uma ala mais moderada do partido.

Bernardo Farina,²¹¹ as chamadas purgas estronistas no Exército e no partido aconteciam de duas formas: a primeira seria o exílio e a segunda era os campos de concentração de Bahia Negra, Ingavi, Forte Olimpo e Pena Hermosa.

O trecho analisado faz referência às leis 209 e 294 que legitimam a perseguição e a tortura no país em nome da defesa da democracia. A lei 209 de 1970 denominada De Defensa de la Paz Pública y Libertad de las Personas regulamenta a perseguição de toda manifestação ideológica contrária ao regime. Já a Lei 294, de 1955, chamada Defensa de la Democracia, regulamenta a perseguição ao comunismo e a qualquer manifestação pública. Para o intelectual a promulgação das leis que aparentemente visam o bem estar do país, pois busca defendê-lo do comunismo e traz a Paz Pública, nada mais é do que um dispositivo do estronismo para manter-se no poder. A manutenção do regime por meio do aparato legal e da perseguição política demonstra a fragilidade da política paraguaia.

No trecho abaixo o intelectual demonstra a fragilidade do regime por meio das prisões e as diferenças sociais entre elas, naquele país lutar em favor da liberdade implicaria numa punição sub-humana. As prisões demonstram de forma clara que quem mandar e quem deve obedecer, e as diferenças de castigos para quem não concorda com o governo.

Em Assunção há dois tipos de prisões o cárcere público e a prisão do Estado. A primeira embora também mantenha alguns presos políticos, serve de lugar de detenção para outros condenadores e ao mesmo de penitenciária [...]

As prisões do Estado

Estas se acham em diferentes quartéis e consistem em pequenas celas sem janelas e em subterrâneos úmidos, onde não se pode estar de pé, senão sob a abóboda. Ali, os presos sofrem uma reclusão solitária, particularmente os designados como objeto da vingança do Ditador; os outros estão encerrados dois a quatro por cela. Todos estão sem comunicação e agrilhoados, com uma sentinela à vista.²¹²

²¹¹ BOCCIA PAZ, Alfredo, FARINA, Bernardo Neri. *El paraguay bajo el stronismo (1954-1989)*, n.13. Asunción Editorial El Lector, 2010, p.44.

²¹² YES, p.106

As divisões entre preso político e criminoso são bem definidas: ao preso político não cabe apenas ficar privado de seus direitos fundamentais como ir e vir, liberdade de expressão, a punição assume escala maiores. Já passa por processo de exclusão já no local onde ficará alojado que tem umidade, sem claridade e sem comunicação. O cárcere nesse caso se assemelha a uma tumba.

Não se lhes permite manter luz acesa, nem se ocupar de nada, Tendo conseguido um preso conhecido meu domesticar os ratos que visitavam sua prisão, perseguiu-os seu sentinela para matá-los. Cresce-lhes a barba, o cabelo e as unhas, sem poderem obter permissão para cortá-las. Não se permite a suas famílias enviar-lhes a comida, senão duas vezes por dia; e esta comida não deve compor-se de nada mais que alimentos reputados como os mais vis do país, carne e raízes de mandioca. Os soldados, que os recebem à entrada do quartel, revistam-nos com suas baionetas para ver se há dentro papéis ou algum instrumento, e muitas vezes os guardam para eles, ou os jogam por terra. Quando cai doente algum prisioneiro, não se lhe concede nenhum socorro.

O trecho acima se refere à punição que vai além do local da prisão e ocupa o espaço da alimentação que se mostra bem precária, com baixo nutrientes, composto de carne e mandioca. Se algum preso fica doente, o direito à vida é negado, pois o acesso à saúde é negligenciado. E mais uma vez fica muito claro que lutar pela liberdade é sinônimo de morte, ao ser pego pelo regime a morte será a única coisa que lhes restará diante das condições sub-humanas em que são destinadas ao inimigo do Estado.

Os trechos abaixo irão descrever o autoritarismo pela visão do perseguido, pelo homem comum e que vê essa forma de governo como humilhante e arbitrária. A presença do militarismo na sociedade paraguaia demonstra como as diferenças de *status* e os abusos de poder acontecem. Em nome do poder qualquer selvageria seria perdoada, pois só estava cumprindo as ordens ou defendendo a pátria.

Administrar era prender, sequestrar às vezes anonimamente fazendo recair sobre outros a suspeita do atropelo; condenar ou libertar segundo exigia, taxando a preço vil, o ódio ou o interesse. Falava-se de patriotismo. Sob este estudo tudo era permitido; podiam-se satisfazer todas as paixões, os crimes, todas as selvagerias²¹³.

Naquele tempo dos começos as coisas eram assim. As tropas quase em sua totalidade estavam compostas por gente demais ignorante, a pior do país. Assassinos, delinquentes reconhecidos tirados das prisões. Impunes, onipotentes sob o uniforme; acreditavam-se autorizados a insultar, a humilhar de mil maneiras os

²¹³ YES, p. 139

cidadãos mais pacíficos. Se um camponês esquecia-se de tirar o chapéu ao passar diante de um soldado, sovavam-no com o sabre. Depois inculparam-me por este indigno costume de saudação com chapéu, que em si mesma não é tanto um sinal de respeito ao superior como uma multidão. Decapitação simbólica do saudante. Nesta terra de vinte e quatro sóis o chapéu-piri faz parte do organismo da pessoa. Não houve modo de extirpar este hábito humilhante de nossos concidadãos defumados em seus imensos chapéus.

No trecho acima, o intelectual Roa Bastos analisa a presença do militarismo na sociedade paraguaia e sua formação para explicar os abusos de poder e inserção da função na personalidade do indivíduo. Para o intelectual, o excesso de soldados não faria do lugar algo mais seguro, mas sim mais violento e eram da pior espécie, entre eles assassinos, delinquentes. Como essas pessoas poderiam defender alguém? Pelo contrário, o uniforme daria autorização para humilhar e insultar o mais tranquilo dos cidadãos. O ato de não tirar o chapéu ao ver um soldado era motivo de punição. O paraguaio deveria sempre estar de chapéu para saudar a vaidade dos “defensores da pátria”. Esse aspecto demonstra o autoritarismo paraguaio e a longa presença dele nesse país, pois esse hábito humilhante não foi possível extirpar.

Prosseguindo na análise sobre a presença do autoritarismo no Paraguai, Roa Bastos exprime no trecho abaixo o relato sobre o comportamento dos oficiais.

Pior do que o comportamento das tropas, era a o dos oficiais. Sem o menor respeito por suas funções, por seu grau, metiam-se nas discussões dos paisanos acabando com elas a bala quando terminavam seus argumentos ou paciência. Como quase todos os oficiais e suboficiais eram parentes dos chefes da Junta ou dos quartéis principais, estes lhes toleravam as mais escandalosas iniquidades.²¹⁴

Se no baixo escalão do Exército o abuso de poder era frequente, o comportamento dos oficiais eram mais desumanos e autoritários que os soldados, a investidura da patente, os tornava mais impacientes e menos respeitosos por suas funções, pois não apaziguavam as discussões dos paisanos mais as deixavam mais violentas ao findá-las com tiros. Situações assim raramente eram punidas, logo, os oficiais eram parentes dos chefes da Junta ou dos quartéis e a justiça em favor do cidadão jamais acontecia.

²¹⁴ YES, p. 139

3. Crítica ao poder: muito além do ontem

Neste item analisar-se-á posição do intelectual em relação a maneira em que o poder autoritário e suas representações se colocaram na cena política paraguaia tanto no período Francia quanto no estronismo. Para tanto utilizar-se-á os conceitos de referente e referido formulado por Noé Jitrik²¹⁵ (1995) para compreender as relações de passado e presente. Neste caso o referente se constitui a história de Francia no século XIX e o referido se configuram a crítica ao governo estronista.

É preciso queimar o Tevegó! Correu a voz do povo. Ali vive o Mal! Aquilo é o inferno! Bem então, disse mensamente Laureano Benítez, o Irmão-Mor da confraria, se este santo pôde sair e voltar do inferno, parece-me que é preciso fazer um nicho para ele. Já o comissionado não tinha nem a altura do Senhor San Blas.²¹⁶

No trecho acima o intelectual faz referência a colônia penal de Tevegó, principal símbolo de repressão do período francista que foi construída no povoado de Tevegó, este espaço se configurou uma prisão política para os contrarrevolucionários. No entanto, fazer alusão ao Tevegó e a necessidade de destruí-la, pois o mal está ali simboliza a necessidade de livrar-se do autoritarismo e do sofrimento causado pela falta de liberdade. Esta passagem por ser vista como um diálogo com o governo estronista. De acordo com Rui Veiga,²¹⁷ há um paralelismo entre a colônia penal de Tevegó referente e o referido a San Salvador que se constituiu um campo de concentração do estronismo, essa ligação simbólica entre as duas prisões criou um mecanismo de crítica política. Citar Tevegó foi um recurso utilizado pelo intelectual para discutir a resistência ao regime, por isso a necessidade de destruição do símbolo do aparelho repressivo.

No trecho que segue, o intelectual Roa Bastos constrói Francia como um governante que se preocupa em fazer uma nação justa e igual, onde a lei funcionaria para todos igualmente para camponeses e criollos, teria posto fim a dominação caudilha oriunda da

²¹⁵ JITRIK, Noé. **Historia e Imaginación literaria: las posibilidades de un género**. Buenos Aires: Biblos, 1995.p.78.

²¹⁶ YES p. 23

²¹⁷ VEIGA, Rui. **Roa Bastos: a ditadura de Stroessner em Gaspar Francia..** *LLJournal*, Norteamérica, 1, abr. 2006. Disponible en: <<http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/lljournal/article/view/veiga/50>>.

propriedade privada e regulamentou a questão indígena no país ao celebrar os tratados com a populações nativas, chegou a entregar armas a estes para defesa de suas terras.

Redigi leis iguais para o pobre, para o rico. Fi-las contemplar sem contemplações. Para estabelecer leis justas suspendi as leis injustas. Para criar Direito suspendi os direitos que em três séculos funcionaram invariavelmente tortos nestas colônias. Liquidei a impropriedade da propriedade privada tornando-a propriedade coletiva, que é o certo. Acabei com a injusta dominação e exploração dos *criollos* sobre os naturais, a coisa mais natural do mundo posto que estes como tais tinham o direito da primogenitura sobre os orgulhosos e mesclados mancebos da terra. Celebrei tratados com povos indígenas. Provi-os de armas para que defendessem suas terras contra as depredações de tribos hostis. Mas também contive-os em seus limites naturais impedindo-os de cometerem os excessos que os próprios brancos tinham-lhes ensinado.²¹⁸

Esta construção literária de Francia apresenta uma dura crítica ao estronismo, pois as leis criadas pelo regime tornavam o país mais desigual tanto no campo político quanto no campo social. Na política, a cidadania estava atrelada ao pertencimento ao partido colorado e a liberdade de expressão fora ceifada. Já no campo social a desigualdade no campo foi aumentando nos anos 1970 com a chegada de brasileiros que compraram as terras mais férteis e desestruturaram as pequenas propriedades. Esse processo impossibilita o acesso do camponês paraguaio às terras, pois a posse das mesmas nesse momento apenas se dava pela compra ou pelo uso mediante pagamento de um imposto anual, chamado “permisso”. Quando a documentação não estava em ordem, os camponeses ficam à mercê de fiscais que utilizam de extorsão para obtenção de algum lucro ou até mesmo expulsam os trabalhadores rurais.

Os povos indígenas no estronismo tiveram seus direitos negligenciados e se tornam vítimas de práticas contra a condição humana como a servidão forçada, a transformação de crianças indígenas em criados e a esterilização de mulheres nativas para prevenir o nascimento de crianças.

O trecho analisado acima apresenta um projeto de futuro para o país que deve ser baseado na igualdade e na democracia e ao mesmo tempo é uma crítica ao presente, pois a situação do Paraguai durante o estronismo nada condiz com a imagem construída pelo intelectual paraguaio atribuída ao governo Francia.

²¹⁸ YES p, 37

O trecho abaixo discute a reflexão sobre o poder no Paraguai sobre a perspectiva de Francia que se nega a eleger um sucessor, pois considera que ele não se elegeu, mas sim os concidadãos o elegeram e deixa claro seu caráter supremo e seu despreço pela dinastia e a exaltação da soberania nacional que seria dada ao povo após a sua morte:

Não posso eleger um signatário, como o senhor diz. Não me elegi eu. Elegeu-me a maioria de nossos concidadãos. Eu mesmo não poderia eleger-me. Poderia alguém substituir-me na morte? Do mesmo modo que ninguém poderia substituir-me na vida. Ainda que tivesse um filho não poderia substituir-me, herdar-me. Minha dinastia começa e acaba em mim, em EU/ELE. A soberania, o poder, de que nos achamos investidos, voltarão ao povo a que pertencem de maneira imperecível[...]. Quero que se mantenham bem vestidos e alimentados a estes indiozinhos; os que são os melhores e mais disciplinados, por seu instinto natural pela música. Quero que seus instrumentos sejam tão brilhantes como os das dotações de brancos e pardos.²¹⁹

Estas discussões sobre o poder presentes nos devaneios de Francia se contrapõe ao exercício da sucessão presente no Paraguai da época em que Roa Bastos escrevia, que preza pela perpetuação do poder por meio dos mesmos grupos que dominaram a cena política ao longo do século XIX e XX: caudilhos, militares, proprietários de terras que em sua maioria se agruparam no partido Colorado e que detém o poder por mais de cem anos. No entanto, o processo de sucessão no poder é marcado por intensas disputas políticas no interior do partido levando a golpes de Estado. O poder como soberania popular na cena política paraguaia não passa de discursos políticos vazios.

Na sequência o intelectual analisa o discurso paternalista aliado à violência política para a manutenção da ordem no país. Para isso faz alusão ao Pelicano símbolo da Paixão de Cristo e da Eucaristia no ideário medieval, que se configura na imagem da auto imolação, da dedicação, do amor materno capaz de retirar carne do peito para dar a sua cria. No ideário cristão o Pelicano representa o sacrifício de Jesus Cristo para salvar os homens. No trecho abaixo quando EL Supremo deseja aproximar sua conduta política ao sacrifício do pelicano, o cachorro Sultán faz uso de uma crítica velada ao seu amor, pois de tanto amar mata seus filhos e utilizada argumentos cristãos para amenizar essa oposição dizendo que ao terceiro dia deve ressuscitar seus filhos como Deus fez com seu Filho Jesus.

Eu no Paraguai, o Supremo Pelicano? Héroe se interrompe, olha-me com indolência através de suas cataratas: Vossa Excelência ama tanto seus filhinhos como a pelicano-mãe; acaricia-os com tanto fervor que os mata. Esperemos que seu sangue de pelicano-pai os ressuscite no terceiro dia.

O poder na cena política paraguaia investe-se da inserção do ideário católico nos discursos políticos como forma de criar empatia entre população católica e governo.

²¹⁹ YES p. 109

Aproxima assim o representante político a Deus como forma de manter a ordem e a Obediência, caso isso não ocorra, em nome da Pátria, mortes e assassinatos serão consentidos, excluído de qualquer culpa ou punição.

No trecho abaixo o intelectual faz menção ao contrabando e ao tráfico de influência que ao fim e ao cabo eram utilizados para atingir a ostentação política e existiam e denota a existência de tais práticas tanto na época de Francia como na de Stroessner.

Traficavam com tudo para fazerem frente aos gastos que demandavam paixão desmedida pela ostentação, agora que além de milicos eram governo. Assim pois, para satisfazerem esta ridícula mania, davam liberdade a presos do Estado recebendo grandes somas por estas prevaricações. Como eles mal sabiam que coisa era Independência nacional, Liberdade civil ou política, permitiam que seus subalternos cometessem por todas as partes mil atos arbitrários. Particularmente no campo, principal teatro de suas violências.²²⁰

O intelectual Roa Bastos expõe sua opinião sobre essa situação presente no governo estronista a caracterizando como uma ridícula mania do militares e ressalta a má interpretação da aplicação do conceito Independência Nacional, liberdade política ou civil que traz benefícios àqueles que estão próximos ao poder criando situações de abusos e atos de violência e arbitrariedades.

Em outro trecho o intelectual continua a fazer sua crítica política que extrapola o contexto estronista, pois questiona aplicação errada do conceito de liberdade e mesmo da democracia no Paraguai.

De outro modo, a liberdade pela qual temos feito. Estamos fazendo e continuaremos a fazer os maiores sacrifícios, irá degradingolar em desenfreada licenciosidade, que a tudo reduziria em confusão num campo de discórdias, de balbúrdias. Teatro de estragos, de prantos, dos mais horrendos crimes, como até agora estão ocorrendo, de modo tal que pareceu ser a violência dos de cima contra os de baixo o único norte dos poderosos²²¹.

A seguir a reflexão do personagem Francia não deixa de ser uma crítica a conduta dos militares tanto no passado como no presente com relação as classes mais populares. Ao mesmo tempo segundo minha opinião é também a voz do escritor.

Não podemos obrigar nossos concidadãos a dormirem sobre um rio. Os senhores apenas, como oficiais do Quartel, nomeados pela Junta, recebendo soldo dela com dinheiros do país, não são o povo. São exatamente o contra-povo ao agirem assim.

²²⁰ YES, p. 138.

²²¹ YES, p. 142.

Por sua própria profissão de militares devem ser os primeiros a dar exemplo de fidelidade ao cumprimento de seus deveres; de respeito à dignidade da Junta; de decoro para com os cidadãos; à proteção dos mais inermes, ignorantes e humildes aos quais se ensinou a receber os atropelos como bênção de Deus²²².

A crítica ao poder se coloca no romance ao apresentar o referente Francia como um extremo defensor da soberania e da Independência do país e relegar as Forças Armadas o dever de manter o bom regime e a tranquilidade, ao contrário do acontecia com o regime estronista que não atribuí as Forças Armadas apenas o papel de defensor da ordem, mas dá ao militares grande poder sobre o cidadão comum por meio da instituição da violência e do medo sistêmico. Em vez proteger, as Forças Armadas irão violar os direitos e a sociedade civil paraguaia.

Eu estou inteiramente à disposição para o serviço ao Governo, ao país, à causa de sua soberania e de sua independência, sempre que as forças armadas se reduzam a uma exata disciplina que exigem a tranquilidade, a unidade, o bom regime e a defesa de nossa Nação.²²³

Ao longo do romance *Yo, El Supremo* (1974) o intelectual Roa Bastos discutiu temas centrais do Paraguai de sua época, como já falamos a violência, a falta de liberdade e o abuso de poder político por meio das reflexões feitas pelo personagem Francia. No trecho abaixo apresenta uma solução para o fim do autoritarismo no país a Revolução. Este tema era a única saída que muitos intelectuais latino-americanos viam para seus países. A nosso ver não era diferente para Roa Bastos.

A Revolução não pode esperar nenhum apoio de um exército contrarrevolucionário. Não há entendimento nem pacto possível com este exército de pecuaristas-ganadeiros, de mercenários uniformizados, sempre dispostos a impor apenas seus interesses. Não podemos exigir nem mendigar a tais milícias que se ponham a serviço da Revolução. Tarde ou cedo acabarão por destruí-la. Toda verdadeira Revolução cria seu exército, posto que ela mesma é o povo em armas. Sem seus próprios esporões os melhores galos acabam capões. E já se sabe, do galo mais hábil, podemos tirar um capão, porém de um capão não podemos tirar nenhum galo, salvo um falsete.²²⁴

A análise do romance *Yo, El Supremo* (1974) por meio de seus labirintos permitiu compreender que o trabalho ficcional de Roa Bastos ultrapassou as barreiras do texto e se configurou um tratado histórico sociológico do Paraguai. Por um lado o livro mapeia as

²²² Idem

²²³ YES, p.142.

²²⁴ idem

principais interpretações da historiografia paraguaia sobre o personagem José Gaspar Rodríguez de Francia, insere elementos históricos de acontecimentos como a Guerra do Chaco (1932-1935) e o Governo de Alfredo Stroessner (1954-1989). Por outro lado o seu aspecto sociológico é demonstrando análise da gênese da violência, do autoritarismo presente no contexto político paraguaio da época do autor. Além disso, os labirintos presentes na biografia romanceada de Francia escondem uma crítica direta ao poder político no Paraguai, assim demonstrou-se que o romance redigido em pleno anos de autoritarismo se configurou como o espaço de expressar uma oposição e mesmo de sonhar saídas para o país frente ao seu tempo.

A partir daqui com os labirintos percorridos, a perseguição dos indícios muda de foco, saídas dos alicerces da sociedade paraguaia e adentrar aos porões do presente, ou melhor, as covas do passado recente.

III

EL FISCAL: UM ROMANCE PARA NÃO FECHAR FERIDAS

A década de 1990 chega ao Paraguai soprando ventos de mudança, o tiranossauro caiu, Alfredo Stroessner não está mais entre nós, após sua caída recebeu asilo do Brasil. O seu calabouço foi aberto, após um “soplón” delatar sua localização em troca de algum benefício mesquinho e assim os horrores dos anos de terror vieram a público escancarar feridas que a nação paraguaia guardou em segredo por 35 anos de estronismo.

Os tempos na política ainda são incertos, pois o tiranossauro caiu, mas o coloradismo impera, mesmo assim, é tempo de trazer os filhos da pátria que estão no exílio, de enterrar dignamente aqueles que lutaram pela liberdade e foram acusados de perturbadores da ordem, subversivos e inimigos da pátria. É a hora das mães e esposas chorarem suas perdas e pedir justiça. É hora de juntar os cacos e pensar no novo, de sonhar um novo país, um novo tempo em que seja possível ser livre, não ter medo de pensar e exprimir suas opiniões, fazer uso dos seus direitos políticos, degustar a democracia e realmente ser um cidadão com plenos direitos e deveres. Nessa tarefa o presente impele perguntas que a sociedade paraguaia se faz: Que país queremos? Quem somos? Queremos justiça? Os culpados pelos horrores do estronismo devem pagar seus crimes? O que deve ser lembrado dos anos de horror? O que deve ser deixado para trás? O que devemos contar para as novas gerações sobre o Tiranossauro? Quem poderá pensar o Novo Paraguai?

A caída de Alfredo Stroessner e o apoio do então presidente André Rodriguez aos apelos da sociedade civil que ansiava saber o que foi feito com os desaparecidos, deu início a medidas que levaram a melhorias em relação aos direitos humanos. Rodriguez em outubro de 1989 firmou a *Convenção contra a Tortura e Outros Tratados ou Penas Cruéis ou Degradantes das Nações Unidas*. Aboliu as leis antissubversivas 209 e 204 do Código Penal que cerceavam a liberdade e justificava a prisão indiscriminada de pessoas. Criou-se uma comissão de investigação bicameral sobre violações dos Direitos Humanos e criou a Comissão de Direitos Humanos do Congresso para supervisionar as investigações judiciais.

Essa lei criou o Fiscal Geral do Estado que tinha por função prosseguir e iniciar todos os julgamentos e nas quais se denunciavam eventos de tortura.

No campo político, as leis antissubversivas já não vigoram, o governo firma tratado para a defesa dos direitos humanos e as investigações sobre os mortos e desaparecidos políticos iniciam com o auxílio do Estado.

Já no campo da cultura a caída de Alfredo Stroessner gerou uma produção literária que assumi várias vertentes em especial toda uma gama de textos que procura discutir o passado recente. Podem-se elencar quatro tipos o primeiro reside na ficção política – cuja atenção preferencial é dedicada a recriação ficcional dos acontecimentos políticos do passado. O segundo tipo o romance de jornal, tornou-se o gênero popular e de grande sucesso sendo o mais vendido, adquire status de depoimento ou testemunhal. O terceiro tipo se constitui como uma literatura desmistificadora da figura do ditador. O quarto tipo podemos denominar como romance de transição²²⁵, com o qual os literatos procuram desmascarar figuras públicas que pertenceram ao regime e que se manteve na política já em período democrático. Todos estes gêneros literários deste momento histórico têm uma característica em comum: se concentram na ficcionalização e no depoimento que narra às vicissitudes do país.

Esta literatura pós estronismo reflete um sentimento comum dos intelectuais paraguaios durante a transição política: que no primeiro momento veem a democracia com esperança após a queda de Stroessner, no entanto, demonstram-se frustrados e céticos com a condução da democracia durante o processo de transição, pois não conseguem resolver os problemas comuns de cidadania.

O romance *El Fiscal* é um reflexo da transição política em que vive o país, pois tenta desmistificar o lado heroico da ditadura estronista e ao mesmo tempo contar o paradeiro dos desaparecidos políticos, assim como a Comissão de Verdade e Justiça, bem como e rememorar os heróis lutaram pela liberdade do país.

²²⁵ De acordo com Vicente Peiró Barco o uso da história na literatura não é exclusiva do período democrático, pois desde o final da Guerra do Paraguai a história tem ocupado um grande plano e tem sido tema de discussão perene na cultura paraguaia nunca houve limites claros entre a história e a literatura em grande parte pela falta de uma tradição historiográfica científica no país.

1. Estudo do romance

Ao pensar este romance sob a luz do texto e contexto percebe-se que a obra propicia inúmeras de indagações desde a primeira página. A partir do próprio título *El Fiscal* uma questão se coloca: O que é para ser revisto, fiscalizar para quem? Essa questão poderá ser respondida considerando duas variáveis: a primeira está relacionada com o contexto de transição política do regime paraguaio e no movimento das autoridades políticas e da organização da sociedade civil para averiguar os desaparecidos políticos e apurar os crimes do regime. Nesse processo surge os fiscais das comissões de direitos humanos conjuntamente aos fiscais do governo paraguaio para abrir as tumbas lacradas pelo estronismo. O segundo fator diz respeito a própria literatura e as opções estéticas do período, marcada pela ficção política e pela opção de um gênero que é o que denominamos literatura desmistificadora da história.

O título *El fiscal* nos dá a possibilidade de pensar uma dupla interpretação desta produção literária: a primeira atua no campo político, pois o romance representa o compromisso do escritor ao construir um texto literário que tem como função fiscalizar o passado recente para desmitificar o período estronista. A segunda atua no campo da memória histórica que visa reconduzir a história nacional aqueles homens e mulheres comuns que lutaram pela liberdade e foram taxados de subversivos pelo regime de Alfredo Stroessner.

Ao compor o romance em duas partes: a primeira voltada para a vida de Felix Moral no exílio em terras francesas e a segunda de descrever a passagem do mesmo personagem em terras paraguaias com o objetivo de assassinar Alfredo Stroessner, o romancista constrói o enredo como se fosse três espelhos paralelos, que se assemelham a retábulos unidos pelo contexto histórico do estronismo. Na primeira parte do livro, ou melhor, o primeiro espelho, Roa Bastos demonstra os efeitos do estronismo sobre o paraguaio exilado e na segunda parte (segundo espelho), ao dissecar o regime estronista, ele demonstra a história que muitos paraguaios não viram. E no terceiro espelho está a opinião de um estrangeiro no personagem da esposa de Félix Moral, Jimena, que escreve a mãe de Félix relatando sua morte como forma de prestar contas ao passado descrevendo o que o regime fez com ele.

Esse jogo de espelho denota um relato do regime sobre três olhares: o do filho da pátria que foi expulso e buscou religar-se ao país pela resistência, o olhar interno que visa entender como o regime funciona e por fim um olhar estrangeiro. Estas três abordagens possuem como objetivo em comum entender esse período a partir de várias perspectivas. Essa organização expressa a visão de história construída pelo romancista que prima por uma

história polissêmica, constituída de várias interpretações, em especial, construída pelos exilados políticos.

Este romance tem um compromisso com a construção de uma história do regime stronista em tempos democrático a partir do relato ficcional que traz à baila uma memória clandestina vividas nos porões do stronismo que em tempos democráticos clamam para dizer o que foi vivido. Nesse momento o conflito se instala entre a memória oficial construída pelo regime, justificada pelo discurso paternalista empreendido tanto por Stroessner como pelos governantes que o substituíram e a memória dos “inimigos do regime” da oposição que desejam descrever suas experiências na história nacional quebrando tabus e exigindo uma revisão autocrítica da história.

Rememorar o passado doloroso significa impor resistência ao que foi dito e exprimir a contraviolência, falar das amarguras e angústias do passado para que esse período não caísse no esquecimento.

2. Abrindo Feridas: efeitos da ditadura

Na primeira parte do romance, o escritor busca discutir os efeitos da ditadura Stroessner sobre os paraguaios que se encontravam no exílio e como essa vivência altera a visão de mundo. Cabe salientar que embora o romancista discuta esse tema sob a figura de um intelectual paraguaio exilado na França, este romance não se trata de uma autobiografia, mas de instrumento de reflexão sobre a realidade e a história paraguaia.

O livro *El Fiscal*, não se trata de um diário íntimo, e nem uma biografia, mas sim contém experiências humanas que vieram à tona em momentos de tensões emotivas e que se expressaram no falar de um intelectual que deseja expurgar um sonho ruim. Este romance emana a tentativa de livrar-se dos pesadelos trazidos do stronismo.

La Ciudad Luz está ahí con su aureola de belleza eterna. La aborrezco porque me fascina. Es una cuestión personal; nada tiene que ver con la gratitud y simpatía que siento hacia el país. En Francia, el extranjero, el apátrida que fui – como otros millones de advenedizos- volvió a nacer ciudadano de una república, orgullo del mundo occidental²²⁶

Neste trecho, o personagem apresenta um duplo sentimento frente à terra estrangeira, o primeiro de gratidão por ter sido recebido em outro país e poder ser um cidadão, mas não se esquece da sua condição de estrangeiro, ou melhor, apátrida.

²²⁶ E.F, p.14

Nas páginas seguintes a crítica aos efeitos do exílio é realizada com mais veemência por Felix Moral, essa crítica não se dirige apenas ao exílio paraguaio, mas ao exílio em massa produzido pelo século XX. Para ele o exílio é uma doença que se alastra e destrói corpo e espírito e quando é de caráter político aumenta seus efeitos sobre os indivíduos, pois impede o exercício da cidadania, destrói referências pessoais e afetivas. Para combater esses efeitos o exílio cria um sentimento de união entre os exilados.

El exilio es el mayor destructor de almas – me escribió en los primeros tiempos, para confortarme, mi abuelo Ezequiel Gaspar. Cualquier clase de exilio, la une de quien se va a la esquina a comprar cigarrillos y no vuelve nunca más como si el mismo se hubiera desvanecido en humo. Y el exilio político, aun el de los que no hacen política, como usted, es el peor de todos
El exilio, efectivamente, es la peor de las enfermedades que pueden atacar a un ser humano. El contacto con otros apestados no hace más que agravarla. No es sólo la consunción del cuerpo y del espíritu.²²⁷

Em seguida o personagem Felix Moral explana os efeitos da ditadura estronista no paraguaio e constrói uma visão negativa do regime evidenciando seu caráter autoritário, cruel, e que, por meio do medo, conseguiu subjugar toda uma população e criar um país sitiado, incapaz de reagir não só pelo terror instalado. No trecho abaixo mostra que a resistência existiu, mas a sagacidade e novas estratégias do regime impedem que qualquer tentativa de assassinar o ditador fosse bem sucedida .

Pienso en mi país, sitiado masacrado. Tiene que producirse ese acto único e irrepetible por el que un individuo o un pueblo se rediman del poder inhumano que lo sojuzga.... El tiranosaurio no volará por los aires. He estudiado en detalle los planes del casi centenar de conspiraciones y atentados fallidos que lleva en su haber, y he sacado la conclusión de que el error principal de todos ellos ha sido emplear los métodos rutinarios ya inútiles: las balas, las granadas de mano, los túneles subterráneos bajo el palacio de gobierno o al paso de su itinerario cotidiano; los aviones en picada sobre los palcos oficiales durante los desfiles de las fiestas patrias; los coches-bombas; los francotiradores de elite apostados en los techos al paso de la caravana presidencial. Todo esto sin contar que en auto blindado del tirano viaja siempre un sosia convenientemente camuflado, rutilante de estrellas y condecoraciones, mientras él se escapa en un coche común, vestido de paisano, por vericuetos distintos, rastrillados todos los días por las fuerzas de seguridad y vigilados por cuadrillas enteras de supuesto peones vialidad pero que en realidad son informantes de la policía.²²⁸

A ditadura estronista criou uma atmosfera de medo e ao mesmo tempo criou uma sociedade delatora que faz uso de qualquer informação para tirar proveito do regime e conseguir privilégio. Os delatores do regime era chamados de “soplón” que atuavam como

²²⁷ E.F, p.15-18. O termo apestados é um neologismo utilizado pelo autor para designar pestilentos ou indivíduos com peste.

²²⁸ E.F, p.59.

informantes e alimentavam a repressão do regime. Em Assunção, o espaço desta polícia repressiva era conhecido como *La Técnica* e outro local importante da repressão eram as seccionais do partido colorado que ficavam no bairro periférico Chacarita. No trecho a seguir se descreve o papel da repressão e o discurso contra a resistência ao regime que caracterizara os opositores como bandidos.

En la Chacarita, en casa de su madre, cerca de mi casa. Ha sido un gran triunfo de las fuerzas de seguridad – se fue exaltando-, a estos bandidos hay que quemarlos a todos!²²⁹

Mais adiante, o exilado Felix se debate na dualidade de sua condição de apátrida que por um lado reluta para se desvincular dos laços que o une a pátria natal. Pois não deseja fazer mais parte de um espaço que agora é dominado por uma sociedade acometida pelo esquecimento, doente em razão do ambiente repressivo que inibe os mecanismos de reação e defesa e cria delírios coletivos.

Estoy tratando de no ceder a esos pequeños tics de comportamiento, propios de una comunidad gregaria deformada, degradada, en su vieja forma de ser. Ellos forman una especie de atávico mimetismo que ya no dominio o que ya no me domina. Igual cosa me ocurre con los giros expresivos de la lengua natal, pero sobre todo con el horrendo dialecto yopará derivado de ella, que parece el habla idiota de la senilidad colectiva, el ñe'e tavy del debil mental, de una sociedad enferma, atacada masivamente por el síndrome de alzheimer. Este demostró que la demencia senil colectiva (un fenómeno de inmunodeficiencia nerviosa parienta del Sida) se debe a la degeneración de ciertos sistemas neurotransmisores. La presión de factores represivos del ambiente físico y psico-social bloquea e inhibe los mecanismos de reacción y de defensa del sistema nervioso. Deja de funcionar la sinapsis neuronal, que descubrió el aragonés Ramón y Cajal. El elemento patológico desencadenante del síndrome es la acetilcolina (llamada toxina de la angustia y del miedo), capaz de generar una especie muy extraña de cáncer de los nervios. Su síntoma principal son los delirios colectivos. No es esto lo que está pasando aquí²³⁰

Os efeitos do regime estronista apresentado pelo personagem configuram-se não apenas no campo políticos oriundo da falta dos direitos civis, seguem como tentáculos de um povo que abarca o espaço político, mas se estende a esfera privada atuando no individuo em seu estado mais íntimo a psique, que desencadeia efeitos físicos como o chamado câncer do nervos. Este termo inserido no romance faz menção ao caráter devastador e de alastramento de um esquecimento coletivo que irá afetar as mais profundas camadas da sociedade paraguaia muito além do físico.

O exílio no romance é o eixo central para compreendermos os efeitos indiretos do regime. O exílio representado em *El Fiscal* deve ser visto além da construção literária, mas

²²⁹ E.F,p.276

²³⁰ E.F,p 280

sim uma posição clara do intelectual Roa Bastos sobre esse período. Pensar a influência do exílio em Roa Bastos vai além da representação de um aspecto do estronismo, mas numa transformação de visão de mundo.

Rui Veiga²³¹ analisa a influência do exílio na obra de Roa Bastos e afirma que esta experiência é como uma forma de violência política, que mantém o desterrado flutuando entre dois mundos: o da realidade diária em seu país de destino e do banzo permanente criado pela terra distante. No entanto, trata-se de um processo com dupla face. Uma delas é a da nostalgia mencionada. A segunda face é sintetizada por Roa Bastos da seguinte maneira: com o tempo, o exílio deve ser visto e pensado como uma ampliação do mundo, uma maneira do desterrado não se sentir só, de ver como se apagam as fronteiras entre países e como o mundo fica mais amplo. Tanto no sentido espacial como temporal

Ao longo do romance o intelectual vai pontuando as relações do exilado com a sua terra. Num primeiro momento discute o desejo de voltar a pátria natal e a necessidade de negar sua identidade tanto em seu país como no que o recebe. É preciso reinventar-se, ter outra vida, mesmo sem querê-la

La obsesión de todo exiliado el volver. No puedo regresar con la cara del proscrito. He tenido pues que adoptar un nombre seudónimo y un corpo seudónimo que tornara irreconocible el propio, no digo el verdadero porque ésa ya tampoco existe. Puede uno inventarse otra forma de vida, pero no disfrazarse de otro para seguir siendo el mismo²³²

Nesta vida inventada lutando para negar a identidade, se busca conforto na literatura, no que se escreve, em tentar encontrar um lugar no mundo, esse lugar se coloca entre a pena e o papel. É na pena e papel que o exílio se corporifica e escancara suas mazelas e seus efeitos. No trecho abaixo o intelectual apresenta as etapas do exílio que leva o indivíduo a envelhecer, esquecer sua língua e não se reconhecer no local de origem, não ter memória.

Me confronto con estas sombras del pasado y me descubro repentinamente más envejecido que ellos despojados de ese tiempo al parecer sin límites que me sobraba en el exilio. Yo que perdí en el extranjero mi lengua, mi aspecto físico y mi modo de ser, no me reconozco en esta gente. No reconozco la ciudad que me fui muy amada en la juventud. Mi vida que gustó aquí del sol y de la luna, se parece a algo que no ha sucedido²³³.

²³¹ VEIGA, Rui. Roa Bastos: a ditadura de Stroessner em Gaspar Francia. **LL Journal**, Norteamérica, 1, abr. 2006, p.152 Disponible en: <<http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/lljournal/article/view/veiga/50>>.

²³² E.F, p.338.

²³³ E.F, p. 339.

O exílio se impõe ao indivíduo como uma luta diária entre esquecer e lembrar, ficar e fugir, se por um lado a vivência em outro espaço leva a esquecer um pouco das referências pátrias, lembranças mescladas entre alegria e tristeza. No trecho abaixo o intelectual aponta o rodamoinho que vive os sentimentos do exilado.

Noto mientras te escribo no se si con alegría o con tristeza que se me esta borrando la lengua del exilio injertada a lo largo de tantos años en la lengua natal. Pero ésta no reaparece. La lengua es el último refugio de los fugitivos pero es también lo primero que pierden. Mi estilo se me va pareciendo cada vez menos. Me enfrenta e me contradice negándome pero todavía me incluye. Tu recuperaras en la lectura lo que falta de mi.

Desde el exterior oigo que sube en oleadas una música de harpas extrañamente agigantadas. El comité de la recepción está tirando la casa por la ventana. Un conjunto de más de un centenar de tocadores de arpa, ataviadas del blanco typoi popular, ubicadas en las escalinatas de la explanada, nos trae el saludo de la clásica serenata.²³⁴

Estas reflexões sobre o exílio mesclam questões pessoais e políticas na medida em que discutem tanto a perda de identidade do exilado (a perda lingua natal é talvez o principal exemplo) com o medo do retorno e de uma não adaptação a nova sociedade.

3. Adentrando o covil do estronismo.

O romance *El Fiscal* constitui-se uma fonte de informação valiosa sobre o estronismo considerando que é uma escrita contemporânea à abertura dos arquivos da ditadura paraguaia, muitas informações contidas neste livro irão ser ratificadas pelos trabalhos posteriores de Boccia Paz, Rosa Palau e Bernardo Farina que tiveram como fonte os arquivos do terror e posteriormente publicada em seus livros a partir de 2001. Ao longo da pesquisa uma pergunta se pôs em pauta como. O romancista sabia a fundo o funcionamento do regime estando tanto tempo fora? Como sabemos que a publicação deste romance aconteceu quando ele ainda esta em terras francesas. Será que ele foi mais um torturado pelo regime? Daí o conhecimento íntimo dos porões da ditadura. Ou o autor conseguiu informações com outros exilados que passaram pela prisão e tortura?

Essas questões ficaram sem respostas até o presente momento, não foram encontradas informações concretas sobre uma possível seção de tortura a Roa Bastos. No entanto, para elucidar a análise da obra devemos pensar a visão construída pelo romancista por um viés

²³⁴ E.F,p. 339

mais amplo, pois falar do estronismo e de exorcizar seus demônios nessa história política ajuda também a pensar o autoritarismo latino americano.

A seguir demonstraremos como o romance mapeou o funcionamento do regime estronista a partir do seu aparato de repressão, da organização das redes de informações e nas peculiaridades dos sistemas que irá se diferir das demais ditaduras do Cone Sul.

Neste momento adentraremos no funcionamento da máquina que “comia gente”, a temida *La Técnica* e seus abutres a partir de trechos que relatam a volta de Feliz e sua mulher ao Paraguai para assassinar o ditador:

Las dos veces que intentamos con Jimena entrar clandestinamente en Asunción nos expulsaron. El famoso comisario Cantero, el más temible de los sabuesos de la Secreta, dirigió el operativo de expulsión. Nos auscultaron todo el tiempo con su olfato sanguinario de perro de presa. Consultaba el rollo del prontuario policial que pedía de tanto e tanto a uno de sus esbirros. Las impresiones dactilares no dieron ningún resultado. No me reconoció. “Este es un gringo pata sucia”. Y soltó una expresión soez, que para nosotros resultó liberadora. Fue una prueba difícil pero útil. Nos hicieron desnudar en la comisaría y nos revisaron de arriba abajo sin ahorrarle a Jimena el ultraje de hurgarle el ano y los genitales en busca de algún mensaje secreto. Yo llevaba en el ombligo la cápsula de cianuro para casos extremos. Fue el único lugar que no se les ocurrió revisar. Nos dejaron partir. Otros no tuvieron esa suerte. Simplemente fueron empaquetados y enterrados vivos en cualquier lugar. El Paraguay está cribado, trufado, de tumbas sin nombre, de desaparecidos, de fantasmas errantes. Durante la Guerra grande el éxodo de los vencidos enterraba sus tesoros. Ahora se entierran los huesos de los torturados. Los fuegos fatuos continúan zigzagueando por encima de las sepulturas. Esos destellos fosfóricos balizan los lugares que nadie se animaría a remover²³⁵.

O trecho acima faz uma alusão aos trabalhos da Direção Nacional de Assuntos Técnicos, mas conhecida com *La Técnica*, um dos departamentos policiais mais temidos. Este departamento ficava subordinado ao Ministério do Interior.

Este aparato de repressão foi organizado pelo coronel norte americano Robert Thierry em 1957 e inicialmente funcionava como um laboratório de monitoramento dos opositores e aos poucos se tornou uma máquina de matar. Foram responsáveis por este departamento ao longo da ditadura figuras como o doutor Antonio Campus Alum que tinha pouca visibilidade política; em seguida Pastor Coronel foi o responsável pela forte repressão na década de 1970 E responsável pela reorganização do departamento de Investigação. Posteriormente Edgar Ynsfrán tornou-se a autoridade de *La Técnica* assim como seu braço direito Ramon Duarte Vera teria carta branca para os excessos em nome da segurança nacional.

O romancista descreve as formas de torturas empreendidas pela *Técnica* que consistia em uma revista de cima a abaixo levando ao constrangimento e a violação corporal da

²³⁵ EF.p.65

companheira de Felix, pois buscavam provas em suas partes íntimas. A *Técnica* podia ser mais cruel, poderia empacotar pessoas e jogá-los no rio por meio do voos da morte ou simplesmente enterrá-los vivos. Esses procedimentos fizeram do solo paraguaio, um receptáculo de horrores que até a caída do estronismo ninguém ousou abrir. A repressão ia além dos inimigos de Estados, a vida religiosa também estava sob a vigilância dos espiões de Alfredo Stroessner. Neste trecho o romancista demonstra como o cidadão comum estava a mercê da dominação.

Siempre tuve la sensación de que el tiempo en el Paraguay es inmóvil, el tiempo de la fijeza, el tiempo petrificado seco vacío, fósil. Y que lo que se mueve en esa isla rodeada de tierra es la gente en incesantes peregrinaciones, en éxodo de nunca acabar. El tiempo quieto, inexistente. Sólo la multitud silenciosa de espectros camina noche y día en busca del alimento de horror. Una gran palpitación popular, herida de muerte, pero que continúa avanzando arrastrándose de rodillas hacia alguna crucifixión ya preparada, ya ejecutada, o que está por ejecutar-se en los grandes anfiteatros selváticos. Las dos veces que llegamos con Jimena al Paraguay esas peregrinaciones se nos antojaron detenidas, ancladas en un pavor malsano. Estaban prohibidas las procesiones y romerías religiosas, las manifestaciones políticas, salvo naturalmente del partido del poder. Se reprimían con toda violencia las migraciones internas del campo a la ciudad en busca de trabajo, de comida. Las aglomeraciones eran dispersadas con el asalto de los carros anti motín. El alud humano era rechazado a través de bretes de alambradas de púas. Bretes interminables como los que se usan para cargar el ganado en los vagones rumbo a los mataderos.²³⁶

O estronismo interferiu diretamente na cultura e na mentalidade paraguaia, crer em Deus e celebrar sua presença em romarias e procissões, agora se tornou um pecado, o único Deus a ser louvado seria Alfredo Stroessner e as procissões permitidas eram apenas em honra ou seu nome. O medo imposto por esse deus transformou o país em uma nação de mortos vivos, a população viviam na miséria, sobreviviam a duras penas, driblando a fome e a pobreza, se viam na cidade sua única chance de sobrevivência, no entanto, eram impedidos de migrar para a cidade em busca de melhores condições de vida , e não haveria outra saída, pois as terras teriam mais donos agora: os brasileiros e os grandes proprietários de terras paraguaios .

Os aplausos e adoração cabiam ao ditador e o sofrimento cabia aos pobres que sofreram em silêncio em seus devidos lugares, e aqueles que ousam romper com a rotina a *La Técnica* cuidaria para “aliviar seu sofrimento”.

²³⁶ E.F,p.66

Poguasus termo guaraní para denominar pessoa grossa, mal educada.

As condições no campo se agravavam e a insatisfação aumentava levando as ligas camponesas e as comunidades agrárias cristãs a se opor ao regime, mas “el Rúbio”²³⁷ mostrará a sua força. No trecho abaixo Roa Bastos apresenta as formas de violência no campo que atingem homens, mulheres e crianças sem a menor piedade.

Ahora los arribeños llegan con uniforme, con fusiles y armas de todo calibre. Ahora los arribeños son violadores. Llegan borrachos y gritando. Vienen de ametrallar a los campesinos sin tierra que se han metido de contrabando en los terrenos grandes de los poguasus llegan, buscan y arrastran a las mujeres jóvenes, Entonces no hay más remedio que dejar que ellos hagan lo que quieran. A veces pasa un batallón entero sobre los cuerpos de las mujeres más jóvenes. No se salvam ni las criaturas.²³⁸

Além de formar um aparato repressivo eficiente que mina qualquer organização de resistência, o governo estronista forma uma rede de clientes que o mantém no poder e assalta os cofres públicos. Roa Bastos analisa de forma contundente essa organização do poder:

Trato en vano de otear las altas palmeras, enanas aún por la altura, las viejas quintas, los caseríos de extramuros. En uno de ellos en medio de la franja boscosa de Villa. Morra, se hallaban las casas del clan familiar. En aquella zona de quintas y chacras de principios de siglo se yerguen ahora las fastuosas mansiones de la nueva oligarquía. Hay algunas residencias calcadas sobre el modelo del palacio de gobierno y hasta sobre los castillos del Loira. Los nuevos ricos, jerarcas y funcionarios del poder, remontados por la tromba del contrabando, de los grandes negociados, han reemplazado a los antiguos terratenientes de las doce tribus del patriciado. Y la cosa sólo ha cambiado para empeorar.²³⁹

También viaja la ruidosa tribu local. Vuelve de sus dorados viajes de turismo por diversos países del mundo. Ricachones autóctonos, jerarcas y altos funcionarios del régimen leen los periódicos o conversan entre ellos disparando sus voces como tiros.²⁴⁰

A base aliada de Stroessner é formada por ricos paraguaios, donos de terras, altos funcionários do governo e hierarcas que enriquecem à custa do contrabando e exibem sua posição social em suas mansões em bairros nobres da capital Assunção.

Diante dessa ostentação dos partidários do regime, o romancista apresenta um contra argumento a essa situação e desmitifica a ilusão que o regime traria benefícios a todos e analisa de forma concisa as razões que levaram o país a aceitar uma situação dessas. A sociedade paraguaia que tem necessidade desse poder e que deseja a escravidão, pois não sabe o que é ser livre.

²³⁷ El Rúbio(o loiro), el alemán(o alemão) são apelidos dados a Stroessner no romance e na cena política paraguaia.

²³⁸ E.F, p.70.

²³⁹ E.F,p.218

²⁴⁰ E.F,p.232

Hay también el placer de la impostura. Hay una embriagadora felicidad en la idea de que se miente y se embauca para su bien a toda una sociedad habituada a ser engañada y subyugada para su mal. En el fondo del alma colectiva existe larvada la necesidad de este engaño. Disfruta y se consuela con las infamias más execrables que se cometen contra ella. Lo que también justifica su miedo que es la única forma de conciencia pública que existe en un país aplastado por la tiranía, degradado por la miseria, por siglos de sufrimiento. Tú lo expresaste muy bien en el único diálogo de carácter político que tuvimos aquellas tarde en que nos enzarzamos en la discusión sobre la “justicia justa”. La situación inhumana en que vive la colectividad justifica su miedo, su aceptación casi gozada del sufrimiento y la abyección. Yo digo “voy a matar al tirano para liberar a mi pueblo”. Pero es una frase vacía, desprovista de historia, de sentido común. ¿Porque quién puede libertar a un pueblo que no quiere ser libre, que ama ser esclavizado? Únicamente se liberan los libres.²⁴¹

A distância econômica entre aliados do governo e cidadãos comuns era demasiadamente gritante, os frutos do contrabando e dos cassinos e do tráfico não repartidos como o restante da população levando a esta parte da população a buscar caminhos que levassem a sobrevivência, entre eles a prostituição. No trecho abaixo o personagem Felix Moral se depara com uma situação inusitada ao chegar ao hotel destinado aos escritores do encontro e seu camareiro Odisseo, de apenas catorze anos, lhe informa:

Lo hizo en un periquete como un gimnasta habituado a contorsiones exhibicionistas. El mismo eligió las posturas en las que “soy – dijo- más fotogénico”. Le hice varias tomas del rostro, del torso de frente y de espaldas. Quiso también que le fotografiara las piernas, las nalgas y los genitales. Los señores de edad se quedan encantados. Dicen que son los más lindos del mundo. Total, la docena de fotos le sale lo mismo. Las que me ha sacado ya van en la propina que me acaba de dar. Después hablamos y le hago precio²⁴²

O trecho acima demonstra uma característica da realidade paraguaia nesse período, tirar proveito de tudo que se pode para sobreviver, entre eles produtos roubados como “carros malos²⁴³”, conseguir favores de políticos e até o próprio corpo acaba sendo moeda de troca.

O romancista também retrata os feitos do regime que alimentavam o discurso do poder para criar uma imagem positiva da ditadura e construíam o ditador como o segundo Reconstructor da Nação. Alfredo Stroessner incorpora em seu discurso político a ideia de Reconstructor da Nação e se equipara com a figura de Bernadino Caballero que foi consagrado pela história oficial como o Reconstructor da Nação paraguaia pós-guerra.

Tres conquistas adicionales aumentan la satisfacción y el orgullo del dictador: los créditos astronómicos que ha obtenido de los bancos mundiales para la realización de esta empresa faraónica. Lo que representa el regreso de el feudo paraguay al redil de los países más favorecidos por la ayuda del BID del Fondo Monetario

²⁴¹ E.F,p.224

²⁴² E.F,p.275

²⁴³ Carros brasileiros roubados na fronteira com o Brasil. A opção por comprar carros roubados se dá pela alta taxa de tributação, um carro legalizado sairia quatro vezes mais do que um ilegal.

Internacional y del Banco Mundial, bajo el signo de la democracia imperial en conexión con otros centros financieros europeos y asiáticos. El lema del dictador “abrir los brazos al capital extranjero” se cumple de la manera generosamente. Es el único elemento faróneo al que se permite la entrada.

Un segundo logro de carácter social alimenta mercedamente su autosuficiencia de estadista probo y moderno: el haber resultado del golpe el problema de los cien mil campesinos sin tierra, causa permanente de un gasto superfluo de energía represiva. Los ha puesto en su totalidad a trabajar en la construcción del TAV bajo la vigilancia de las tropas de un cuerpo del ejército. Diez mil hombres con tanques y helicópteros para custodiar a cien mil hombres armados de pala, pico, miseria e impotencia alimentados con cien toneladas diarias de poroto y bastimentos, no es un mal negocio.²⁴⁴

De inmediato, como si le hubiera oído el comandante responde haciendo vibrar la cabina con las resonancias de los altavoces. En el Paraguay no se derrocha nada, la fuerza de la naturaleza es inagotable. La luz de la central de Itaipú alumbrará más que el sol, pero no se apaga como el sol al caer de la noche. El cielo nocturno y el cielo diurno han dejado de verse en el Paraguay. No se vendiendo tal vez, pero ni falta que hacen.... La luz que nunca se apaga de Itaipú ilumina el Paraguay en un día perpetuo con el poder del Gran Reconstructor.²⁴⁵

Se por um lado o estronismo trouxe investimentos externos sejam, americanos ou brasileiros, dariam a impressão de mudança na realidade paraguaia, uma modernização do país e a geração de empregos pela construção de Itapu, causaria euforia econômica e apaziguamento das tensões sociais. Por outro lado, o lucro gerado pela construção foram mal gastos com a vigilância dos trabalhadores e não foram convertidos para em melhorias sociais.

A abertura das fronteiras para o comércio levou a uma entrada massiva de imigrantes que se apropriaram das riquezas geradas pelo contrabando e mais uma vez o paraguaio não poderá usufruir de sua terra, pois tem muitos senhores: o governo, as elites paraguaias, os brasileiros e agora os orientais.

Me encuentro de nuevo en la ciudad, sepulcral agraviada por la presencia de los mercenarios asiáticos, semejantes a figuras espectrales, camuflados de seres humanos, armados hasta los dientes. Me siento sin embargo más extranjero que ellos.²⁴⁶

4. Resistir ou perecer: apontamentos de uma crítica social

O intelectual Roa Bastos constrói sua compreensão do regime sob a perspectiva do funcionamento do poder institucional e também busca demonstrar a existência de uma resistência ao poder seja ela real ou simbólica. Neste tópico analisarei alusões feitas ao

²⁴⁴ E.F, p 358

²⁴⁵ E.F, p. 251.

²⁴⁶ E.F, p. 268.

movimento de resistência ao regime e a crítica social que visa discutir a saída do Paraguai dessa situação opressora.

Hay una verdad irrefutable: no existe en el mundo una cosa inferior a otra, solo el poder es inferior a la franqueza. Voy a destruir con la mía el siniestro poder que oprime a mi patria. Tengo que hacerlo ahora ya que no podré alcanzar la edad de las águilas. Sentimientos como los míos, ciertamente, tienen su locura, pero es esta locura la que engendra felicidad.²⁴⁷

Al igual que los Candia. Los Soler, los Derliz Villagra, Los Agapito Valiente Los Agustin Goiburu, y tantos otros hombres y mujeres, millares y millares de heroínas y héroes anónimos que dieron su vida en la lucha clandestina de la liberación.²⁴⁸

Neste trecho, a resistência aparece como um projeto de futuro que visa destruir as formas de desigualdade e do poder atual, a vontade do novo é vista como uma loucura que traria felicidade. Esse projeto se configuraria como uma redenção daqueles que foram mortos pelo regime e buscavam apenas a liberdade. Ao rememorar nomes como: Agustín Goiburu, dirigente político do MOCOPO (Movimento Popular Colorado) morto em 1977, Los Soler (irmãos Carmen e Miguel) militantes socialistas, Los Candia que atuaram no movimento operário e entre tantos heróis anônimos que merecem o devido reconhecimento e respeito por sua luta e sacrifício pelo país.

Em outra passagem defende com mais veemência a morte do Ditador, como forma de honrar a morte dos heróis da resistência, a vingança se torna palavra de ordem para a ação de Felix Moral.

Una vez usado - me encareció - debes esconder todo esto en lugar seguro donde no lo encuentre ni el diablo. Borra todo vestigio. Pueden surgir investigaciones. Sé que me meto en un lío padre. Pero lo hago para vengar en cierto modo la memoria de Agustín y de todo los que como el fueron sacrificados en espantosas torturas. El tiranosaurio por lo menos no sufrirá ningún dolor, la montaña²⁴⁹ de dolor que ha causado a nuestro pobre pueblo caerá sobre el convertida en un chorrito de milésimas de milímetros. Quedará reducido a la altura de sus botas. Tendrán que enterrarlo en un cajón de criatura. Suerte y coraje. Que todo salga bien. Nos despedimos en silencio como dos cómplices que caminan maniatados hacia el tablón de un cadalso²⁵⁰

A derrubada do Tiranossaurio é posta como urgente no romance, a mudança deve ser imprescindível para a liberdade do povo paraguaio. Resistir se torna um ato de sobrevivência e não mais de oposição ideológica

²⁴⁷ E.F, p. 222.

²⁴⁸ E.F,p 256

²⁴⁹ E.F,p 209

²⁵⁰ Idem

Un acto en el que pueda ofrendaste sacrificio. Rematar al tirano puede cambiar por completo la suerte de una sociedad esclavizada.²⁵¹

O clamor pela resistência presente enredo se intensifica na crítica social que foi empreendida por Roa Bastos. No trecho abaixo, a reflexão gira em torno do que seria importante para o povo paraguaio, o intelectual prega o fim do poder ditatorial, o *Tiranossaurio* não será eterno, deve perecer, pois governos tiranos vão e vem e o povo deve seguir em frente.

Hay cosas más importantes para un pueblo que acuchillar o colgar a un tirano aunque no sea más que en efígie o en pensamiento. Los tiranos mueren los pueblos sobreviven.²⁵²

Outro ponto importante na crítica social empreendida pelo intelectual se mostrar na preocupação sobre o que fazer com os crimes cometidos pelo regime e que caminhos o Paraguai deve seguir:

Están los hechos, Jimena, la represión el genocidio. Existe la ciencia jurídica, el código penal la experiencia última de los crímenes de lesa humanidad del nazismo y del fascismo juzgado por tribunales especiales. Conocía el desprecio moral de Jimena por la justicia Justa. ¿Jimena se exaltó es eso, dijo, lo que tu llamas justicia justa? Quien puede aplicarla. Si el tiranosaurio cayera prisionero en este mismo instante por un golpe militar o por un levantamiento popular. ¿Quien podría juzgarlo? Una justicia absolutista? ¿La misma que practica el poder absoluto como un privilegio exclusivo y providencial? ¿Un fiscal omnisciente? ¡Vamos Felix! No suenes con esa Justicia Justa. Ella no existe sino como un sueño que se ha cobrado en la realidad innumerables víctimas. El tiranosaurio es un criminal de guerra Jimena Todo se hace bajo su estricto control personal y bajo el único estatuto legal de la “orden superior” Un Juicio sumarísimo bastaría para enviarlo al pelotón de ejecución, a la horca o a prisión perpetua, como está ocurriendo con los criminales de guerra nazis cazados por los judíos. ¿Lo que és Simon Wiesenthal es el último cazador de criminales de guerra que queda en el mundo? En proporción los holocaustos del Paraguay han superado las mayores atrocidades de todos los tiempos.

O trecho acima apresenta uma reflexão entre o personagem Felix Moral e sua companheira Jimena Tarsis sobre o que deve ser feito com os crimes do estronismo. Felix acredita que o *Tiranossaurio* deve pagar pelos seus crimes assim como os nazistas no Tribunal de Nuremberg, que a justiça seja feita. Felix sonha como uma justiça honesta e capaz de punir o governante paraguaio, pois durante a ditadura o judiciário era controlado pelo estronismo por meio de propinas e indicações a Suprema Corte feitas pelo Executivo.

A fala de Jimena se contrapõe a Felix chamando-o de sonhador, pois isso não seria possível no Paraguai, a deposição do tirano aconteceu pelas mãos do grupo que o sustentou no

²⁵¹ E.F, p 58

²⁵² E.F, p 62

poder por 30 anos, e não pela população que foi atingida por ele. O grupo em questão não poderia e não quis julgá-lo, ao punir Stroessner deveria punir todas as redes ligadas a ele.

5. A história por Roa Bastos.

No decorrer do romance *El Fiscal*, o escritor Roa Bastos buscou discutir o conceito de história por meio das reflexões do personagem central Félix Moral durante sua estada em Paris ou nas conversas com sua companheira Jimena na casa em Nevers.

Roa Bastos considera que a história enquanto vivência humana é composta por fragmentos como se refletisse em um espelho quebrado, contar a história de um povo e sempre um ato póstumo, pois é narração do vivido que não volta mais e ao mesmo tempo é navegar em ruínas. Todo esse trabalho sempre é um caminho desorientador e tortuoso.

La realidad del mundo de un ser humano que es esencialmente fragmentaria, como si estuviera reflejada en un espejo roto. Los escritos póstumos se parecen a eso fragmentos que brillan en la oscuridad. Tratan de contar una historia en ruinas. Son fragmentos de ruinas ellos mismos. Ofrecen un lugar de residencia adecuado a lo que ya no volveremos a ser. Y esto sucede con mayor razón en el gran espejo roto de la historia de un país, de la humanidad, sembrada de ruinas, entre las cuales caminan desorientados los muertos de este mundo como se estuvieran vivos. Quisiera demoler esas ruinas. La demolición de una ruina es siempre un espectáculo hermoso y aterrador.²⁵³

Em seguida Roa Bastos defende que a história deve ser entendida a partir de relatos e histórias individuais em seu conjunto é uma história coletiva, ou seja, da sociedade. O autor acredita que a história dos grandes homens não deveria atrair a atenção nem de historiadores nem do público em geral. Em uma reflexão sobre os escritores e portanto sobre sua atividade edos historiadores acredita que deveriam empenhar-se em escrever a história sob o ponto de vista do homem comum, das minorias e dos grupos marginalizados como as mulheres, os imigrantes, os exilados.

La historia de una vida no existe sino en amalgama con otras vidas. Entonces la historia que relata de la suya el que se desnuda en público con el impudor de una vieja meretriz es la que menos interesa y hace desear las que no cuenta.²⁵⁴

²⁵³ E.F, p 26

²⁵⁴ E.F, p.29

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cena política paraguaia ao longo do século XX foi marcada pelas disputas pelo poder entre liberais e colorados e pela implantação de governo autoritários sob a justificativa de manter a ordem do país. Nesse contexto surge dois eventos que interferiram diretamente na produção artística paraguaia: A guerra civil de 1947 e a Ditadura de Alfredo Stroessner.

A guerra Civil de 1947 realizada durante o governo de Higinio Morínigo desencadeou um processo de perseguição política aos opositores do grupo colorado e um processo de exílio em massa que levou 400 mil paraguaios para Argentina. Nesse momento ocorre a dispersão do pensamento produzido na década de 1940 com a saída de diversos intelectuais paraguaios. Entre eles está o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos.

A longa ditadura estronista intensificou a perseguição aos intelectuais, pois eram considerados inimigos de estado, chegando a desmantelar o pensamento crítico dentro do país. Esta ditadura obriga os intelectuais a pensar e discutir sobre seu país além de suas fronteiras, o exílio tornou-se um lugar seguro para desenvolver uma arte crítica e livre.

O longo período de exílio vivido pelo intelectual Augusto Roa Bastos motivou a usar sua literatura como canal de luta política, os romances, em especial, se configuraram um importante espaço de expressão da sua crítica social em relação a sua terra natal.

O exílio para este intelectual ampliou sua visão do homem e de seu país. Conseguiu ver que a violência, o sofrimento humano a perseguição política, as desigualdades entre os homens e os abusos de poder se constituíam como elementos universais a experiência humana. Todavia a experiência do exílio proporcionou ao intelectual compor obras literárias que representassem o universal e o particular.

A história paraguaia é o ponto de partida para o intelectual discutir questões mais profundas como os efeitos do poder sobre o homem comum, as desigualdades sociais, a experiência de desterro que afligiram sua terra natal, bem como o continente americano. Ao longo da pesquisa verificamos que a escrita roabastiana pode ser vista como comprometida

com a realidade, com a ética e com ser humano, por essa razão que podemos considerá-la de caráter universal.

A escrita comprometida do intelectual Augusto Roa Bastos está ligada ao contexto político paraguaio e sua crítica social adquiriu dois eixos: o primeiro reside no Estado e suas relações de poder e o segundo residem na resistência ao autoritarismo.

Na obra *Yo, El Supremo* (1974) percebeu que a crítica social do intelectual parte do Estado e do poder com a construção da biografia romanceada de José Gaspar Rodríguez de Francia que analisa a presença do autoritarismo na história paraguaia e seus efeitos na sociedade como o medo, a ausência da liberdade civil. A partir desta análise o escritor dialoga a ditadura estronista nas entrelinhas do romance, pois o romancista apresenta eventos do estronismo em nomeá-lo ao longo do enredo

Em *Yo, El Supremo*, o escritor apresenta o personagem histórico José Gaspar Rodríguez Francia como um governante defensor da soberania nacional que a todo custo tenta afastar estrangeiros que desejam aproveitar-se de seu país provocando o autoisolamento do Paraguai. Essa visão construída por Roa Bastos se configura uma forte crítica a postura de Alfredo Stroessner em relação a defesa da soberania do país.

O estudo do estronismo para este trabalho revelou que a ditadura de Alfredo Stroessner deu abertura para capital estrangeiro em especial brasileiro e norte americano, o estímulo ao contrabando e a falta de investimento no setor industrial impediu que a produção nacional ganhasse importância. Outro aspecto percebido que confirmam a falta de defesa do elemento nacional pelo ditador aparece na presença de brasileiros e orientais que contribuíram para aumentar a desigualdade social do país, pois estes irão ocupar as melhores terras e os melhores postos de trabalho no comércio.

Ao longo da análise do romance *Yo, El Supremo*, presente no capítulo dois, se percebe que o material histórico utilizado no enredo tem uma dupla função: a primeira função é desconstruir a concepção de história como verdade única e inquestionável, a segunda é demonstrar a construção histórica como produto de diversos muitos sujeitos históricos. A escrita da história nacional é apresentada como um campo de conflitos, discordância e batalhas que buscam unificar a multiplicidade de ações humanas.

O romance *Yo, El Supremo* é um esforço literário histórico demonstrar como a história paraguaia foi é construída e escrita e ao mesmo tempo se configura num manifesto político que clama à historiografia busque escrever a história do paraguaio comum e não somente a história os homens públicos.

Entendemos que a escrita do intelectual Augusto Roa Bastos em *Yo, El Supremo* dialoga com duas transformações no campo das ciências humanas: a primeira relaciona-se com o movimento intelectual latino americano dos anos sessenta do século XX que questionou seu modelo literário com a inserção de experimentações linguísticas que aparecem no romance em forma narrativa desordenada e fragmentada e com a presença de vários gêneros textuais como cartas, documentos oficiais, memórias, panfleto misturando-se ao enredo.

A segunda transformação das ciências humanas, na qual, o romance dialoga é renovação da ciência história que nos anos sessenta e setenta do século XX agregou novos objetos aos estudos históricos tais como as mulheres, as crianças, a cultura popular, o homem comum, novas fontes e vai buscar conceitos na sociologia, na antropologia, na linguística para compreensão desses temas. A abertura da história para os temas acima citados, permitiu que a concepção de história mudasse, agora a história deixa de ser total e passa a ser múltipla formada de versões e não de verdades incontestáveis.

A outra fonte deste trabalho *El Fiscal* (1993) também apresentou diálogo com o contexto político paraguaio, no entanto, esta obra não segue o mesmo caminho que *Yo, El Supremo*, pois não se trata de uma revisitação ao passado para compreensão das origens da sociedade paraguaia, todavia, este romance busca de pensar um projeto de futuro para o país, após a queda de Stroessner.

Esse projeto de futuro tem como base a crítica política ao governo, evidenciando os aspectos negativos dos anos de chumbos e tenta construir de uma nova memória coletiva trazendo a público os horrores da ditadura para que as novas gerações tenham conhecimento dos efeitos de um governo autoritário e que essa história para que não se repita.

O que há de comum entre as duas obras é a concepção de história do escritor que entende a construção histórica como uma amálgama de muitas outras histórias.

O presente estudo revelou que as principais diferenças entre os romances *Yo, el Supremo* e *El fiscal* está na maneira em que o escritor pensa a história e momento vivido histórico por ele.

No primeiro romance a reflexão do autor é demonstrada na maneira em que história paraguaia foi escrita, a partir do questionamento da escrita da história o intelectual Roa Bastos mostra a história de Francia foi escrita como ela é vem sendo representada no discurso oficial. Em outro momento do romance o questionamento de fatos históricos aparece para desconstruir a verdade histórica incontestada. A contestação da versão oficial da história paraguaia demonstra diálogo do romance com o contexto histórico, pois incorpora a concepção de história formulada pela renovação historiográfica dos anos 60 e 70.

No romance *El Fiscal* a preocupação não está mais em pensar na escrita da história, o foco é deslocado para a memória do regime estronista. Este romance configurou-se como um esforço do intelectual paraguaio de pensar a realidade de seu país sem a presença do estronismo. O processo de transição democrática no Paraguai leva este intelectual a tentar construir outra visão do regime estronista a partir da abertura das valas clandestinas e da abertura do Arquivo do Horror.

O elemento histórico neste romance se configurou um fio condutor para pensar na memória coletiva paraguaia que ainda encontrava-se em construção, buscava-se resposta para os desaparecidos políticos, parte da sociedade desejava conhecer o lado sombrio do estronismo, os heróis de ontem já não fazem mais sentido. Neste momento a sociedade Paraguai precisaria de novos rumos e novas referências políticas que representasse o momento democrático.

O presente trabalho conseguiu atingir os objetivos a que se propôs: de pensar os romances à luz do contexto que os produziu, a posição de Roa Bastos frente a realidade política e social de seu país e compreendeu a concepção de história mostrada pelo autor nas fontes escolhida. No entanto, essa pesquisa é apenas uma pequena contribuição sobre conhecimento da história paraguaia.

Os romances, os livros de contos e a poesia do intelectual Augusto Roa Bastos no Brasil tem sido pouco aproveitada pelos historiadores. Estas fontes literárias apresentam inúmeras informações históricas sobre o país, em especial, a história do século XX, bem como oferece representações da mulher paraguaia, do exilado político, do trabalhador rural.

Em se tratando de um material rico para o estudo da história paraguaia, sugiro como possibilidade de pesquisa para os outros historiadores: o estudo do romance *Madame Sui* a partir da representação da mulher paraguaia na ditadura estronista, um estudo comparativo em torno da representação do exilado nos romances *Contravida* e *El Fiscal*.

FONTES:

ROA Bastos, Augusto. **Yo, El Supremo**. Buenos Aires: Siglo XXI. Colección La Creación Literaria, 1974.

ROA BASTOS. Augusto. **El Fiscal**. Assunção:El Lector,1993.

REFERÊNCIAS²⁵⁵

- AGUILAR, Rosa Palau; BOCCIA PAZ, Alfredo; SALERNO, Osvaldo. **Paraguay: los archivos Del terror: Los papeles que resignificaron la memoria do stronismo**. Assunção: Editorial Servilibro, 2008.
- ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Ideologia Autoritária**. Trad. Luis Felipe Viel Moreira; Marcela Cristina Quinteros. Brasília: Funag/IPRI, 2005.
- ALCALÁ, Hugo Rodríguez. **El vanguardismo en el Paraguay**. *Revista Iberoamericana*, vol XLVIII, número 118,119 Enero-Junio, 1982, p.247. Disponível em:<<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/>>. Acesso em 08 dez.2012
- ALTAMIRANO, Carlos. **Introducción General**. In: *Historia de los intelectuais en América Latina*. Buenos Aires:Katz, 2008.
- AL'PERÓVIČ, Moisei Samuilovič. **La dictadura del Dr. Francia en la historiografía del siglo XX**. *Estudios Latinoamericanos*, v. 5, p. 86-96, 1979.
- ARDITI, Benjamin. **Adios Stroessner: nuevos espacios, viejos problemas**.In: Nueva Sociedad, nº 102 Julio-Agosto de 1989.Disponível em:<<http://www.nuso.org>> . Acesso em 22 jul.2011
- BAEZ, Cecílio: **Historia colonial del Paraguay y Río de la Plata**. Asunción 1926.
- BAREIRO, Line.; ESCOBAR, Ticio.; SOSNOWSKI, Saúl (comp.).**Hacia una cultura democrática en el Paraguay**. Assunção: CDE, 1994.
- BAREIRO-SAGUIER, Rubén. **Los intelectuales frente a la dictadura: la represión cultural en Paraguay**. *Revista Nueva Sociedad*, número 35, marzo-abril,1975, p.55-63.Disponível em:<<http://www.nuso.org>> . Acesso em 22 jul.2011
- BRANCHER, Ana; SOUZA, Fábio Franscisco Feltrin de.**Políticas na exterioridade-notas sobre o exílio de escritores latino americanos**.*Revista Esboço*, 20, p.205-221,2008.
- BENITEZ, Justo Pastor. **La vida solitaria del Dr. José Gaspar de Francia, Dictador del Paraguay**, Buenos Aires, 1937.
- BOCCIA PAZ, Alfredo, GONZÁLEZ, Myriam y PALAU, Rosa. **Es mi informe**. Assunção: Ediciones CDE, 1994.
- BOCCIA PAZ, Alfredo **La década inconclusa. Historia real de la OPM**. Asunción Editorial El Lector, 1997.

²⁵⁵ Os nomes, nas referências, estarão completos e não apenas com as iniciais, como prevê a NBR 6023:2002, porque há a intenção de informar ao leitor as fontes de pesquisa com maior riqueza de detalhes.

BOCCIA PAZ, Alfredo, GIMENEZ, Glória; LOPEZ, Miguel H.; PECCI, Antonio. **En los sótanos de los generales. Los documentos ocultos del operativo cóndor.** Asunción: Expolibro/Servilibro, 2002.

BOCCIA PAZ, Alfredo. **Diccionario usual del stronismo.** Asunción: Editorial Servilibro, 2004.

BOCCIA PAZ, Alfredo. **.2 de febrero de 1989 ¿Qué hacías aquella noche?** Asunción: Editorial Servilibro, 2008.

BOCCIA PAZ, Alfredo. **Los “archivos Del horror” del Paraguay: los papeles que resignificaron la memoria del stronismo.** In: FICO, Carlos...[et al.]. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas.* Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2008

BOCCIA PAZ, Alfredo, FARINA, Bernardo Neri. **El Paraguay bajo el stronismo (1954-1989)**, n.13. Asunción Editorial El Lector, 2010.

BOGADO, Victor. **Paraguay: teatro y transición democrática.** In: *Latin America Theatre Review.* Spring 1997.

CARBAJAL, **Brent J. Historia ficticia y ficción histórica: Paraguay en la obra de Augusto Roa Bastos.** Madrid: Pliegos, 1996

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 8 ed. -São Paulo: T.A Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Uma Visão Latino-americana.** In: AGUIAR, Flávio; Chiappini, Lígia (orgs). *Literatura e História da América Latina.* São Paulo: Edusp, 2001.

CARDOZO, Efraim. **Paraguay Independiente.** Barcelona, 1949

CARLYLE, Thomas. **Dr. Francia.** In: *Critical and Miscellaneous Essays*, Volume VI. London: Chapman and Hall, 1869.

CARPENTIER, Alejo. **Literatura & Consciência Política na América Latina.** Trad. Manuel J. Palmerim. Madri: Alberto Corazon, 1969.

CARPENTIER, Alejo. **El recurso del método.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1974.

CARTER, Miguel. **El papel de la Iglesia en la caída de Stroessner.** Assunção: RPEditiones, 1991.

CHAVES, Júlio Cesar. **El Supremo Dictador.** 5 ed. Editor: Carlos Schauman, Asunción-Paraguay, 1985. Disponível em: <http://www.portalguarani.com>.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998.

_____. **Práticas de Leitura.** Tradução: Cristiane Nascimento. 4ed. Estação Liberdade: São Paulo. 2009

CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

COSTA, Adriane Vidal. **Os intelectuais e o boom da literatura latino americana e a revolução Cubana**. In: Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. v. 01 São Paulo, 2011.

COSTA, Albertina de Oliveira. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS. Madri, nº 493/494 Jul/Ago/ 1991.

DOSSE, François. **Questões suscitadas pela pluralidade dos modelos interpretativos em ciências sociais: a guinada interpretativa**. In: *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentidos*. São Paulo. Unesp, 2001.

Dossier Paraguay. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales y Instituto de estudios de América Latina y el Caribe, Maio/ 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/59701708/Dossier-Paraguay>> Acesso 12 maio.2011.

FRANCO, Jean. **La cultura moderna en la América Latina**. México: Joaquim Mortiz, 1990.

GARAY, Blas. **Compendio elemental de historia del Paraguay**, IV ed., Asunción 1929

GINZBURG, Carlo. **‘Sinais: raízes de um Paradigma Indiciário**. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. – São Paulo: Cia. das letras, 1989

HOBBS, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Otávio. **Ensaio de sociologia da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.

JITRIK, Noé. **Historia e Imaginación literaria: las posibilidades de un género**. Buenos Aires: Biblos, 1995

KRAUZE, Enrique. **Os redentores: ideia e poder na América Latina**. Trad. Magda Lopes, Cecília Gouveia Dourado, Gabriel Federicci. São Paulo: Saraiva, 2011.

LAINO, Domingo. **José Gaspar Rodríguez de Francia: El conocimiento como arma**. Assunción: Ediciones Cerro Corá, 2010. Disponível em: www.portalguarani.com.py. Acesso em 15 jan de 2013.

LEWIS, Paul H. **O Paraguai da Guerra da Tríplice Aliança à Guerra do Chaco**. In: *História da América Latina: de 1870 a 1930, volume V*. Org. Leslie Bethell. São Paulo: Edusp, 2008.

LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U, 1973.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **El Otoño del Patriarca**. Madri: Plaza & Janes. 1975.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. **A representação da mulher paraguaia em contos de Josefina Plá**. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Estadual Paulista/ Campus de Assis/SP.

MILTON, Heloísa Costa, **As histórias da história - Retratos literários de Cristóvão Colombo**. Tese de doutoramento (inédita). FFLCH/USP, 1992.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Tradição e renovação**. In: MORENO, César Fernandez (coord). *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MOREIRA, Luis Felipe Viel. **Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936)**. Anais do V Encontro da ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-americana e caribenha. Belo Horizonte, 2002.

NAVARRO, Márcia Hoppe. **O Romance do ditador**. São Paulo: Ícone, 1987

NOVAPOLIS. *Revista de estudos Políticos Contemporâneos*. Disponível em: <<http://novapolis.pyglobal.com>> .Acesso em 20 nov.2011.

PACHECO, Glória Elizabeth Saldivar de. **Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da história paraguaia**. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PADRÓS, Enrique Serra (Org.) ; NUNES, Carmen L. da Silveira ; LOPEZ, Vanessa A. ; FERNANDES, Ananda S. **Memória, Verdade e Justiça: as marcas das ditaduras do Cone Sul**. 1. ed. Porto Alegre: Corag, 2012. 291 p.

PADRÓS, Enrique Serra. **O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional**. In: *Vestígios do Passado a história e suas fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Papeles de trabajo. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. Ano 3, n. 6, Buenos Aires, ago/2010. Dossier: “Paraguay: reflexiones mediterráneas”. Disponível em: <http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/1%20Introducci%C3%B3n%20Wilde%20Couchonnal.pdf> Acesso em 14/jan/2011.

PEIRÓ BARCO, JOSE VICENTE. **Literatura y sociedad: la narrativa paraguaya actual (1980-1995)**. Tese (doutorado em Filologia espanhola), Faculdade de Filologia, Universidade de Educação à Distância. Madri, 2001. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/autor/peiro-barco-jose-vicente--0/>. Acesso em 10 set.2011

PEIRÓ BARCO, José Vicente. **Ecoss vanguardistas en la narrativa de Paraguay (1970-1992)**. Assunção: Editora Felicita Kartonera, 2010. Disponível em <<http://zethyaz.blogspot.com/2008/09/ecos-vanguardistas-en-la-narrativa-de.html>>. Acesso em 10set.2011

PRESSOTTO, Paulo Henrique. **Augusto Roa Bastos no Paraguai e no Brasil: cartas, entrevistas e críticas**. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2002.

POLO, Victorino García .**Encuentro com Roa Bastos.Monteagudo: Revista de literatura española, hispanoamericana y teoría de la literatura**, ISSN 0580-6712, Nº 11, 1993, págs. 53-59

POLLACK, Michael, **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

RAMA, Angel. **Los dictadores latinoamericanos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

RAMA, Angel. **Medio Siglo de Narrativa Latino Americana(1922-1972): La novela en América Latina. Panoramas 1920-1980**. México: Fundación Ángel Rama-Universidad Veracruzana, 1986.

ROA BASTOS, Augusto. **El trueno entre las hojas**. Buenos Aire:Losada(Colección novelistas de España y América, 1953.

ROA BASTOS. Augusto.**El naranjal ardiente(nocturno paraguayo)**. Asunción: Diálogo (colección libros de la Pirita,1960,

ROA BASTOS. Augusto. **Hijo de un Hombre**. Buenos Aires: Losada, Colección de Novelistas de Nuestra Época, 1960.

ROA BASTOS, Augusto. **El Baldío**. Buenos Aires: Losada. Colección Novelistas de Nuestra Época.1966.

ROA BASTOS, Augusto **Madera quemada**. Santiago de Chile: Editorial Universitária (Colección Letras de América), nº 6,1967.

ROA BASTOS, Augusto **Moriencia**. Caracas: Monte Ávila,Colección Prisma, 1969.

ROA Bastos, Augusto. **Yo, El Supremo**. Buenos Aires: Siglo XXI. Colección La Creación Literaria, 1974.

ROA BASTOS. Augusto. **Vigilia del Almirante**. Assunção: RP Ediciones,1992

ROA BASTOS. Augusto. **El Fiscal**.Assunção:El Lector,1993.

ROA BASTOS. Augusto. **Contravida**.Assunção: El Lector, 1994.

ROA BASTOS. Augusto. **Madame Sui**.Assunção:Alfaguara.1996.

ROA BASTOS, Augusto. *Los Conjurados Del Quilombo Del Gran Chaco*. Santillana USA Publishing Company, Incorporated, 2001.

ROBERTSON, John P. & ROBERTSON, William P. **Letters on Paraguay: comprising an account of four years' residence in that republic under the government of the Dictator Francia - in two volumes**. London: William Clowes & Sons, 1838. Disponível em: <http://books.google.com/books>.

ROSSI, Laura M. **El desarrollo de la enseñanza social de los obispos del paraguay (1940-1993): Um compromisso progressivo con la dignidade de la persona humana**. Roma: Editora Pontificia Universitá Gregoriana, 1998.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Claudia Regina Ferreira. **Yo, el Supremo, romance, história: historiografia e literatura paraguaios sobre o Ditador Francia**. Dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SANTOS, Márcia Guena dos. **Operação Condor: uma conexão entre as polícias políticas do Cone Sul da América Latina, em particular Brasil e Paraguai, durante a década de 70**. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, 1998.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, p. 39-62, 1992.

SOLER Lorena. **Claves históricas del régimen político en paraguay. López y Stroessner**. Disponível em: < <http://www.uem.br/dialogos> >. Acesso em: 15 mai, 2011

TELESCA, Ignácio. **Escribir la historia en Paraguay: Modos y lugares de producción. Papeles de trabajo**. Revista del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. Ano III nº 6, Buenos Aires. Ago/2010.

VEIGA, Rui. Roa Bastos: **a ditadura de Stroessner em Gaspar Francia**. LLJournal, Norteamérica, 1, abr. 2006. Disponível em: <<http://ojs.gc.cuny.edu/index.php>>. Acesso: 15 out. 2010.

VIDAL, Paloma. **A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul**. São Paulo: Annablume, 2004.